

Denilson Matias da Silva

HOMOSSEXUALIDADE E FORMAÇÃO PRESBITERAL
UMA REFLEXÃO SOBRE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS VOCACIONADOS HOMOSSEXUAIS

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda

Apoio FAPEMIG

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

Denilson Matias da Silva

HOMOSSEXUALIDADE E FORMAÇÃO PRESBITERAL

UMA REFLEXÃO SOBRE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS VOCACIONADOS HOMOSSEXUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda

FICHA CATALOGRÁFICA

S586h	<p>Silva, Denilson Matias da</p> <p>Homossexualidade e formação presbiteral: uma reflexão sobre o acompanhamento vocacional na formação inicial dos vocacionados homossexuais / Denilson Matias da Silva. - Belo Horizonte, 2022.</p> <p>173 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Homossexualidade. 2. Formação presbiteral. 3. Acompanhamento vocacional. I. Gasda, Élio Estanislau. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 241</p>
-------	--

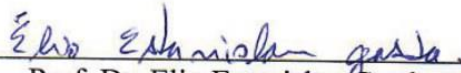
Denilson Matias da Silva

HOMOSSEXUALIDADE E FORMAÇÃO PRESBITERAL
UMA REFLEXÃO SOBRE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL NA
FORMAÇÃO INICIAL DOS VOCACIONADOS HOMOSSEXUAIS

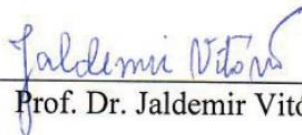
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 23 de novembro de 2022.

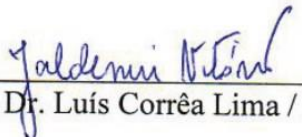
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Elio Estanislau Gasda / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Jaldemir Vitorio / FAJE



Prof. Dr. Luís Corrêa Lima / PUC Rio (Visitante)

Dedico esta dissertação à minha família, aos Coirmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão, ao meu orientador, Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda, aos amigos e amigas da vida e da caminhada e aos formadores e formadoras da Vida Religiosa Consagrada e das Dioceses.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as oportunidades que ele me tem dado, possibilitando-me, cada vez mais, tentar dar o meu melhor a partir da minha consagração.

Agradeço ao Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos, CM, que muito me incentivou a dar os primeiros passos deste estudo.

Agradeço aos seminaristas de cuja formação participei e aos atuais dos quais sou formador, por terem compreendido meus limites de tempo e por terem colaborado na configuração de comunidades amenas, mesmo nos difíceis tempos da pandemia. Bem no início da pandemia e do meu mestrado, passei por uma cirurgia. Foram, então, os seminaristas, com o meu companheiro de trabalho, Pe. Wander Ferreira, CM que cuidaram de mim, muito obrigado. Aos Coirmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão, meus agradecimentos pelo apoio e pela confiança.

Ao Pe. Hugo Barcelos, CM e ao Diácono Allan Ferreira, CM, agradeço-lhes pela compreensão e pelo carinho, bem como pelo suporte no trabalho. Sem vocês, seria muito mais difícil. Aos padres idosos da Comunidade D. Viçoso, obrigado pela fraternidade e pela força.

Aos professores Daniela Gianturco e Mariano Pereira Lopes, meus grandes mestres da língua portuguesa, obrigado pela gentileza de cada página lida.

Agradeço a minha família que, mesmo de longe, sempre torce por mim e participa desse projeto.

Ao meu professor orientador, Dr. Élio Estanislau Gasda, SJ, o meu muito obrigado pela paciência, pela atenção e pelo cuidado. Na sua pessoa, agradeço a todo o grupo de pesquisa, Diversidade e Teologia, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), onde, em cada encontro, pude crescer e me humanizar mais.

Aos professores e demais colaboradores da FAJE, que nunca mediram esforços para me favorecer naquilo que lhes solicitava, gratidão. Das aulas, ficarão muito boas lembranças e aprendizado.

Agradeço aos meus amigos de curso, com os quais pude aprender mais, pela interdisciplinaridade e pelas trocas que tivemos. Agradeço também aos meus amigos e amigas da vida e da caminhada, por me apoiarem e me compreenderem nesse tempo que, em algum sentido, foi um tempo de ausência. Muito obrigado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), meu muito obrigado pela bolsa.

Reaparece «a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade» (Fratelli Tutti, n. 27).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	= Exortação Apostólica pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
CDC	= Código de Direito Canônico
CIC	= Catecismo da Igreja Católica
CNBB	= Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Cor	= Primeira Carta aos Coríntios
CpC	= Congregação para o Clero
CpDF	= Congregação para a Doutrina da Fé
CpEC	= Congregação para a Educação Católica
DAp	= Documento de Aparecida
Dt	= Livro do Deuteronômio
DV	= Constituição <i>Dei Verbum</i> do Concílio Vaticano II
Ef	= Carta aos Efésios
Fl	= Carta aos Filipenses
FT	= Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
Gl	= Carta aos Gálatas
Gn	= Livro do Gênesis
GS	= Constituição <i>Gaudium et Spes</i> do Concílio Vaticano II
Jd	= Livro de Judite
Jo	= Evangelho segundo João
Jz	= Livro dos Juízes
Lc	= Evangelho segundo Lucas
LF	= Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i>
Lv	= Livro do Levítico
Mc	= Evangelho segundo Marcos
OEpFCS	= Orientações Educativas para a Formação ao Celibato Sacerdotal
PCB	= Pontificia Commissione Biblica
2Pd	= Segunda Carta de Pedro
POVE	= Pontifícia Obra para as Vocações Eclesiásticas
RFIS	= <i>Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis</i>
Rm	= Carta aos Romanos
1Rs	= Primeiro Livro dos Reis
TEB	= Tradução Ecumênica da Bíblia
2Tm	= Segunda Carta a Timóteo
USCCB	= United States Conference of Catholic Bishops
VC	= Exortação Apostólica pós-Sinodal <i>Vita Consecrata</i>

RESUMO

O objetivo geral desta investigação é propor, através de um caminho ético e cristão, o reconhecimento dos vocacionados homossexuais nos processos de acompanhamento vocacional e formativos para a Vida Consagrada e para as Ordens Sacras. Reconhecê-los corresponde a reconsiderá-los a partir do seu lugar, como sujeitos visíveis, capazes e chamados por Deus, a responderem livremente, a partir da sua orientação pessoal e sexual, o chamado específico que Deus lhes faz, em vista de uma missão na Igreja Católica e no mundo. Igualmente, urge repensar esses processos de acompanhamento vocacional e de formação diante da negação da real presença homossexual nesses meios e o despreparo funcional de formadores e acompanhantes vocacionais para lidar com essa situação. Para alcançar esse objetivo, utilizaremos a metodologia bibliográfica, recorrendo a autores católicos, teólogos, teólogos moralistas, biblistas, entre outros cientistas; eles nos ajudarão a compreender o fenômeno da homossexualidade no decorrer dos tempos, as suas interpretações pré e pós-científicas e a sua relação com os cenários de acompanhamento vocacional e formativo na atualidade. Cientes da pouca abertura em relação ao tema e dos seus muitos fechamentos, esta pesquisa, como diálogo aberto, propõe um olhar de sensibilidade sobre o fenômeno, com miras à sadia inclusão desses vocacionados em ambientes preparados para a sua recepção, através de acompanhamentos humanos, dignos e, acima de tudo, cristãos.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Formação. Acompanhamento vocacional. Candidatos homossexuais. Consagração. Ordens Sacras.

ABSTRACT

The general objective of this investigation is to propose, through an ethical and Christian path, the recognition of homosexual vocations in the processes of vocational accompaniment and formation for the Consecrated Life and for the Holy Orders. Recognizing them means reconsidering them from their place, as visible subjects, capable and called by God, to respond freely, based on their personal and sexual condition, to the specific call that God makes to them in view of a mission at the Catholic Church and in the world. Likewise, it is urgent to rethink these processes of vocational accompaniment and formation in the face of the denial of the real homosexual presence in these environments and the functional lack of prepare of Formators and Directors of Vocations to deal with this situation. To achieve this objective, we will use the bibliographic methodology, resorting to Catholic authors, theologians, moralist theologians, Bible scholars, among other scientists; they will help us to understand the phenomenon of homosexuality in the course of time, its pre- and post-scientific interpretations, and its relationship with the current vocational and formative accompaniment scenarios. Conscious of the lack of openness in relation to the theme and its many closures, this research, as an open dialogue, proposes a new look at the phenomenon, to better include these vocations in environments prepared for their reception, through a human, worthy and, above all, a Christian accompaniment.

KEYWORDS: Homosexuality. Formation. Vocational orientation. Homosexual candidates. Consecration. Holy Orders.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 HOMOSSEXUALIDADE E IGREJA: DA BÍBLIA AOS ENSINAMENTOS OFICIAIS DO MAGISTÉRIO PONTÍFICIO	23
1.1 A interpretação da homossexualidade fundamentada nas Sagradas Escrituras.....	24
1.1.1 Os atos homossexuais no Antigo Testamento	25
1.1.2 Os atos homossexuais no Novo Testamento	28
1.1.3 A tradição judaico-cristã e o seu legado na compreensão magisterial da homossexualidade.....	30
1.2 Apontamentos sobre os paradigmas da homossexualidade na história da Igreja	32
1.3 Os documentos do Magistério Pontifício e o seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade.....	34
1.3.1 Declaração Persona Humana	35
1.3.2 Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual	36
1.3.3 Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais.....	37
1.3.4 Catecismo da Igreja Católica	37
1.3.5 Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não discriminação das pessoas homossexuais	38
1.4 Considerações sobre os documentos do Magistério Pontifício e o seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade	40
2 A HOMOSSEXUALIDADE NA EMERGÊNCIA DE UMA REAVALIAÇÃO CONCEITUAL	43
2.1 A (im)possibilidade homossexual na teologia da criação	45
2.2 “E eles se tornarão uma só carne” (Gn 1,24): uma antropologia normativa	48
2.3 Os textos fundamentais na condenação dos atos homossexuais: redescobrir para libertar	51
2.3.1 A condenação dos atos homossexuais no Antigo Testamento numa perspectiva atual ..	52
2.3.2 A condenação dos atos homossexuais no Novo Testamento numa perspectiva atual.....	60
2.4 Considerações acerca das bases bíblicas na influência do posicionamento oficial do Magistério Pontifício sobre a homossexualidade	65
2.5 O estado da questão da homossexualidade na teologia atual: as possibilidades de um debate aberto.....	70
3 HOMOSSEXUALIDADE: AS “NOVAS FACES” DA QUESTÃO.....	77

3.1 A homossexualidade no contexto da heteronormatividade	81
3.2 A relação simbiótica entre a homofobia e a história única.....	83
3.3 A questão homossexual: alguns matizes negativos	85
3.4 A questão homossexual: novos matizes	88
3.4.1 A homossexualidade no limiar da patologia	89
3.4.2 A despatologização da homossexualidade	90
3.4.3 A conceituação da homossexualidade	92
3.5 A homossexualidade: um fenômeno humano.....	95
3.6 Considerações acerca das novas faces da questão homossexual.....	97
4 HOMOSSEXUALIDADE E VOCAÇÃO	99
4.1 O posicionamento oficial do Magistério Pontifício sobre as vocações homossexuais.....	100
4.1.1 Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras	101
4.1.2 O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis.....	103
4.2 Os limites e as possibilidades em relação à não admissão dos candidatos com <i>tendências</i> homossexuais profundamente radicadas	104
4.2.1 A questão dos escândalos sexuais associados à pedofilia	105
4.2.2 A questão da atividade sexual	108
4.2.3 A questão da <i>tendência</i> profundamente radicada	109
4.2.4 A questão da paternidade espiritual.....	111
4.2.5 A questão da <i>cultura gay</i>	114
4.3 Perspectivas acerca do número de homossexuais nos seminários, na Vida Consagrada e no Clero: uma realidade negada	115
4.4 Os vocacionados homossexuais: novos sujeitos, novas práxis	118
4.5 Vocação à luz do evento Cristo	122
4.6 Teologia da Vocação	125
4.7 Considerações acerca da questão da homossexualidade e vocação	131
5 O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL DOS CANDIDATOS HOMOSSEXUAIS	135
5.1 Sexualidade e formação: ambientes saudáveis para o acompanhamento vocacional	137
5.2 A singularidade do acompanhamento dos vocacionados homossexuais nos ambientes comuns de formação.....	141
5.3 Acompanhar a partir da hospitalidade: a necessidade de conhecer.....	146
5.4 Homossexualidade, castidade e celibato na formação inicial.....	151

CONCLUSÃO.....	159
REFERÊNCIAS	165

INTRODUÇÃO

A presente dissertação apresenta o tema da homossexualidade, correlacionando-o à formação presbiteral dos vocacionados¹ homossexuais que se sentem chamados aos Seminários e às Ordens Sacras. As ciências modernas impulsionaram estudos criteriosos acerca do fenômeno homossexual, possibilitando interpretações mais positivas da homossexualidade em diversas áreas do saber, inclusive na Teologia.

Na contemporaneidade, dentre as novas formas de interpretação da questão homossexual, tem sido elaborada uma literatura teológica que propõe a revisão do tema. Cabe à Teologia, como saber que também investiga fenômenos que incidem na vida e na práxis cristã, não deixar à margem um debate tão atual que, ao mesmo tempo, pode parecer controverso, em termos de compreensão e acolhimento. Nesse sentido, sobre os posicionamentos e as conclusões a respeito da homossexualidade, no campo da teologia, pode-se afirmar que não são uniformes, como se verá no transcurso desse estudo. Há uma tensão entre as concepções mais conservadoras, moderadas e as mais progressistas. Nosso intuito é refletir a partir de um senso de equilíbrio, tendo como ponto de origem o ser humano no centro da questão.

A proposta de “*derrubar muros e construir pontes*” é uma máxima que deve acompanhar o labor teológico, tendo por finalidade a construção da “*cultura do encontro*”, desobstruindo vias que favoreçam o respeito a alteridades que requerem inclusão. Para construir pontes que sirvam de passagem da divergência à convergência, isto é, à inclusão, é necessário desconstruir o muro dos conceitos e dos posicionamentos negativos em relação à homossexualidade, pois, eles execram as pessoas homossexuais, conduzindo-as à exclusão e à marginalização.

Com o advento das ciências modernas houve um giro na interpretação do fenômeno da homossexualidade, demarcando, assim, a urgência da sua revisão, *intra ecclesiam*, à luz da emergência da pessoa homossexual, como discurso que contesta a pura análise negativa dos atos e dos comportamentos homossexuais.

As contribuições das ciências modernas, como propulsoras da invalidação da compreensão pré-psicológica e pré-científica da homossexualidade, recomendam a reavaliação

¹ Além do termo “*vocacionado/vocacionados*” utilizaremos o vocábulo “*candidato/candidatos*” com a mesma intenção conceitual, isto é, definindo aqueles que se sentem chamados aos Seminários e às Ordens Sacras, seja no processo de acompanhamento vocacional anterior à entrada a uma Diocese, Congregação ou Instituto, ou posteriormente, já tendo ingressado. Igualmente, utilizaremos a palavra “*seminarista/seminaristas*” considerando-os “*vocacionados/candidatos*” que já se encontram dentro de um Seminário ou Casa de Formação, mas que ainda não concluíram a etapa da formação inicial.

do tema a partir do surgimento de um ser pessoal que se afirma a partir de uma orientação legítima de existência. Assim, a homossexualidade deve ser compreendida a partir da existência concreta das pessoas homossexuais e não por meio de classificações genéricas, pautadas pelas análises massivas e periféricas de comportamentos individuais que não devem ser aplicadas à totalidade de um grupo. Cada pessoa homossexual traz um modo particular de ser e isso a torna irreduzível às generalizações negativas do fenômeno.

Na modernidade, os juízos dos atos e dos comportamentos homossexuais, paradigmaticamente análogos à interpretação prévia da Igreja Católica, influenciada pela tradição judaico-cristã, começaram a perder espaço diante das novas afirmações científicas. Surgiram estudos que concluíam que, assim como a heterossexualidade, a homossexualidade é a orientação sexual de algumas pessoas, não se tratando de um desvio perverso, pecado ou crime resultados de uma escolha pessoal. Da mesma forma, a classificação patológica do fenômeno foi derrubada com o avanço das ciências médicas e psicológicas modernas. Concluiu-se que as pessoas homossexuais não são homossexuais porque optaram. A então afirmada “*opção sexual*”, vinculada ao desvio, ao pecado, à perversão, à criminalidade e à anomalia, entres outros fatores, torna-se inválida frente à afirmação de uma orientação marcadamente ontológica.

Ao se romper o eixo estrutural dos juízos e das análises negativas da homossexualidade, por meio de estudos científicos, inicia-se um processo de reconhecimento das pessoas homossexuais, majoritariamente excluídas da sociedade heteronormativa, como sujeitos sociais, protagonistas das suas próprias histórias. A mudança de mentalidade, em relação à “*redescoberta*” da humanidade da pessoa homossexual, começa a se sobrepor às antigas classificações negativas do fenômeno.

Não obstante a abertura alcançada em relação à compreensão da homossexualidade hoje, ainda prevalece o preconceito contra as pessoas homossexuais. Preconceito conhecido como homofobia, isto é, um sentimento de repulsa que se apoia no vestígio de uma linguagem ultrapassada, geradora de estereótipos que, todavia, incita à alienação e à rejeição dessas pessoas em múltiplos círculos sociais.

Através desse marco situacional, no qual o antigo conflita com o novo, em termos de recepção e de assimilação dos recentes estudos sobre o fenômeno homossexual, nasce o desejo de se aprofundar o tema da homossexualidade numa perspectiva vocacional. A presença das pessoas homossexuais sempre foi constante nos mais diversos grupos humanos. Atualmente, a sua visibilidade é cada vez maior, em menor ou em maior número, os homossexuais estão em todas as partes. Consequentemente, a sua presença na Igreja Católica é real e, ainda que de

modo silencioso, eles estão presentes nos grupos vocacionais, nos seminários, nas casas de formação e no clero em geral, mesmo quando se trata de uma presença enigmática, cuja certeza raramente é assumida e quase sempre se revela em vivências humanas marcadas pela curiosidade alheia, que ora expressa aceitação, ora rejeição.

Ao se propor, nessa pesquisa, o estudo da homossexualidade em relação à formação presbiteral, refletindo sobre o acompanhamento vocacional na formação inicial dos vocacionados homossexuais, vários elementos devem ser considerados. Em *primeiro lugar*, a presença e a negação da presença homossexual no cenário vocacional da Igreja Católica, como elementos conflitantes em vista de acompanhamentos vocacionais e formativos honestos. Em *segundo lugar*, admite-se que, pelo fato de a homossexualidade ser uma presença invisibilizada nos processos formativos, há um risco de se fomentar acompanhamentos e sistemas formativos massivos, fadados a não considerar a diferença das dinâmicas de ser hétero ou homossexual na base existencial dos sujeitos vocacionados. Em *terceiro lugar*, postula-se que novos tempos requerem novas práxis para os acompanhamentos vocacionais ao longo da formação inicial, pois, se antes a presença homossexual era blindada por um tipo de escondimento, hoje, torna-se cada vez mais difícil não propor uma caminhada entre iguais.

Partindo desse preâmbulo contextual, refletir sobre a formação de novos presbíteros, sejam eles diocesanos, de Vida Consagrada ou de outras modalidades institucionais da Igreja Católica, sugere que o acompanhamento vocacional e a formação do clero não pode ser um trabalho de massa. Os promotores vocacionais e os corpos docentes da formação precisam estar atentos aos vocacionados, de modo particular e personalizado, visto que é a atenção personalizada ao sujeito que possibilita elementos para a sua maturação e integração pessoal-vocacional, num itinerário de discernimento vocacional, seja o candidato hétero ou homossexual.

A justificativa para essa investigação decorre da contradição entre o que rege a regulamentação do Magistério Pontifício, com respeito à admissão ou a não admissão dos candidatos com “*tendências*” homossexuais profundamente radicadas, aos Seminários e às Ordens Sacras, e a fatural presença de seminaristas e clérigos homossexuais na Igreja Católica. O problema se dá quando essa presença homossexual é negligenciada ou omitida, por mais que exista uma consciência intra-ecclesial velada a respeito dela.

Os processos de acompanhamento vocacional e de formação se fragmentam diante da negação da presença homossexual, tornando-se um tempo de desintegração pessoal. Há um código de silêncio ao redor da homossexualidade que se arrasta por todo o processo formativo, gerando, muitas vezes, medo, falta de transparência da parte do acompanhante/formador e do

formando, ocasionando resultados fatídicos ao fim da formação. Hoje temos elementos teóricos e práticos suficientes para encarar essa situação com a clareza e a honestidade necessárias. Já não há por que simular uma realidade eclesial isenta da presença homossexual.

Antes da delimitação dessa pesquisa, é imprescindível esclarecer alguns pontos que se referem ao seu objeto de estudo. O conteúdo a ser estudado não se refere a uma investigação sobre teoria de gênero, por mais que, em algum momento, por motivos de esclarecimento, seja necessário recorrer à distinção entre o que é gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

O ponto de partida dessa reflexão será o acompanhamento vocacional personalizado de candidatos homossexuais, realizado pelos promotores vocacionais e pelos formadores, tendo em vista a admissão ou a não admissão desses candidatos aos Seminários ou às Ordens Sacras. Tal acompanhamento será compreendido a partir dos primeiros contatos do vocacionado com a Pastoral Vocacional, estendendo-se por toda a formação inicial, etapa elementar de formação dos candidatos que antecede à formação permanente ou contínua. Essas duas etapas complementares representam, preliminarmente, o tempo e o lugar do discernimento vocacional e, por isso, deverão englobar todos os aspectos que conformam a vida do vocacionado homossexual, assim como acontece com os candidatos heterossexuais.

A questão homossexual é muito ampla, ela apresenta uma imensa gama de possibilidades de reflexão. No entanto, prioriza-se, nessa pesquisa, o acompanhamento vocacional na formação inicial dos vocacionados homossexuais cisgêneros, isto é, aqueles que se identificam com o seu sexo biológico de origem, ou seja, o sexo masculino. Uma das exigências básicas e necessárias da Igreja Católica Romana, para a admissão ao Seminário e às Ordens Sacras, é que o candidato seja varão plenamente identificado com o seu sexo original.

Poder-se-ia perguntar, por que não abordar a questão da homossexualidade feminina no cenário vocacional? Um primeiro contraponto é que essa pesquisa se dirige aos vocacionados homossexuais que se sentem chamados ao presbiterato. Segundo, porque, apesar da interconexão entre gays e lésbicas, enquanto orientação sexual, a homossexualidade masculina não pode ser considerada a partir do mesmo *status* da feminina. A experiência homossexual é profundamente diferente entre homens e mulheres, no seu arcabouço histórico, político, sociológico, religioso e psicológico. Em todo caso, muito do que se refletirá nessa dissertação, no campo da teologia vocacional, em termos de acolhida, de acompanhamentos e de uma formação personalizada, poder-se-á aplicar à questão feminina, segundo as situações que tanjam a matriz humana do fenômeno dentro de acompanhamentos vocacionais personalizados.

Ainda em termos de esclarecimento, refletir sobre a questão homossexual no cenário vocacional não significa, em hipótese alguma, propor uma díade heterossexual *versus*

homossexual, nos processos formativos. Repousa nessa reflexão o desejo de comunhão que não reconheça diferença entre os que se propõem ao serviço da entrega da vida em prol do projeto de Jesus Cristo.

Ao considerar os apelos que surgem do fenômeno homossexual, em relação à sua revisão teológica na atualidade, essa pesquisa tem como objetivo geral: propor, a partir de um itinerário ético e cristão, o reconhecimento dos vocacionados homossexuais como sujeitos visíveis, capazes de responder, a partir da sua orientação pessoal e sexual, o chamado vocacional que lhes é feito por Deus, auxiliados por acompanhantes e formadores aptos a compreendê-los, para além da consideração da sua pura orientação afetivossexual, como seres humanos, reflexos da imagem e da semelhança de Deus.

Como desdobramentos desse objetivo geral, para melhor compreender o fenômeno homossexual e a sua relação com a questão vocacional, no intuito de elencar propostas que permitam uma reflexão teológica acerca do tema, será necessário trabalhar os seguintes pontos, subdivididos em 5 capítulos:

1. O resgate da interpretação que a Igreja Católica faz da homossexualidade (atos e comportamentos homossexuais), tendo como fonte principal as Sagradas Escrituras e a Tradição. Por esse viés se poderá contextualizar e compreender a linguagem utilizada pelo Magistério Pontifício na elaboração dos seus documentos oficiais a respeito dos atos e dos comportamentos homossexuais, basicamente influenciada pela tradição judaico-cristã. Compreender-se-á também como determinados paradigmas atravessam os tempos e formam conceitos que, ao serem culturalmente assumidos pelas pessoas, fortalecem a heteronorma.
2. A reavaliação da aplicação dos textos das Sagradas Escrituras como base fundamental e conceitual para a elaboração do ensinamento tradicional oficial do Magistério Pontifício em relação aos atos e aos comportamentos homossexuais. A revisão pós-conciliar da teologia moral corrige as interpretações anteriores do Magistério. Tradicionalmente, a interpretação do Magistério e o seu ensinamento oficial sobre os atos homossexuais influenciaram no modo como as pessoas homossexuais passaram a ser vistas na sociedade. Essa reavaliação, alicerçada pela interpretação de teólogos e de teólogos moralistas contemporâneos, ponderará se o debate sobre a questão homossexual está totalmente fechado na Igreja Católica ou se ainda há possibilidades para uma discussão mais aberta sobre o fenômeno. Demarca-se nesse capítulo o *status quaestionis* da homossexualidade na teologia atual. Alcançaremos o estado da questão de modo crescente, uma vez que

começaremos essa pesquisa voltando às raízes da compreensão católica dos comportamentos e dos atos homossexuais. Progressivamente, teremos condições de acompanhar a mutabilidade de pensamento no que diz respeito à homossexualidade hoje.

3. A busca pela compreensão da homossexualidade por meio de uma conceituação atual, redescobrimo suas *novas faces* no confronto com os matizes negativos que, de certo modo, ainda vigoram, carecendo de superação. Será necessário partir das raízes estruturais da homofobia para desfazer os equívocos conceituais até então gerados para ressignificar a homossexualidade como uma orientação humana que não pode ser lida a partir da *história única*.
4. A reinterpretção da homossexualidade e da sua relação com a questão vocacional, por meio da análise dos documentos do Magistério Pontifício que regulamentam as possibilidades da admissão ou da não admissão dos candidatos com “*tendências*” homossexuais profundamente radicadas aos Seminários e às Ordens Sacras. Os candidatos homossexuais são “*novos sujeitos*” que requerem “*novas práxis*” no cenário do acompanhamento e da teologia vocacional. Desse modo, ao introduzir o tema da homossexualidade e da vocação, será necessário explorar a realidade concreta de uma Igreja que, documentalmente, mantém-se firme no seu discurso oficial contra a admissão de candidatos com “*tendências*” homossexuais radicadas, contudo, conta, em seus seminários e em seu clero, com homens homossexuais. Para além dos limites já demarcados oficialmente contra a admissão das pessoas homossexuais, há de se buscar as possibilidades para a admissão neste marco revisionista da questão.
5. A questão vocacional à luz da abertura para construção de espaços formativos e de acompanhamentos saudáveis, nos quais os vocacionados homossexuais possam ser quem de fato são, a partir de um reto desejo de fazerem de suas vidas um serviço para o povo de Deus. Repensar a pedagogia formativa, tendo em consideração as singularidades da hétero e da homossexualidade, sem contrapor dois grupos, vem a ser um desafio que exige: formadores preparados, disposição para acompanhar os candidatos com uma visão de conjunto que permita abordagens humanas sem centralismos periféricos baseados em estereótipos. Ministros ordenados castos, célibes, livres e votados à missão são formados na honestidade e na transparência, não no escondimento e no medo. Destarte, a emergência do ser humano como

sujeito, nos processos de acompanhamento e de formação para as Ordens Sacras, antecede qualquer tentativa de reduzir alguém à sua mera orientação sexual.

Como se afirmou no início dessa introdução, há uma literatura teológica sobre a homossexualidade que vem sendo produzida na atualidade católica. Além das Sagradas Escrituras e dos documentos oficiais do Magistério Pontifício, alguns desses autores nos acompanharão ao longo dessa pesquisa, como bases para essa investigação. Com uma proposta metodológica de pesquisa bibliográfica, faremos ressoar nesse trabalho as opiniões e as conclusões de autores, antigos e atuais, que têm proposto a revisão do tema da homossexualidade no contexto pós-conciliar a partir da teologia. Há hoje um crescente número de teólogos, teólogos moralistas, historiadores católicos e leigos que têm se dedicado ao estudo do fenômeno homossexual no cristianismo, dentro e fora do Brasil.

Na perspectiva de colaborar na construção de uma teologia vocacional que auxilie no aprofundamento da questão, cabem-nos alguns questionamentos a serem discutidos ao longo dessa investigação: Deus pode chamar um homossexual para o ministério ordenado? Sua vocação pode ser considerada legítima? Um vocacionado homossexual tem condições de ser admitido ao Seminário e às Ordens Sacras? Os processos de acompanhamento vocacional e os corpos docentes dos Seminários, Casas de Formação ou Institutos, estão preparados para a formação dos vocacionados homossexuais? Num contexto em que a homossexualidade é revestida de novas interpretações, que se confrontam com os fechamentos de uma regulamentação moral já estruturada, responder a esses questionamentos em vistas de novas abordagens é parte da tarefa dialogal à qual essa pesquisa se propõe.

1 HOMOSSEXUALIDADE E IGREJA: DA BÍBLIA AOS ENSINAMENTOS OFICIAIS DO MAGISTÉRIO PONTÍFICIO

No primeiro capítulo desta dissertação, investigaremos a influência das Sagradas Escrituras no desenvolvimento do ensinamento oficial do Magistério da Igreja Católica a respeito da homossexualidade. A abordagem desse fenômeno está relacionada à questão do acompanhamento dos vocacionados homossexuais ao presbiterato, sendo este acompanhamento compreendido nas etapas da pastoral vocacional e na formação inicial, nos seminários e nas casas de formação.

A Igreja Católica tem um posicionamento oficial acerca da homossexualidade. A elaboração deste posicionamento, enquanto ensinamento de fato, nasce da Escritura e da Tradição: “o ensino magisterial se apoia nos dados da revelação tais como são transmitidos pela Escritura e pela Tradição”¹.

No que concerne à formulação das normas e orientações para o comportamento humano, inclusive em termos da moral sexual cristã, a Teologia se baseia em quatro pilares: na Escritura, na tradição e na Tradição, na razão e na experiência². O apoio, *a priori*, nestas fontes, nos garantirá, em primeiro lugar, uma compreensão mais aprofundada de como o Magistério da Igreja elaborou sua interpretação e ensinamento sobre a homossexualidade e, posteriormente, teremos condições de compreender o fenômeno no contexto atual. De acordo com De La Torre,

a tradição moral da Igreja no tema da sexualidade é filha de seu tempo e se conforma moralmente, de uma só vez, a diversas épocas. [...] A tradição moral da Igreja não tem sido consciente, até muito recentemente, de que a homossexualidade é uma condição e não a consequência de uma escolha, em muitas ocasiões³.

Por isso, antes de verificar a atualidade do fenômeno homossexual, empreenderemos um caminho da busca pelo estado da questão, destacando apenas as determinações do Magistério Pontifício, sem nenhuma emissão de juízo sobre elas. Neste capítulo, importa-nos saber o que a Igreja diz da homossexualidade; isto é, compreender a visão eclesial sobre tal fenômeno, para que possamos levantar o seu *status quaestionis*. Como ponto de partida da

¹ VIDAL, Marciano. Doctrina del magisterio eclesiástico católico reciente acerca de la homosexualidad. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 146.

² SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. *A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 295.

³ DE LA TORRE, Javier. La Tradición de la Iglesia: entre la sombra de Sodoma y las listas de pecados-vicios. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 112-113.

presente pesquisa, afirmamos que a doutrina católica da homossexualidade, como tradição aceita, condena os atos homossexuais

como “intrinsecamente desordenados e gravemente imorais e o faz com base em três fundamentos. O primeiro é o ensinamento da Escritura, no qual tais atos “são condenados como depravação séria e até mesmo apresentados como uma triste consequência da rejeição de Deus”; o segundo é “o ensinamento constante do Magistério; e o terceiro é “o senso moral do povo cristão”⁴.

Os ensinamentos oficiais da Igreja a respeito da homossexualidade têm se servido fundamentalmente das Sagradas Escrituras. Uma das atribuições do Magistério é fazer uma síntese reflexiva da experiência que a humanidade faz da sexualidade; por isso, além das Sagradas Escrituras, como tradição que dialoga com a atualidade, apoia-se igualmente na luz das ciências humanas e sociais, visando como resultado a uma reflexão teológico-moral⁵.

Para descobrirmos o que a Igreja, moralmente, ensina a respeito da homossexualidade e para obtermos coerência na exposição do estado da questão hoje, é necessário, *primeiro*, percorrermos um caminho metodológico que perpassa os textos bíblicos comumente utilizados na justificação do seu posicionamento oficial. *Segundo*, compreendermos como essas leituras bíblicas foram apreendidas e confirmadas na tradição eclesial por meio de elementos provenientes da tradição judaico-cristã, conformando-se na experiência dos fiéis. *Terceiro*, adentrarmos nos documentos que tratam do tema da homossexualidade, enquanto ensinamentos oficiais e tradicionais do Magistério.

1.1 A interpretação da homossexualidade fundamentada nas Sagradas Escrituras

No que concerne à moral sexual católica, as Sagradas Escrituras têm um papel preponderante. Por se tratar de um tema correlacionado à sexualidade humana, a compreensão que o Magistério Pontifício tem da homossexualidade advém da leitura dos textos bíblicos a partir dos quais ela pode ser inferida. Enfatizamos os textos principais, utilizados pela Igreja na justificativa do seu posicionamento moral sobre a homossexualidade. Eles nos remeterão às concepções antigas da homossexualidade, na estrutura das experiências judaicas do Antigo Testamento e do cristianismo nascente, na literatura paulina.

A Sagrada Escritura, como uma das fontes dos ensinamentos eclesiais, é o eixo norteador dos costumes, dos comportamentos e das práticas humanas da comunidade cristã:

⁴ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 296.

⁵ DE LA TORRE, Javier. *Sexo, sexualidad y bioética*. Madrid: Comillas, 2008, p. 233.

“toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra” (2Tm 3,16-17)⁶. Mas, o que as Sagradas Escrituras dizem sobre a homossexualidade? A fundamentação teórica que a Igreja construiu a respeito da questão, antes de qualquer conformação com outras ciências e saberes, é profundamente bíblica. O Magistério Pontifício tem se apoiado nos seguintes textos para fundamentar o seu ensino sobre o comportamento e os atos homossexuais: no Antigo Testamento, Gênesis 19,1-29, Levítico 18,22 e 20,13 e, no Novo Testamento, Romanos 1,26-27 e 1Coríntios 6,9-10⁷.

1.1.1 Os atos homossexuais no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, os textos aqui referenciados fazem parte do Pentateuco (Lei). Os livros históricos, proféticos e sapienciais não fazem nenhuma referência ao comportamento ou aos atos homossexuais. O texto de Gn 19,1-29 evidencia o “*castigo sobre Sodoma*”; é a partir dele que se cria o conceito de “*sodomia*”. Os textos de Lv 18,22 e 20,13, caracterizam os atos homossexuais como “*abominação* (cf. Lv 18,22) e *crime merecedor de pena* (cf. Lv 20,13)”.

Gênesis 19,1-29

É a primeira referência bíblica utilizada na condenação dos atos homossexuais. Esta passagem diz respeito à destruição de Sodoma e Gomorra. Em relação ao suporte teórico contra o comportamento homossexual, a narrativa da destruição de Sodoma e Gomorra ainda é empregada como justificativa para a reprovação da homossexualidade.

Ao anoitecer, os dois anjos chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade. Ao vê-los, ele se levantou, saiu-lhes ao encontro, prostrou-se com o rosto por terra e disse: “Meus senhores, por favor, chegai à casa do vosso servo. Pernoitai aqui, lavai os pés, e amanhã cedo, ao despertar, seguireis vosso caminho”. Eles responderam: “Não! Nós podemos passar a noite na praça”. Ló, porém, insistiu tanto com eles, que o acompanharam e entraram em sua casa. Ele preparou-lhes um jantar e mandou assar uns pães sem fermento, e eles comeram. Ainda não se tinham deitado, quando os homens da cidade, os habitantes de Sodoma, cercaram a casa: moços e velhos, todo o povo sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que entraram em tua casa esta noite? Traze-os aqui até nós, para que os conheçamos!” Ló saiu à porta, fechou-a atrás de si e lhes disse: “Por favor, meus irmãos, não façais maldade. Tenho duas filhas que não conhecem homem. Vou trazê-las até vós. Fazei com elas o que quiserdes, mas nada façais a estes homens, pois vieram abrigar-se sob o meu teto”. Eles lhe disseram: “Sai da frente! Este aqui veio como migrante e

⁶ Cf. DV, n. 11.

⁷ Para todos os textos bíblicos utilizados nessa dissertação, que não estejam nas citações de outros autores, nossa fonte será: BÍBLIA Sagrada. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019. Nos casos dos textos bíblicos não reproduzidos diretamente, utilizaremos a forma abreviada no corpo do texto.

pretende ser juiz! Agora vamos te fazer coisa pior do que a eles”. Avançaram violentamente sobre Ló em pessoa, e já estavam para arrombar a porta. Os hóspedes, porém, estenderam o braço, puxaram Ló para dentro da casa e fecharam a porta. Feriram de cegueira os homens que estavam fora, do menor ao maior, de modo que não conseguiram encontrar a porta. Os hóspedes disseram a Ló: “Tens mais alguém aqui? Genros, filhos ou filhas, todos os que tens na cidade, faze-os sair deste lugar. Vamos destruir este lugar, pois grande é o clamor contra ele diante do Senhor, e o Senhor nos enviou para destruí-lo” (Gn 19,1-13)⁸.

Na narrativa da destruição de Sodoma e Gomorra, Ló acolhe em sua casa dois anjos que chegaram à cidade de Sodoma. Antes que se deitassem, os homens da cidade, cercaram a casa e disseram a Ló que trouxesse os dois homens (anjos) que chegaram à cidade para que os *conhecessem* (conhecimento integral e experiencial e inclui o ato sexual). Ló pede aos homens de Sodoma que não façam maldade aos seus hóspedes e lhes sugere que tomem suas duas filhas virgens, podendo fazer com elas o que quisessem. Diante da insistência dos homens de Sodoma em fazer mal aos hóspedes e também a Ló, os hóspedes puxam Ló para dentro de casa e ferem aqueles homens de cegueira. A narrativa segue mostrando como se dá o processo de destruição de Sodoma e Gomorra, com fogo e enxofre vindos do céu. “O Senhor fez então chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos do Senhor desde o céu. Arrasou aquelas cidades e todo o distrito, com os habitantes das cidades e até a vegetação do solo” (Gn 19,24-25)⁹.

O termo “*sodomia*”, ampla e tradicionalmente usado na era cristã¹⁰; é vocábulo que foi emprestado desta narração bíblica sobre o destino da cidade de Sodoma¹¹. Na era cristã, a interpretação do vocábulo “*sodomia*” é associada aos componentes de vícios sexuais; definindo os atos e os comportamentos homossexuais como o motivo da condenação de Sodoma à destruição. Para Todd. A. Salzman e Michael G. Lawler,

as Igrejas ocidentais têm ensinado que o fogo ardente em Sodoma fora provocado pelos comportamentos homossexuais masculinos imorais lá manifestos e, compreensivelmente, os cristãos acreditaram no ensinamento de suas Igrejas sem ressalvas. Sodoma até inspirou o nome de uma forma de atividade homossexual masculina, a sodomia¹².

Em outras palavras, Genovesi afirma que, “durante muitos séculos, a tradição cristã aceitou a ideia de que essa passagem adverte que o pecado pelo qual a cidade de Sodoma foi

⁸ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 46, nota a Gn 19,1-13.

⁹ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 47, nota a Gn 19,24-25.

¹⁰ LEERS, Bernardino. *Em plena liberdade: a sabedoria da vida entra com a tolerância que abraça, suporta e confirma*. Belo Horizonte: Lutador, 2010, p. 335.

¹¹ LEERS, Bernardino; TRASFERETTI, José. *Homossexuais e ética Cristã*. Campinas: Átomo, 2002, p. 102.

¹² SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 300.

destruída era pura e simplesmente o comportamento homogenital e, em especial, a sodomia”¹³. Assim, a palavra sodomita designa aqueles que mantêm relações anais, considerando, desta forma, o pecado de Sodoma como um ato homogenital; isto é, a realização do ato sexual entre homens¹⁴.

Nesta perspectiva de interpretação, a sodomia é um pecado que leva ao castigo, por se tratar de uma prática que foge do caráter esponsal. Ela caracteriza o desvio do único tipo de relação sexual aceito pela tradição judaico-cristã, que é o relacionamento entre o homem e a mulher, com a finalidade última da procriação. A partir da antropologia da criação, contida no livro do Gênesis, o Magistério Pontifício nos ensina que o ser humano criado é dotado de uma sexualidade. É a dualidade dos sexos (masculino/feminino) que parece realizar a semelhança do ser humano com Deus, ao percebermos que o homem Adão supera a sua solidão graças ao encontro com a mulher Eva¹⁵, num sentido de complementaridade.

A favor da interpretação de que a homossexualidade foi o pecado que levou Sodoma à destruição podemos contar com os seguintes elementos:

1) O uso do verbo “*yada*” (“faze-os sair para que os conheçamos” – Gn 19,5b) que, em hebraico, como se sabe, refere-se ao conhecimento integral e experiencial e inclui o ato sexual. 2) O que significa “os homens da cidade, desde os jovens até os velhos” (v. 4): aqueles que pedem, indicando que se tratava de uma ação homossexual. 3) O que Lot propõe como contrapartida, oferecendo suas filhas, “para que façais com elas como bem lhes pareça” (v. 8), revelaria que a ação a que queria se opor era também de caráter sexual¹⁶.

Em Gn 19,1-29, encontram-se elementos fundamentais para a composição do posicionamento oficial do Magistério Pontifício contra o comportamento homossexual. Ao se desviar do propósito primeiro da relação homem-mulher, a relação homogenital leva ao castigo e à destruição.

Levítico 18,22; 20,13

No Pentateuco, dois textos do Levítico são utilizados pelo Magistério Pontifício como base para a condenação moral dos atos homossexuais. Referimo-nos a dois versículos desse livro, que se correlacionam: Lv 18,22, “não te deitarás com um homem como se deita com mulher: é abominação”¹⁷ e Lv 20,13, “se um homem se deitar com outro como se fosse com

¹³ GENOVESI, Vincent J. *Em busca do amor: moralidade católica e sexualidade humana*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 263.

¹⁴ HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998, p. 40.

¹⁵ GAFO, Javier. Cristianismo y homosexualidad. In: GAFO, Javier (Ed.). *La homosexualidad: un debate abierto*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997, p. 191.

¹⁶ VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 127.

¹⁷ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 157, nota a Lv 18, 22.

mulher, ambos cometem abominação e serão mortos: seu sangue cairá sobre eles”¹⁸. Esses dois versículos reforçam para a Igreja que os atos homossexuais são uma abominação. Trata-se de atos que produzem repulsa, são execráveis e repugnantes; por isto, devem ser condenados.

Essas duas leis do Levítico pertencem ao Código de Santidade e condenam somente o comportamento homossexual masculino; por desqualificar a natureza do varão, o castigo imposto a este comportamento é a pena de morte¹⁹. É importante ressaltar que

o que a Lei de Santidade diz não poderia ser mais claro: o comportamento homossexual masculino é uma abominação. É importante percebermos que são os atos masculinos que são proibidos nesses textos; atos lésbicos não fazem parte da proibição²⁰.

Na mesma lógica do Gênesis, a relação homogenital escapa da concepção natural de que as relações sexuais só podem ser consideradas lícitas quando se trata da relação esponsal entre um homem e uma mulher. Destarte, esses atos criminosos ou abomináveis configuram o pecado *contra naturam*, que será, mais tarde, retomado pelo Apóstolo Paulo e pela Tradição da Igreja.

1.1.2 Os atos homossexuais no Novo Testamento

Os textos dos Evangelhos não são utilizados pelo Magistério Pontifício na condenação do comportamento e dos atos homossexuais por não abordarem, implícita ou explicitamente, o tema. Nos Evangelhos, Jesus nunca menciona a atividade homossexual²¹.

Ambos os textos do Novo Testamento que fazem referência ao comportamento ou aos atos homossexuais fazem parte da tradição paulina (cf. Rm 1,26; 1Cor 6,9-10). Em Rm 1,26, os atos homossexuais são definidos como *pecado contra naturam* (contra a natureza) e em 1Cor 6,9-10, postula-se a exclusão dos *efeminados*, como os que *não terão parte no reino de Deus*.

Romanos 1,26-27

Em sua carta aos Romanos, Paulo apresenta o tema da homossexualidade no contexto de sua tese geral à comunidade de Roma, na qual nem os judeus e nem os pagãos poderão encontrar salvação fora de Jesus Cristo; a idolatria e a prática homossexual, enquadram-se na referência que ele faz aos pagãos²².

¹⁸ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 157, nota a Lv 20, 13.

¹⁹ GAFO, 1997, p. 192.

²⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 302.

²¹ GENOVESI, 2008, p. 266.

²² GAFO, 1997, p. 193.

Por causa disso, Deus os entregou a paixões vergonhosas: tanto as mulheres substituíram a relação natural por uma relação contra a natureza, como também os homens abandonaram a relação natural com a mulher e arderam de luxúria uns pelos outros, praticando a indecência homem com homem e recebendo em si mesmos a devida paga de seus desvios (Rm 1,26-27)²³.

Para Paulo, as relações homossexuais manifestam somente os desejos do coração, compreendidos como paixões da carne (cf. Gl 5,16-17; Ef 2,3) e, precisamente, em Rm 1,26, essas relações são qualificadas como indecentes e desviantes; percebemos na literatura paulina, acerca da homossexualidade, o mesmo juízo de Levítico, para o qual os atos homossexuais são uma consequência da necessidade que em si mesma é uma espécie de castigo: “Deus os entregou a paixões vergonhosas”²⁴ (Rm 1,26a).

O Apóstolo condena o comportamento homossexual, destacando a lei da natureza divinamente estabelecida: “*substituíram a relação natural*”, “*abandonaram a relação natural*”. Logo, o comportamento homossexual, no *corpus paulinum*, é constituído de “*relações contra a natureza*”, de “*posturas antinaturais*”²⁵. Não existe contravenção quando se age naturalmente, por isso, a Igreja percebe, na literatura paulina, que os atos contra a natureza, a indecência homem com homem, configuram um desvio daquilo que deve ser o correto, o natural, como algo característico, consistente, comum, padrão regular e esperado²⁶.

1Coríntios 6,9-10

A respeito da homossexualidade, a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios faz uma dupla alusão aos comportamentos homossexuais evocando os termos *efeminados* e *sodomitas*.

Não sabeis que os injustos não terão parte no Reino de Deus? Não vos iludais: os imorais, os idólatras, os adúlteros, os efeminados, os sodomitas, os ladrões, os avarentos, os beberrões, os caluniadores, os fraudadores não terão parte no reino de Deus (1Cor 6,9-10)²⁷.

Este é um dos textos que inspiraram mais diretamente a posição da Moral Católica em relação à homossexualidade; nele: “[...] Paulo elenca um certo número de pessoas que serão excluídas do Reino, numa “*lista de vícios*”, entre os quais estão “os efeminados” (*malakoi*) e os “sodomitas” (*arsenokoitai*)”²⁸. A mentalidade do apóstolo diante da condenação do

²³ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 1543, nota a Rm 1,26-27.

²⁴ Cf. DE LA TORRE, 2020, p. 79.

²⁵ VIDAL, 2008, p. 132.

²⁶ HELMINIAK, 1998, p. 70.

²⁷ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 1566, nota a 1Cor 6,9-10.

²⁸ MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 240.

comportamento homossexual em sua “*lista de vícios*”, que foi assumida pelo cristianismo²⁹ e pela moral cristã, mantém o seu tom condenatório.

O sentido da abominação que se encontra em relação à atitude homossexual condenada por Paulo, a dos *malakoi* e a dos *arsenokoitai*, manifesta-se na depreciação do homem que se comporta como mulher³⁰. Esta lista de vícios incide fortemente na reflexão do Magistério sobre a homossexualidade.

Os textos em questão, do Antigo e do Novo Testamento, foram assumidos pela Igreja como argumentos que sustentam a sua oposição ao comportamento homossexual. A partir deles, deu-se o primeiro passo rumo à elaboração do que, mais tarde, será transmitido como o seu ensinamento oficial. A percepção magisterial originária das Sagradas Escrituras, conformada numa tradição, assevera a condenação dos atos homossexuais por se tratar de um comportamento contra a natureza. Este comportamento é considerado contra a natureza pela ausência do seu caráter esponsal, no âmbito da complementaridade masculino/feminino. Ele desqualifica a natureza do varão, pois é um desvio luxurioso e indecente. Essa leitura e percepção das Sagradas Escrituras, por parte da Igreja, compreende a homossexualidade como um crime, uma abominação, um pecado grave, situações passíveis de castigo e de exclusão.

1.1.3 A tradição judaico-cristã e o seu legado na compreensão magisterial da homossexualidade

A condenação dos atos homossexuais, no meio religioso católico, sofre uma influência oriunda do núcleo religioso da tradição judaico-cristã, que perpassa as diversas reflexões sobre tal fenômeno no amplo universo cristão. Procede da tradição judaico-cristã uma herança de proibições, de condenações morais e religiosas que até hoje exercem uma forte influência no modo de ser, de viver, de pensar e de agir³¹ dos católicos. Segundo Leers e Trasferetti,

a tradição judaico-cristã que se firmou na história cultural do Ocidente desenvolveu uma doutrina, uma interpretação e avaliação moral em redor de três eixos: a relação exclusiva entre homem-mulher, o matrimônio e a procriação³².

Por meio dessa tradição é que nos chegam os argumentos da lei natural, da procriação e o da complementaridade, dando o *status* de normalidade às pessoas que se adequam a este

²⁹ VIDAL, 2008, p. 133.

³⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 307.

³¹ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 99-100.

³² LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 18.

padrão de vida. Esses argumentos legitimam a não aceitação dos comportamentos homossexuais dentro da tradição judaico-cristã e na composição do ensinamento tradicional assumido pela Igreja Católica em relação a eles. Conforme afirmam Salzman e Lawler,

a tradição ensina que os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados pelas seguintes razões: eles “são contrários à lei natural”, cujos princípios estão refletidos na própria natureza humana; “eles fecham o ato sexual à dádiva da vida”; e “eles não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual genuína”³³.

Na tradição judaico-cristã, os atos homossexuais são um desvio do projeto divino estabelecido porque se dão entre homem e homem. O ato sexual entre dois homens se resume em um ato estéril, focado no prazer e, por conseguinte, está isento do composto afetivo que se dá na complementaridade entre homem e mulher. A complementaridade afetivo-sexual, entre o homem e a mulher (lei natural), é o que torna uma relação legítima e aceitável, mas, os atos homossexuais são categoricamente proibidos, pois,

o sentido contextual de tais atos entre homens se chocava com vários valores arraigados na cultura do povo de Israel: a procriação de filhos para garantir a continuação da família, da estirpe, de geração em geração, com um fundo de esperança messiânica e de proteção e amparo na velhice; a supervalorização do sêmen, conforme os conhecimentos daqueles tempos, era tão importante para a geração dos filhos, que a função da mulher era reduzida à da terra em que a semente é deitada para se desenvolver [...] ³⁴.

No bojo da experiência da fé católica e da sua relação com a tradição judaico-cristã está a questão da lei natural que “busca, por meio da razão guiada pela fé, definir uma antropologia normativa e distinguir os atos e as virtudes que facilitam alcançar a autêntica completude humana”³⁵. O argumento da lei natural, contra a aceitação do comportamento ou atividade homossexual, postula que, primordialmente, o propósito da sexualidade humana é o da procriação³⁶, da abertura à vida, isto é, à prole. Segundo De La Torre,

a Igreja herdou do mundo judeu e romano um paradigma clássico fundamentado no valor central da fecundidade que estava profundamente vinculado à honra familiar, ao bem-estar e à propriedade. A partir deste paradigma se considera a homossexualidade como uma atividade contra a fecundidade, contra a família (pois não a amplia) e contra a pólis³⁷.

³³ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 311.

³⁴ LEERS, 2010, p. 343.

³⁵ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 92.

³⁶ GENOVESI, 2008, p. 270.

³⁷ DE LA TORRE, 2020, p. 110.

A tradição judaico-cristã, que tem ajudado a moldar na tradição católica o alicerce da sua moral sexual, em que subjazem valores que, alocados numa práxis definida pela ordem natural divina, ensina que a homossexualidade configura um quadro desviante da moral de atitudes humanas, na medida em que se trata de um comportamento contra a lei natural. Essas reflexões afetarão, sobretudo, a tradição da Igreja.

1.2 Apontamentos sobre os paradigmas da homossexualidade na história da Igreja

No âmbito do processo de construção dos ensinamentos oficiais do Magistério Pontifício sobre a questão homossexual, faz-se necessário destacar alguns itens relevantes que estruturam os paradigmas da homossexualidade no decorrer da história da Igreja: a lei natural; a complementaridade entre homem e mulher e a finalidade procriadora circunscrita na moralidade dos atos sexuais conjugais (matrimônio). Esses elementos são fundamentais nas reflexões que justificam a condenação do comportamento homossexual por parte do Magistério Pontifício.

Tradicionalmente, a Igreja tem condenado os atos homossexuais porque, para ela, o comportamento homossexual configura um conjunto de atos desordenados e gravemente imorais; uma condenação fundamentada na tríade composta pela Sagrada Escritura, pelo ensinamento do Magistério e pelo senso moral do povo cristão³⁸.

A teologia do Magistério em relação à questão homossexual, mais enfaticamente detida na condenação do comportamento e dos atos homossexuais, pode ser explicada a partir da seguinte constatação:

A “natureza” e a lei natural sempre ocuparam um lugar proeminente na teologia moral católica e, no ensinamento religioso oficial, não só a homossexualidade, mas também as atividades sexuais conjugais dos tipos pré-conjugal, extraconjugal, contraceptiva e não reprodutiva são condenadas como contrárias à lei natural. Toda atividade sexual que se desvia das “sabiamente ordenadas leis da natureza” de Deus e que não esteja aberta à transmissão da vida, ensina o Magistério, é moralmente errada³⁹.

A moralidade conjugal afirmada pela Igreja Católica, desabona todo e qualquer tipo de relação sexual que não tenha como finalidade última a geração da vida. Entende-se que os atos homossexuais, além de não estarem estruturados segundo a ordem natural, desestruturam a ordem social, alterando-a e violando-a.

³⁸ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 296.

³⁹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 312.

O caráter natural da atividade sexual humana é a abertura à procriação, fator inexistente na relação homossexual; por isso, a homossexualidade masculina é considerada um pecado maior, um “*vitium nefandum*”⁴⁰.

O processo que culmina no ensinamento magisterial pós-conciliar da Igreja sobre a homossexualidade deu-se ao longo da história, dentro de contextos históricos muito próprios. A lei natural, a procriação e a complementaridade dos sexos ainda vigoram como fatores fundamentais para a condenação do comportamento homossexual. De La Torre esquematizou alguns paradigmas históricos que emitiram juízos sobre a homossexualidade no transcurso da história da Igreja. Esses juízos abarcam os elementos que apresentamos até agora, consolidando-os na teologia do Magistério Pontifício contra o comportamento homossexual. A seguir, apresentamos, esquematicamente, uma síntese desses paradigmas⁴¹:

OS PARADIGMAS DA HOMOSSEXUALIDADE NO DECORRER DA HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA	
PARADIGMAS	JUÍZOS DA HOMOSSEXUALIDADE
Cristianismo primitivo	✓ Vinculada aos ritos pagãos.
Patrística	✓ Comportamento condenado. ✓ Busca imoderada do prazer. ✓ Forma antinatural de vida. ✓ Incompatível com a finalidade procriadora.
Paradigma alexandrino-estoico	✓ Descontrole e debilidade em vista do prazer desordenado.
Paradigma agostiniano	✓ Pecado. ✓ Concupiscência. ✓ Desordem natural que altera e viola a sociedade.
Paradigma monacal-penitencial	✓ Comportamento que viola a lei natural. ✓ Comportamento que viola a lei de Deus. ✓ Comportamento merecedor de castigo e penitência. ✓ A homossexualidade e a sexualidade anal são piores que o adultério.
Paradigma tomista	✓ Pecado “ <i>contra naturam</i> ” - <i>contra a natureza</i> ✓ Viola a ordem natural fixada por Deus. ✓ Opõe-se à ordem natural do ato venéreo dentre a espécie humana. ✓ Pecado maior, “ <i>vitium nefandum</i> ”. ✓ Atos fechados à vida (procriação).

⁴⁰ GAFO, 1997, p. 198.

⁴¹ DE LA TORRE, 2020, p. 110-111.

Paradigma renascentista	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comportamento contra a natureza. ✓ Comportamento contra a finalidade procriadora da sexualidade e do matrimônio. ✓ Pecado contra a caridade.
Paradigma casuísta	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pecado grave contra o sexto mandamento. ✓ Alteração da ordem natural, social e cultural.

Consideramos, anteriormente, alguns fatores que ratificam o ensinamento do Magistério Pontifício acerca da homossexualidade. A imprescindibilidade bíblica, na composição do ensinamento oficial do Magistério Pontifício, tem enfoque nos textos de Gênesis, Levítico e Paulo. A tradição judaico-cristã, além de contribuir na elaboração de um *modus vivendi*, com seu conteúdo de fé, firma-se como modelo cultural de vida, por meio do modelo matrimonial entre homem e mulher, na formação da família tradicional e da fecundidade em vista da prole. A lei natural revela um olhar essencialmente heterossexual sobre a natureza humana. Fundamentando-se nesses paradigmas, consolidados nos ensinamentos morais na Igreja Católica, justificam-se, ainda hoje, os juízos a respeito do fenômeno. Consequentemente, conjetura-se a homossexualidade como uma alteração da ordem natural e, ao mesmo tempo, da ordem social e cultural. Isso posto, percebemos uma compreensão procriativista da sexualidade humana e uma tendência ao reducionismo genital, em uma compreensão biologicista da normatividade segundo a natureza, que se desdobra por toda a tradição, na sua consideração do problema homossexual⁴².

1.3 Os documentos do Magistério Pontifício e o seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade

No período pós-conciliar, o Magistério Pontifício sente-se impelido a expor sua visão sobre a homossexualidade por meio de documentos, oficializando seu ensinamento a respeito do tema, de modo que essas determinações alcancem todos os fiéis católicos. A maior parte desses documentos são dos fins do século XX, a saber:

1. “*Declaração Persona Humana: sobre alguns pontos de ética sexual*” – Congregação para a Doutrina da Fé (1975).
2. “*Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual*” – Congregação para a Educação Católica (1983).

⁴² VIDAL, 2008, p. 144-145.

3. “*Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*” – Congregação para a Doutrina da Fé (1986).
4. “*Catecismo da Igreja Católica*” (1992).
5. “*Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não discriminação das pessoas homossexuais*” – Congregação para a Doutrina da Fé (1992).
6. “*Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*” – Congregação para a Educação Católica (2005).
7. “*O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*” – Congregação para o Clero (2016).

Esses documentos, ainda em vigor, possibilitam-nos compreender o ensinamento oficial do Magistério Pontifício a respeito do comportamento e dos atos homossexuais, ao mesmo tempo em que expressam o conteúdo do posicionamento eclesial católico sobre a homossexualidade, por meio das suas análises, regulamentações e juízos emitidos.

A abordagem dos dois últimos documentos, a *Instrução* e a *Ratio*, que fazem referência aos critérios do discernimento vocacional acerca das pessoas com “*tendências homossexuais*”, dar-se-á no capítulo 4 dessa pesquisa. No presente tópico, trataremos somente os primeiros cinco documentos listados.

1.3.1 Declaração Persona Humana⁴³

A “*Declaração Persona Humana: sobre alguns pontos de ética sexual*”, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 1975, ao abordar o tema da homossexualidade, ressalta, primeiramente, que as relações homossexuais, em contradição com o que ensina o Magistério e o sentir moral dos cristãos é, muitas vezes, julgada com indulgência por parte de algumas pessoas fundamentadas em observações de ordem psicológica. Nesse documento, a homossexualidade é apresentada com base em duas percepções: a primeira compreende os homossexuais a partir de uma *tendência transitória*, como decorrência de um *hábito contraído de maus exemplos*, de uma *educação falseada*, de uma *falta de evolução sexual normal* ou de

⁴³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Persona Humana, sobre alguns pontos de ética sexual*. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 21 jun. 2021.

elementos semelhantes. Essa tendência transitória é passível de cura. A segunda percepção considera a homossexualidade por força de um *instinto inato* que a configura como uma *constituição patológica incurável*.

Não obstante, o documento propõe a acolhida pastoral das pessoas homossexuais, afirmando que elas devem ser acolhidas com compreensão e devem ser apoiadas, na esperança de que superem as dificuldades pessoais e sua *inadaptação social*. Endossa que sua *culpabilidade* deverá ser julgada com prudência e seus atos não poderão ser justificados moralmente por nenhum método pastoral. O documento classifica as relações homossexuais, segundo a moral objetiva, como *atos destituídos da sua regra essencial e indispensável*. Esses atos são *condenados pela Sagrada Escritura e rejeitados por Deus*, por se tratar de graves *depravações*. A homossexualidade é uma *anomalia* que escapa da responsabilidade daqueles que a sofrem. A declaração afiança que os atos de homossexualidade são *intrinsecamente desordenados* e não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer tipo de aprovação.

1.3.2 Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual⁴⁴

O documento “*Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual*”, da Sagrada Congregação para a Educação Católica, de 1983, visa alinhar o posicionamento dos educadores com a moral católica. Na parte em que discorre sobre a homossexualidade (CpEC, n. 101-102), reitera muito dos posicionamentos expostos no documento anterior, *Declaração Persona Humana*. As orientações demonstram a preocupação de que os educadores estejam alinhados à doutrina da Igreja e saibam se posicionar objetivamente diante dos sujeitos homossexuais.

As “*Orientações*” asseguram que a homossexualidade *impede o sujeito de alcançar a maturidade afetivo-sexual*. A acolhida pastoral deve acontecer com o propósito da recondução dos homossexuais à adaptação social. O Magistério reafirma que as relações homossexuais são desprovidas da sua regra essencial e indispensável (complementaridade homem/mulher e geração da vida); destaca também que distinguir os elementos que levam à homossexualidade, nas suas conformações de transitória ou estrutural, é tarefa da família e dos educadores.

⁴⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual*. Roma, 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

1.3.3 Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais⁴⁵

Na “*Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*” (1986), a Congregação para a Doutrina da Fé declara a sua preocupação com o fenômeno do *homossexualismo*, assim como com suas implicações na sociedade, na vida eclesial e na pastoral.

A preocupação de cunho pastoral recorda a prudência que se deve ter em relação à distinção entre a orientação *homossexual* (a pessoa homossexual) e os *atos homossexuais* (atos ou comportamentos da pessoa homossexual). Considera os atos homossexuais, *fora da sua especificidade, intrinsecamente desordenados*. Na mesma perspectiva dos documentos anteriores, o Magistério, nesta carta aos bispos, afirma o agir homossexual como contrário às diretrizes e os princípios da moral católica⁴⁶.

Em conformidade com a carta aos bispos, o problema da homossexualidade, em termos de condenação, refere-se aos atos homossexuais. Em momento algum, contudo, o documento afirma que as pessoas devem ser culpadas ou discriminadas por serem homossexuais⁴⁷. A postura oficial da Igreja, neste documento, apesar da abertura em relação à acolhida das pessoas homossexuais e do reconhecimento da orientação homossexual distinta dos atos homossexuais, é, em sua maioria, condenatória⁴⁸.

1.3.4 Catecismo da Igreja Católica

O CIC (1992), nos parágrafos dedicados à castidade e à homossexualidade (CIC, n. 2357-2359), retoma o posicionamento da Igreja elaborado até então. Inicialmente, declara que “a homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominantemente, por pessoas do mesmo sexo” (CIC, n. 2357).

⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. Roma, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁴⁶ FERNANDES RODRIGUES, Silvia Geruza. Igreja Católica Romana e a homossexualidade: visão moral sexual católica a partir da análise de documentos oficiais. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 127, jan./jun. 2018. DOI: 10.34019/223761512018v1527067 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27067>. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁴⁷ VIDAL, 2008, p. 151.

⁴⁸ VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: moral do amor e da sexualidade*. Aparecida: Santuário, 1981, p. 248.

O documento apresenta a homossexualidade, no decorrer dos séculos e das culturas, como um fenômeno revestido de variadas formas, reconhecendo que sua origem psíquica ainda tem muito por se elucidar. A respeito das pessoas homossexuais, o Catecismo afirma que “um número não negligenciável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas” (CIC, n. 2358).

O CIC, em consonância com todos os documentos anteriores, destaca que a inclinação homossexual é objetivamente desordenada. Na ótica da Sagrada Escritura, os atos homossexuais são uma grave depravação, uma vez que a própria Tradição já os declarou como intrinsecamente desordenados: “são contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira” (CIC, n. 2357).

No CIC, as pessoas homossexuais estão inseridas numa vida de provação. Cabe à comunidade cristã proporcionar-lhes uma respeitosa, compassiva e delicada acolhida, evitando-se a discriminação injusta. O Catecismo contextualiza as pessoas homossexuais cristãs dentro de dois chamados: 1) a unirem as suas dificuldades, por causa da sua condição, ao sacrifício do Senhor na cruz e 2) a viverem a castidade, para alcançarem gradualmente a perfeição cristã (CIC, n. 2359). A respeito dos atos homossexuais, prevalece a máxima de que, em nenhum caso, poderão ser aprovados.

1.3.5 Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não discriminação das pessoas homossexuais⁴⁹

A Congregação para a Doutrina da Fé publicou, no “*L’Osservatore Romano*”, “*Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não discriminação das pessoas homossexuais*” (1992). Como nota introdutória, a carta expressa que a sua preocupação está relacionada às legislações que tornam ilegal a prática da discriminação baseada na orientação sexual e o fato de pessoas homossexuais poderem aceder a habitações públicas, colocadas à disposição de casais homossexuais e de homossexuais solteiros, normalmente reservadas às famílias. A real preocupação da Congregação para a Doutrina da fé é pelas “famílias verdadeiras”.

⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*. Roma, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

Ao retomar a *Declaração Persona Humana*, a carta recorda a distinção entre a *condição* ou *tendência* homossexual e os *atos homossexuais*, sendo os atos considerados intrinsecamente desordenados, não podendo ser nunca aprovados. A particular inclinação da pessoa à homossexualidade não é um pecado em si mesmo; mas, do ponto de vista moral, pode conduzir a um comportamento mau. A concretização dessa tendência ou inclinação, nas relações homossexuais, não é uma opção aceitável; em função disso, as pessoas homossexuais deveriam ser objeto de uma particular solicitude pastoral, como meio de recondução da vida.

O documento refuta as doutrinas erradas a respeito do *homossexualismo*, que ameaça a vida e o bem-estar de muitas pessoas, ao incidir diretamente sobre a concepção que a sociedade tem da natureza e dos direitos da família. Logo, salienta que, “como acontece com qualquer outra desordem moral, a atividade homossexual impede a autorrealização e a felicidade, porque é contrária à sabedoria criadora de Deus”⁵⁰.

No que tange à questão da discriminação, o documento reconhece que as pessoas homossexuais são objeto de referências malévolas e de ações violentas. Em consequência disso, motiva os Pastores da Igreja a condenarem tais atitudes onde quer que aconteçam, pois “revelam uma falta de respeito pelos outros, [...] fere os princípios elementares sobre os quais se alicerça uma sadia convivência civil. A dignidade própria de cada pessoa deve ser respeitada, nas ações e nas legislações”⁵¹.

O Magistério aconselha que os bispos devem priorizar o empenho na defesa e na promoção familiar, ao tratarem da avaliação dos projetos legislativos sobre a não discriminação das pessoas homossexuais. A responsabilidade da Igreja é a de promover a vida familiar e a moralidade pública da sociedade, com base nos valores morais. Consequentemente, as autoridades eclesiais não deverão manifestar apoio, nem se neutralizar perante legislações contrárias àquilo que sustenta como valores morais.

O ensinamento oficial da Igreja em relação ao fenômeno da homossexualidade, expresso nos documentos apresentados, mantém-se em constante fidelidade à sua oposição a um estilo de vida considerado contranatural pela tradição Católica. Eles insistem na ilegitimidade do comportamento homossexual, enquanto atos intrinsecamente desordenados. Uma novidade é que a homossexualidade em si mesma, já considerada uma orientação, não é considerada moralmente má⁵².

⁵⁰ CpDF, 1992, n. 3.

⁵¹ CpDF, 1992, n. 7.

⁵² GENOVESI, 2008, p. 279.

Ainda que os atos homossexuais sejam veementemente condenados pelo ensinamento oficial da Igreja, a pessoa homossexual, dada a sua orientação, passa a ser considerada a partir de uma abertura pastoral que acolhe e reconhece a sua dignidade. Nisto, se reconhece uma maior abertura em vias de se compreender melhor o fenômeno; já que

no que se refere ao aspecto pastoral, os textos eclesiais demonstram também uma atitude de maior compreensão da complexidade do fenômeno homossexual, em cada um dos seus múltiplos e distintos aspectos: neurobiológicos, antropológicos, psicológicos, históricos e bíblico-teológicos⁵³.

1.4 Considerações sobre os documentos do Magistério Pontifício e o seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade

Os documentos do Magistério Pontifício acerca do comportamento e dos atos homossexuais se propõem a firmar e explicitar um conteúdo doutrinário, fundado na Escritura e na Tradição; indicam a acolhida dos homossexuais que buscam evitar os atos homossexuais e se posicionam contra os que não desejam abandonar tal comportamento⁵⁴. Segundo Vidal, “a postura da Igreja não se opõe a todas as formas de relação entre pessoas homossexuais. Ao contrário, as apoia e as fortalece. Estabelece somente um limite: o encontro genital”⁵⁵.

Percebe-se, ao longo da leitura dos documentos citados, que a Igreja se coloca no seu lugar de proteger a moral que fundamenta a família tradicional e a sociedade diante de um mau comportamento que pode deteriorar a ordem divina estabelecida. Assim, nos documentos do Magistério, o comportamento homossexual não encontra espaço justificável, do ponto de vista de uma moral das atitudes estabelecidas pela Igreja. A interpretação que a Igreja faz do fenômeno homossexual descarta qualquer tipo de afetividade ou qualquer tipo de sentimento, como amor, fidelidade, respeito e paixão, quando se trata da relação entre gêneros iguais. Nessa ótica, subjaz à pessoa homossexual, a atração pelo mesmo sexo, fixada numa única motivação, que é puramente sexual. O comportamento homossexual se reduz aos atos sexuais. Resta às pessoas homossexuais o esforço por uma vida casta, unida aos sofrimentos da cruz de Cristo, para alcançarem uma vida de perfeição.

Em síntese, a doutrina do Magistério da Igreja sobre a homossexualidade pode ser resumida em quatro pontos:

⁵³ GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José (Orgs.). *Homossexualidade: orientações formativas e pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 109.

⁵⁴ MOSER, 2001, p. 243-245.

⁵⁵ VIDAL, 2020, p. 150.

1. a distinção entre a orientação homossexual (objetivamente desordenada por levar a um mau comportamento) e a atividade homossexual (a execução de um comportamento desqualificado);
2. a falta de complementaridade afetivossexual demarcando um caráter não natural e a falta de abertura à transmissão da vida;
3. a firme insistência de manter a compreensão e a não discriminação das pessoas homossexuais e
4. a oposição em relação à equiparação do matrimônio heterossexual com as uniões homossexuais⁵⁶.

Esse exórdio, que demarca a busca pré-científica pelo estado da questão da homossexualidade na Igreja Católica, fundamentado por pressupostos tradicionais e religiosos, insere-nos na urgência da ressignificação do problema. A interpretação bíblica tradicional da questão homossexual, desde o esquema da tradição judaico-cristã, tem gerado paradigmas morais majoritariamente negativos na avaliação dos atos homossexuais. As novas abordagens das ciências modernas têm possibilitado uma nova compreensão da homossexualidade. A teologia, pelo seu caráter científico, não descarta as contribuições das ciências, que possibilitam uma reavaliação do fenômeno hoje.

No próximo capítulo, apresentaremos a homossexualidade no horizonte das releituras pós-conciliares que se distanciam da condenação do fenômeno. O objetivo é ressignificar a homossexualidade por meio dos novos aportes das ciências modernas e da contribuição de alguns teólogos, como proposta para uma redescoberta e assimilação mais justa e mais coerente do tema com o Evangelho. Nesse sentido, cabem os questionamentos: a interpretação tradicional das Sagradas Escrituras pode validar a condenação da homossexualidade? É possível propor um diálogo aberto sobre a homossexualidade na Igreja Católica, gerando a cultura do encontro, mesmo quando todo o debate parece clausurado pelo ensinamento oficial do Magistério Pontifício?

⁵⁶ VIDAL, 2020, p. 145-146.

2 A HOMOSSEXUALIDADE NA EMERGÊNCIA DE UMA REAVALIAÇÃO CONCEITUAL

À primeira vista, parece que todo o debate acerca da homossexualidade está fechado na Igreja Católica, uma vez que o Magistério Pontifício, apoiando-se nas Sagradas Escrituras, tem definida a sua base moral para o julgamento dos atos homossexuais. Não obstante, os novos tempos sugerem uma revisão do tema. Redescobrir o fenômeno da homossexualidade sob a perspectiva de uma orientação humana constitui hoje um fazer teológico que deve partir de um diálogo aberto e construtivo, entre a Teologia e Igreja.

As Sagradas Escrituras são o ponto de partida para a avaliação do comportamento e dos atos homossexuais. As passagens bíblicas já exploradas nesta pesquisa, na sua interpretação tradicional, reprovam os atos homossexuais. O problema é que ao reprová-los, as pessoas homossexuais começam a ser tratadas com menosprezo, passam a não ser mais vistas como pessoas normais, são julgadas e rotuladas segundo os juízos negativos aplicados ao comportamento homossexual, tornando-se o lugar de destino de um preconceito culturalmente assumido pela sociedade.

Revisitar as Sagradas Escrituras, as passagens outrora utilizadas na reprovação dos atos homossexuais, e confrontá-las à luz da orientação homossexual, torna-se necessário para a verificação da sua real mensagem na atual reflexão teológica sobre o fenômeno. Essa volta aos textos sagrados é um meio de reconsiderar a linguagem aplicada ao comportamento homossexual que, conectado a juízos negativos, lesa a dignidade das pessoas homossexuais.

Os textos bíblicos, utilizados como fontes da condenação do comportamento homossexual, conformam a verdade única sobre pessoas que, desconsideradas na sua orientação então desconhecida, carregam um estigma, por serem quem são, nas nossas sociedades. Porém, a Escritura não reconhece e nem se posiciona sobre a homossexualidade ou sobre a heterossexualidade como orientação sexual distinta da atividade genital específica¹. Quaisquer tentativas de interpretação do fenômeno à luz das Escrituras requerem cautela. Salzman e Lawler afirmam que: “nem a Bíblia, nem a tradição cristã nela enraizada, anterior ao século XX, algum dia consideraram a condição homossexual; elas tomam por certo que todos eram heterossexuais”².

As terminologias ou conceitos de “homossexual”, “homossexualidade”, “heterossexual”, “heterossexualidade”, “bissexual e “bissexualidade” entraram para o campo

¹ GENOVESI, 2008, p. 262.

² SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 299.

da compreensão da sexualidade humana com o advento da análise psicológica e sociológica moderna; em relação à composição das Sagradas Escrituras, esses termos são desconhecidos³.

Os textos bíblicos selecionados para a reprovação do comportamento homossexual, desassociados do seu contexto histórico, da sua conformação social, cultural e religiosa, acabam por serem lidos literalmente, tornando-se origem de interpretações tendenciosas. Disso nasce a necessidade de uma teologia empírica capaz de examinar, a partir da releitura desses textos, as normas tradicionais sobre a homossexualidade, portanto, ao serem analisados, deve-se considerá-los “não como fatos morais de aceitação acrítica e passiva, mas como bases para compreensão, ponderação e avaliação ativas e críticas que conduzem a julgamentos e decisões racionais e conscienciosos no contexto sócio-histórico contemporâneo”⁴.

Abordar a homossexualidade mediante as contribuições bíblicas contribui para que reconsideremos as pessoas homossexuais a partir das suas possibilidades humanas de relação com o próximo e com o mundo, nas suas comunidades concretas, onde têm o direito de viver e de exercer a sua fé.

A teologia, no múnus que lhe é devido, em termos da construção de uma ética cristã, deve se apropriar da mensagem bíblica para construir pontes e estreitar laços. Por conseguinte, em vista da questão homossexual, tratada como um dos temas concernentes à ética sexual cristã, “a contribuição bíblica mais importante [...] é situar a moral dentro da vida da comunidade de fé. De modo mais claro, a ética cristã, sexual e não sexual, é uma ética nascida de modos de vida comunitários de pessoas com fé”⁵. Todo esforço teológico deve, sobremaneira, voltar-se para a inclusão dos que foram segregados, inclusive quando foram vítimas da própria religião.

Antes de compreender a homossexualidade na perspectiva das investigações atuais do fenômeno, revisitaremos os textos bíblicos que fundamentam o ensinamento moral do Magistério Pontifício, em termos de revisão dos posicionamentos estudados anteriormente. Portanto, neste capítulo: *primeiro*, buscaremos, na releitura da teologia da criação, encontrar o espaço das pessoas homossexuais, como seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus. *Segundo*, abordaremos a homossexualidade a partir das contribuições bíblico-teológicas atuais, na releitura dos textos condenatórios. *Terceiro*, apresentaremos a questão homossexual sob a ótica de um debate aberto na teologia atual.

³ GENOVESI, 2008, p. 262.

⁴ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 295.

⁵ DE LA TORRE, 2008, p. 233.

2.1 A (im)possibilidade homossexual na teologia da criação

Os primeiros capítulos do Gênesis oferecem ao Magistério Pontifício elementos que definem a condição humana ideal; esta fundamentação se encontra no surgimento do casal prototípico, Adão e Eva, no relato da criação (Gn 1,1–2,4a – tradição sacerdotal) e no relato do paraíso e da queda (Gn 2,4b–3,24 – tradição javista)⁶.

Na narrativa da criação do homem e da mulher, representados por Adão e Eva, encontram-se os pressupostos para a validação da díade dos gêneros masculino e feminino, enquanto realidade humana criada que expressa a imagem e semelhança de Deus, chamados a refletirem, na complementariedade dos sexos, a unidade do Criador.

A teologia da criação, presente no livro do Gênesis, fornece o ponto de vista fundamental para a adequada compreensão dos problemas suscitados pelo homossexualismo. Na sua infinita sabedoria e em seu amor onipotente, Deus chama à existência toda a criação, como reflexo da sua bondade. Cria o homem à sua imagem e semelhança, como varão e mulher. Por isto mesmo, os seres humanos são criaturas de Deus chamadas a refletir, na complementariedade dos sexos, a unidade interna do Criador. Eles realizam esta função, de modo singular, quando, mediante a recíproca doação esponsal, cooperam com Deus na transmissão da vida⁷.

Por complementariedade dos gêneros entende-se que: “a sexualidade é uma dimensão intrínseca da pessoa, havendo características “essenciais” que acompanham a masculinidade e a feminilidade; e essas diferenças “completam” homens e mulheres uns em relação aos outros”⁸. No princípio, Deus quis que a humanidade fosse constituída de homem e de mulher (Gn 1,27; 2,21-23), tornando os sexos masculino e feminino o fator de diferenciação constitutiva do ser humano⁹. Para a Pontifícia Comissão Bíblica, as Escrituras não oferecem um tratamento sistemático da relação homem-mulher; fato é a presença constante do tema em toda a Bíblia, nas suas expressões da união matrimonial e na sua assunção simbólica; homem e mulher foram criados com corpos sexuados¹⁰.

O tema da sexualidade, perpassado pela diferenciação masculino-feminino, aponta-nos o caminho da complementariedade dos sexos, fundamentada pela lei natural, por meio da diferença. Assume-se, tradicionalmente, por influência dessa interpretação do dado da criação,

⁶ VIDAL, 2008, p. 17.

⁷ CpDF, 1986, n. 6.

⁸ ROSS, Susan A. A noiva e o noivo: a antropologia teológica de João Paulo II e sua relação com a bíblia e a homossexualidade. In. JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo*: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 72.

⁹ PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Che cosa è l'uomo? Un itinerario di antropologia bíblica*. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 2019, p. 127.

¹⁰ PCB, 2019, p. 127.

que o comportamento homossexual é condenado por não assumir o caráter de complementação na diferença e por ser incompatível com a moralidade conjugal. Na análise dos paradigmas condenatórios da homossexualidade, Ortega afirma que a Bíblia pode ser referida em dois sentidos:

por um lado, cita-se uma série de textos que se destinam a condenar as relações homossexuais e, por outro lado, parte-se dos relatos da criação em Gênesis para explicar que ali encontramos uma visão antropológica e um ideal que excluiria a homossexualidade¹¹.

Essa compreensão do ser humano, com acento bíblico, afirma uma teologia e uma antropologia normativa que implicam a exclusão do comportamento homossexual¹². O horizonte da criação, nas suas interfaces de masculino e feminino, desponta, na concepção do Magistério Pontifício, como justificativa para uma moralidade conjugal normativa e regulamentadora da sexualidade humana.

Essa moralidade está codificada em duas afirmações magisteriais: “Qualquer ato genital humano pode ter lugar apenas na estrutura do matrimônio”, e “Todo e qualquer ato [de intercurso sexual] deve permanecer aberto à transmissão da vida”¹³.

Na narrativa de Gênesis 1, Deus cria o ser humano: “Façamos um ser humano, à nossa imagem e segundo a nossa semelhança” (Gn 1,26a). Este ser humano criado, à imagem e semelhança de Deus é o homem e a mulher; literalmente macho e fêmea: “E Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). No versículo seguinte, com Adão (macho) e Eva (fêmea) já criados, Deus os abençoa e os exorta à fecundidade: “E Deus os abençoou e disse-lhes: ‘Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a!’” (Gn 1,28a).

A perspectiva mais comum de compreensão da criação da humanidade sugere que ela está dividida entre duas categorias: o masculino e o feminino. Eles são definidos na origem da sua criação para procriarem, serem fecundos, crescerem e se multiplicarem; desaparece a possibilidade homossexual como criação de Deus, pois o ser humano criado é heterossexual¹⁴.

No capítulo 2º de Gênesis, há uma antropologia sexual que se apoia na narrativa da criação de Eva (mulher) como o *complemento* que faltava ao homem, retirando-o da solidão

¹¹ ORTEGA, Iván. Cristianismo y homosexualidad: cuestión de verdad. Lógica, antropología filosófica y teología en Gareth Moore OP. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 242.

¹² ORTEGA, 2020, p. 244.

¹³ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 78.

¹⁴ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 134.

(Gn 2,18). Deus a forma, a partir do homem, e a traz ao homem: “Então o Senhor Deus fez vir um sono profundo sobre o homem, o qual adormeceu. Tomou um lado dele e fechou a carne no seu lugar. E do lado que tomara do homem, o Senhor Deus formou a mulher e a trouxe ao homem” (Gn 2,21-22).

Por meio desses dois relatos, infere-se que: “os diversos aspectos da sexualidade não estão dissociados, mas integrados para constituir a perfeição de um amor interpessoal, sobre a base da igualdade e com a dinâmica da fecundidade”¹⁵. O amor interpessoal, aqui descrito, dá-se, à primeira vista, somente na relação heterossexual, no homem e na mulher, que, ao se integrarem, constituem a perfeição desse amor.

Cabe-nos perguntar: qual é o espaço da homossexualidade, portanto, o espaço das pessoas homossexuais, na teologia da criação? A lógica da complementaridade, nos padrões da lei natural e da tradição judaico-cristã, fixa os gêneros masculino e feminino heterossexuais como modelo único e ideal de existência: “a atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida e, por isso, contradiz a vocação a uma existência vivida naquela forma de autodoação que, segundo o Evangelho, é a essência mesma da vida cristã”¹⁶. O Magistério Pontifício não abole das pessoas homossexuais o seu caráter humano, mas, questiona a realidade ontológica da homossexualidade, no seu *status* de *condição* humana, como *condição* capaz de refletir a imagem e semelhança de Deus.

Segundo a Pontifícia Comissão Bíblica, as primeiras palavras pronunciadas por um ser humano são as palavras do macho, que reconhece diante dele o sujeito feminino para poder viver em comunhão de aliança¹⁷: “Então o homem exclamou: ‘desta vez, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, ela foi tirada do homem’. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gn 2,23-24).

Deste modo, evoca-se a união matrimonial não apenas na sua dimensão sexual e corpórea, mas também na sua doação voluntária de amor. O fruto desta união é «tornar-se uma só carne», quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas e, porventura, no filho que nascerá dos dois e, em si mesmo, há de levar as duas «carnes», unindo-as genética e espiritualmente (AL, n. 13).

Essa visão antropológica, fruto da interpretação tradicional teologia da criação, em seu enfoque maiormente conjugal, postula que a unidade verdadeira da criatura humana só se torna

¹⁵ VIDAL, 2008, p. 18.

¹⁶ CpDF, 1986, n. 6.

¹⁷ PCB, 2019, p. 1134-135.

possível no encontro entre o masculino e o feminino heterossexuais, no relacionamento interpessoal, enquanto união de vida e sexual. Assim sendo, como sustentar a realidade ontológica das pessoas homossexuais na da teologia da criação?

2.2 “E eles se tornarão uma só carne” (Gn 1,24): uma antropologia normativa

Toda pessoa, *per se*, é criada à imagem e semelhança de Deus; não podendo, assim, ser reduzida à sua orientação sexual, porque

Deus é Palavra, não é ser em si, nem dualidade genital (macho-fêmea, processo biológico de vida), mas, palavra que diz (que se diz), nomeando, suscitando e separando cada uma das coisas, “chamando” aos humanos (varões e mulheres) para que assim possam lhe responder, pois, também são Palavra. A criação não é um processo de geração biológica, como supunham as religiões do entorno, onde Deus é pai-mãe (El-Ashera), o poder fecundador (“macho” Baal...), é Palavra criadora e partilhada¹⁸.

A questão da imagem e semelhança torna-se problemática quando associada ao casal, enquanto protótipo chamado a refletir a unidade interna de Deus. Ortega apresenta o seguinte questionamento:

Em efeito, se se diz que o casal reflete a unidade interna de Deus, então “é o casal que é afirmado como imagem de Deus, não os seres humanos individuais, varão e mulher”. Contudo, isto chocaria com outras ideias bíblicas nas quais a imagem de Deus se expressa nos indivíduos e, especialmente, com a doutrina de que Jesus é a imagem de Deus por excelência¹⁹.

É a pessoa humana, na sua individualidade, naquilo que a estrutura como tal, que é chamada a refletir a imagem de Deus. Em termos éticos, inclusive em relação às pessoas homossexuais: “a justiça envolve a apreciação de todas as pessoas e de sua dignidade intrínseca como criaturas à imagem e semelhança de Deus. Realizar a dignidade humana de outra pessoa sempre envolve tratar o outro como sujeito, jamais como objeto”²⁰.

Pikaza analisa a antropologia que perpassa o Gênesis não em um plano de dualidade heterossexual, de procriação ou do nascimento de filhos. Para Pikaza a antropologia de Gênesis deve ser aplicada a todo tipo de comunicação entre pessoas. Numa acepção mais profunda, essa comunicação é de um tipo “carnal”, integral, demarcando o sentido original de um caminho que

¹⁸ PIKAZA, Javier. La biblia más allá de los textos: identidad sexual y amor personal. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 65-66.

¹⁹ ORTEGA, 2020, p. 245-246.

²⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 176.

vai de Gn 1 a Jo 1,14; Deus cria pela Palavra e a Palavra (Logos de Deus, Cristo) se fez carne (*sarx*):

um ser humano diante de outro ser humano, ambos nus (Gn 2,25), ante o impulso do amor e da palavra (comunicação), começando pelo varão, que se acha disposto a perder sua identidade (sua separação, seu egoísmo, vinculado à procriação: pai-mãe) para encontrar sua própria realidade em outro ser humano²¹.

Assim, Gn 2,23-24, que ampara a possibilidade única de relação e complementaridade por meio do viés masculino-feminino, pode ser relido hoje sob a perspectiva da palavra e da carne, como comunicação e abertura à alteridade, uma vez que, a partir desse texto,

formula-se, assim, a primeira linguagem da história, como descoberta e separação da identidade humana, na linha da comunhão, em nudez e abertura ilimitada, gozosa e admirada de vida, em forma de palavra, de modo que ambos, ele e ela, ou os dois, do sexo que forem, se fazem uma só “carne”, sendo dois para ser Um na Palavra, pois a palavra original de Deus se fez carne (Jo 1,14)²².

Torna-se necessário reconsiderar a teologia da criação e não inserir as pessoas homossexuais num plano de reducionismo à sua orientação. O verdadeiro protótipo de imagem e semelhança de Deus é Cristo, não Adão e Eva, e é nele que se pode superar as diferenças: “Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (Gl 3,27-28). No plano da criação, todas as pessoas são chamadas a serem imagem e semelhança de Deus em Cristo.

É Cristo que dá valor ao ser humano, não o sexo (nem a nacionalidade: judeu-grego; nem a condição social: escravo livre). “Entre os batizados que se ‘revestiram de Cristo’ a diferença entre homem e mulher perdeu sua importância. Com efeito, na comunidade com Cristo não ficam supressas estas realidades naturais; somente perdem sua força desagregadora²³.

No plano da criação, no tocante à orientação homossexual, pode-se repensar o tema através da redescoberta do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus; não reduzível à particularidade das regulamentações sexuais, como pressuposto antropológico desse ser imagem e semelhança. Assim como Deus se mostra no mistério, há na pessoa humana um sentido misterioso daquilo que a configura na sua individualidade, na sua personalidade. Por

²¹ PIKAZA, 2020, p. 70.

²² PIKAZA, 2020, p. 70.

²³ VIDAL, 2008, p. 29.

isso, compreender a homossexualidade no âmbito da criação é um convite “a um maior respeito pelo grau de mistério que cada ser humano representa para os outros seres humanos”²⁴.

A pergunta que precede esse item se refere a como sustentar a realidade ontológica das pessoas homossexuais no campo da teologia da criação. Partindo do conceito de natureza humana, segundo Malina,

os seres humanos são inteiramente os mesmos no tempo e no espaço. Mas as interpretações sociais da natureza humana tomam a dimensão idêntica da de seres humanos e dotam-na de significados e sentimentos específicos no âmbito de um bem definido sistema social. [...] embora os seres humanos possam ser os mesmos no mundo inteiro [...] o que conta como comportamento propriamente humano pode ser explicado de maneiras radicalmente distintas segundo as perspectivas de culturas específicas²⁵.

Sustenta-se a realidade ontológica das pessoas homossexuais, afirmando sua humanidade: a pessoa homossexual é *ser*-humano; uma vez que todo ser humano é homem ou mulher. As pessoas homossexuais, masculinos ou femininos, são homens ou mulheres. São seres humanos, na radicalidade daquilo que os define no mundo, isto é, sua humanidade. Não existe o *ser-homossexual* em detrimento da realidade profunda que o precede e define, a humanidade. Por conseguinte, ser homossexual é antes de tudo: ser humano não reduzido à orientação que o dota de significados e sentimentos específicos, ou seja, as pessoas homossexuais não devem ser identificadas pela homossexualidade. O adjetivo homossexual não dá conta de definir a pessoa humana; emprega-se melhor o seu uso quando define a orientação de alguém, como modo radical de distinção de um dos modos de ser humano.

Ao se supor, a partir do Gênesis, que há um casal nupcial, Adão e Eva, como protótipos do modelo de ser humano e de vivência da sexualidade, levanta-se o questionamento a respeito de outros tipos de vivências, hétero ou homossexuais, sexualmente ativas ou não.

Como evidenciam as pessoas inférteis, solteiras ou celibatárias, mesmo a ordem dada em Gn 1,28, de que todos nos multiplicássemos não pode ser cumprida da mesma maneira, ainda que todos nós – gays ou heterossexuais – nos achemos sob a mesma obrigação²⁶.

²⁴ ROSS, 2005, p. 89.

²⁵ MALINA, Bruce J. O Novo Testamento e a homossexualidade? In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo*: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 183.

²⁶ DI VITO, Robert A. Interrogações sobre a construção da (homo)sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na bíblia hebraica. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo*: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 161.

Conforme defende Di Vito, as nossas obrigações inter e intrageracionais, no que concerne à fidelidade ao testemunho bíblico, não requerem um cumprimento unívoco como se deu no Antigo Israel²⁷.

Pela tradição, o caráter desordenado da homossexualidade é acoplado aos textos da Bíblia, que confessam que Deus criou homem e mulher e lhes deu sua bênção para se multiplicarem. O problema é se essa interpretação da facticidade à luz da fé ultrapassa uma visão cultural generalizada que não conta com o fato de existirem pessoas estéreis e homossexuais²⁸.

Hoje, a questão homossexual requer uma maior atenção, com vistas à inclusão das pessoas reconhecidamente homossexuais, que também são dignas de serem acolhidas pela Igreja, no humano que as constitui.

2.3 Os textos fundamentais na condenação dos atos homossexuais: redescobrir para libertar

A base bíblica que o Magistério Pontifício utiliza para a condenação do comportamento e dos atos homossexuais sistematiza um julgamento moral que abarca o fenômeno da homossexualidade como um todo. Isto é, a moldagem dos juízos sobre os atos homossexuais gera, conseqüentemente, ponderações sobre as pessoas homossexuais e, por isso, tende a afetar as suas vidas.

A Congregação para a Doutrina da Fé, na “*Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*”, afirma:

O ensinamento da Igreja de hoje encontra-se, portanto, em continuidade orgânica com a visão contida na Sagrada Escritura e com a constante tradição. Embora o mundo de hoje seja, sob diversos pontos de vista, realmente mudado, a comunidade cristã é consciente do vínculo profundo e duradouro que a une às gerações que a precederam « no sinal da fé »²⁹.

A reflexão ético-teológica atual discute a aplicabilidade dos textos escolhidos para a condenação dos atos homossexuais, uma vez que a interpretação dos mesmos deve ser contextual. Nesta perspectiva, não é incomum que em alguns estudos, biblistas e teólogos contemporâneos afirmem a impossibilidade da utilização dos textos selecionados pelo Magistério Pontifício na condenação do comportamento e dos atos homossexuais, porque

²⁷ DI VITO, 2005, p. 161.

²⁸ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 185.

²⁹ CpDF, 1986, n. 8.

os textos propostos como base sólida e inequívoca para o ensinamento católico sobre atos homossexuais estão bem longe de ser claros e inequívocos. Ao contrário, eles são formas literárias complexas e sócio-historicamente condicionadas que demandam uma análise histórica cuidadosa, que levanta questões no pensamento teológico informado e inquisidor³⁰.

Destarte, retornar aos textos que fundamentam o posicionamento moral do Magistério Pontifício nos ajuda a compreender que, a partir deles, constrói-se uma avaliação moral, cujo enfoque principal são os atos e o comportamento homossexual, dentro de parâmetros e contextos históricos específicos. Exige-se, assim, que a exegese bíblica e a hermenêutica se comprometam com a análise socio-histórica atual na averiguação da plausibilidade da aplicação destes textos, ao se julgar a questão homossexual hoje.

Segundo Patricia Beattie Jung, “o que um texto significou não deve controlar o que ele significa”³¹. Demarca-se, assim, a importância de constantes atualizações a respeito de temas que perpassam tempos, gerações, culturas e expressões religiosas, como é o caso da homossexualidade. A teologia hodierna conta com elementos importantes para a reavaliação da homossexualidade desde a análise bíblica do fenômeno. Estes elementos, que auxiliam num julgamento crítico contextualizado do fenômeno, são científicos, teológicos, pastorais, filosóficos, socio-históricos, entre outras fontes do saber³².

Um dos pontos abertos no diálogo sobre a homossexualidade ronda em torno da questão se, de fato, as Sagradas Escrituras abordam o tema como o conhecemos hoje. Por isso, neste item da pesquisa, regressamos aos textos outrora interpretados pelo Magistério Pontifício, pontuando-os segundo as novas contribuições teológicas. A releitura desses textos bíblicos, Gn 19,1-29; Lv 18,22; 20,13; Rm 1,26-27 e 1Cor 6,9-10, inaugura o tempo da reconstrução da linguagem religiosa sobre a homossexualidade.

2.3.1 A condenação dos atos homossexuais no Antigo Testamento numa perspectiva atual

Quanto à relevância do tema da homossexualidade, na perspectiva dos atos homossexuais, no Antigo Testamento, deve-se considerar as limitações e as restrições da aplicabilidade das avaliações da Bíblia a discussões hodiernas sobre a moralidade do fenômeno³³. Segundo a Pontifícia Comissão Bíblica,

³⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 297.

³¹ JUNG, Patricia Beattie. A promessa da hermenêutica pós-moderna para a renovação bíblica da teologia moral. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo*: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 110.

³² JUNG, 2005, p. 110.

³³ DI VITO, 2005, p. 140.

deve-se notar que a Bíblia não fala da inclinação erótica por uma pessoa do mesmo sexo, mas apenas dos atos homossexuais. E trata disso em poucos textos, diferentes entre si em gênero literário e importância. No que diz respeito ao Antigo Testamento, temos duas histórias (Gn 19 e Jz 19) que evocam impropriamente este aspecto, e depois, as regras de um Código Legislativo (Lv 18,22 e 20,13) que condenam as relações homossexuais³⁴.

Gênesis 19,1-29

O castigo sobre Sodoma foi popularmente aceito como consequência da atitude dos “*sodomitas*”, compreendida como o comportamento homossexual. A interpretação primeira e mais frequente deste texto considera que o pecado de Sodoma foi a homossexualidade³⁵, que teve como consequência uma punição severa, a sua destruição. Essa interpretação condiciona a visão da Igreja Católica sobre a homossexualidade na elaboração dos seus ensinamentos oficiais. Afinal, teria o pecado de Sodoma algo a ver com a homossexualidade? A Pontifícia Comissão Bíblica, a respeito do pecado de Sodoma, afirma que

Deve-se notar, antes de tudo, que, em outras passagens da Bíblia hebraica que se referem à culpa de Sodoma, nunca se alude a uma transgressão sexual praticada contra pessoas do mesmo sexo. Em Is 1,10 é denunciada a traição do Senhor, enquanto em Is 3,9 é evocada uma genérica conduta pecaminosa perpetrada de forma descarada; em Jr 23,14 Jerusalém é comparada a Sodoma e Gomorra porque nela se comete o adultério; sim, há uma conduta mentirosa e uma mão forte é dada aos malfeitores, sem mostrar nenhum sinal de conversão; e, finalmente, em Ez 16,49 o profeta afirma que o pecado de Sodoma consistia em soberba (cf. também Sir 16,8), alegre despreocupação e falta de ajuda aos pobres. Parece, portanto, que uma significativa tradição bíblica, atestada pelos profetas, etiquetou Sodoma (e Gomorra) com o título emblemático, mas genérico, de cidade má (cf. Dt 32,32-34)³⁶.

Os textos bíblicos que fazem uma releitura acerca do castigo sobre Sodoma não fazem referência ao comportamento homossexual como o pecado propiciador da destruição. Eles reforçam o adultério, a falsidade, a relutância em se arrepender/converter, o orgulho, a exclusão do pobre, a insolência, a injustiça e a falta de hospitalidade como os reais motivos do castigo que recaiu sobre a cidade³⁷. De acordo com esse relato, a homossexualidade não figura, em nenhum momento, como elemento fundamental e assevera que

a história não pretende apresentar a imagem de uma cidade inteira dominada por desejos irremediáveis de natureza homossexual; ao contrário, denuncia-se a conduta de uma entidade social e política que não quer acolher com respeito o estrangeiro e,

³⁴ PCB, 2019, p. 161-162.

³⁵ GAFO, 1997, p. 193.

³⁶ PCB, 2019, p. 162.

³⁷ GENOVESI, 2008, p. 263-264.

portanto, pretende humilhá-lo, forçando-o a submeter-se a um vergonhoso tratamento de submissão³⁸.

De La Torre recorda que os textos das cartas Jd 6,7 e 2Pd 2,4-10 aludem a Sodoma e Gomorra considerando o comportamento sexual ilícito; porém, este tema não aparece nos Evangelhos e tampouco na literatura profética. Ainda que tais passagens ofereçam uma leitura sexualizada de Sodoma, elas não fazem referência à homossexualidade³⁹.

Os homens de Sodoma satisfaziam sua luxúria de qualquer modo; não eram tipicamente homossexuais – orientação –, algo desconhecido pela literatura bíblica. Ló, para preservar a integridade dos estrangeiros, oferece suas duas filhas virgens para satisfazerem o desejo sexual deles. Caso fosse consumado o ato, isto consistiria em estupro. O caráter homossexual atribuído ao pecado de Sodoma nasce na literatura intertestamentária do séc. I, na obra palestina “*O testamento de Neftali*” (II, 4-5), aludindo à oferta sexual que Ló faz de suas filhas para evitar o abuso de seus hóspedes⁴⁰. Em relação ao desejo de relação sexual dos homens de Sodoma para com os estrangeiros, Ortega demarca a questão da intencionalidade, uma vez que

a relação buscada corresponde a um abuso em grupo. Ademais, deve-se levar em consideração o contexto patriarcal, onde a violação de um homem por outros homens é um exercício de degradação, ao “reduzi-lo” ao papel da mulher. Por conseguinte, não se condena a intenção de ter relações sexuais “com alguém do mesmo sexo”. Condena-se a vontade de ter relações sexuais como falta de hospitalidade expressa na intenção de um ato de hostilidade degradante para com o varão⁴¹.

Há um paralelismo entre o texto sobre “*O castigo de Sodoma*” (Gn 19,1-29) e a narrativa do “*Crime de Gabaá*” (Jz 19,1-29).

Havia um levita que migrava pelas encostas da montanha de Efraim. Ele tinha por concubina uma mulher de Belém de Judá, mas sua concubina lhe foi infiel e o deixou. Foi para a casa do seu pai, em Belém de Judá, onde ficou quatro meses. O marido, levando consigo um criado e um par de jumentos, resolveu ir atrás dela para falar-lhe ao coração e fazê-la voltar. Ela o fez entrar na casa de seu pai. Ao vê-lo, o pai da jovem alegremente foi a seu encontro e forçou o levita a ficar. O levita se deteve com ele três dias. Eles comeram, beberam e pernoitaram ali mesmo. No quarto dia madrugaram, e o genro se levantou para partir, mas o pai da jovem lhe disse: “Refazete com um bocado de pão. Depois podereis partir”. Assim, ficaram sentados, os dois juntos, comendo e bebendo. Então o pai da jovem disse ao homem: “Aceita passar aqui mais esta noite e fica à vontade”. O homem se levantou para partir, mas o sogro insistiu para que pernoitasse ali. No quinto dia, ele madrugou para partir, mas o pai da jovem lhe disse: “Refazete-te!” E assim tardaram, comendo juntos, até o dia declinar. Então, o homem se levantou para partir com a concubina e o criado. Mas o sogro, pai da moça, disse: “Olha, já começa a entardecer. Passa a noite aqui, o dia está no fim, pernoita aqui e fica à vontade. Amanhã madrugareis para viajar, e voltarás à tua

³⁸ PCB, 2019, p. 163.

³⁹ DE LA TORRE, 2020, p. 87.

⁴⁰ DE LA TORRE, 2020, p. 85.

⁴¹ ORTEGA, 2020, p. 243.

tenda”. O homem, porém, não quis mais passar a noite e levantou-se para partir. Chegou assim à altura de Jebus (isto é, Jerusalém), com o par de jumentos encilhados e a concubina. Estavam perto de Jebus, ao declinar do dia. Então o criado disse a seu senhor: “Vem, vamos dirigir-nos a esta cidade dos jebuseus e pernoitar ali”. Mas seu senhor lhe disse: “Não vamos dirigir a uma cidade de gente estranha, que não pertence aos israelitas. Continuaremos até Gabaá”. E disse mais ao criado: “Vem, vamos aproximar-nos de uma destas localidades, Gabaá ou Ramá, a fim de pernoitar”. Assim prosseguiram a viagem, e o sol se pôs quando estavam na altura de Gabaá de Benjamim. Dirigiram-se para lá, a fim de passar a noite em Gabaá. Entraram e ficaram sentados na praça da cidade, mas ninguém os acolheu em casa para passar a noite. Ao anoitecer chegou um ancião de volta do trabalho no campo. Era da montanha de Efraim. Ele também era migrante em Gabaá, enquanto os homens da cidade eram benjaminitas. Levantando os olhos, o ancião viu o viajante na praça da cidade e perguntou: “Aonde vais? De onde vens?” O levita respondeu: “Estamos passando de Belém de Judá rumo às encostas da montanha de Efraim. Eu sou de lá. Estive em Belém de Judá e estou voltando para minha casa. Mas ninguém me acolhe em casa, apesar de eu ter palha e forragem para os jumentos, pão e vinho para mim, para esta tua serva e para o criado, os quais me acompanham; nada nos falta”. – “Paz a ti!” disse o ancião. “Tudo de que precisas corre por minha conta. Tão-somente não passes a noite na praça!” E o fez entrar em sua casa e deu forragem aos jumentos. Os viajantes lavaram os pés, comeram e beberam. Enquanto estavam à vontade, alguns homens da cidade, filhos de Belial, cercaram a casa, bateram à porta e gritaram para o ancião, dono da casa: “Faze sair o homem que entrou em tua casa! Queremos abusar dele!” O dono da casa saiu e lhes disse: “Não, meus irmãos! Não cometais esse crime! Depois que esse homem entrou em minha casa não cometais tal infâmia. Vou trazer-vos minha filha virgem e a concubina do homem; podeis humilhá-las e fazer-lhes o que parecer bem aos vossos olhos, mas não façais a esse homem tamanha infâmia!” Aqueles homens, porém, não quiseram escutá-lo. Então o levita pegou a concubina e a trouxe para fora. Eles abusaram dela e a violentaram a noite inteira, até de madrugada. Abandonaram-na ao amanhecer. De madrugada a mulher chegou, caiu à entrada da casa onde estava o marido e ali ficou até o dia clarear. De manhã, o marido se levantou, abriu a porta da casa com as mãos na soleira. Ele lhe disse: “Levanta-te! Vamos embora!” Mas não teve resposta. Então, compreendendo que estava morta, o homem carregou-a sobre o jumento e foi para onde morava. Chegando à casa, pegou sua concubina e com uma faca retalhou o cadáver dela em doze pedaços, que enviou por todo o território de Israel (Jz 19,1-29)⁴².

Por meio dessa correlação se percebe que ambos os relatos não potencializam a ideia de uma constituição tipicamente homossexual nos homens cujas intenções sexuais se direcionam aos hóspedes estrangeiros. Em Juízes, os filhos de Belial pretendem abusar do Levita que se hospeda com sua a concubina e o seu criado na casa de um ancião. O ancião, para poupar o Levita, oferece-lhes para terem relações sexuais com a sua filha virgem e com a concubina do Levita, seus hóspedes. A concubina é violentada por aqueles homens, durante a noite inteira, até a morte. Eles estavam dispostos a abusar dos hóspedes, fossem homens ou mulheres. Em Juízes, o estupro feminino é consumado e resulta em assassinato, revelando que

sua violência é desencadeada sobre a mulher do Levita a ponto de fazê-la morrer (v. 28), o que mostra que eles não se sentiam atraídos sexualmente pelo macho, mas

⁴² BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 319-320, nota a Jz 19,1-29.

apenas desejosos de se imporem ao estrangeiro, humilhando-o com um tratamento infame, talvez até com a intenção final de matá-lo (Cf. Jz 20,5)⁴³.

A inospitalidade e a violência emergem como pecados, visto que a dignidade do outro é violada. A conotação sexual desta passagem revela a extensão da inospitalidade, por parte dos homens de Sodoma e, também, de Gabaá, ao pretenderem o estupro violento dos estrangeiros⁴⁴. O relato de Sodoma deve ser relido sob a ótica dos elementos que rompem com a lei da hospitalidade.

Seu sentido não poderia ser isolado do contexto claro de violência, humilhação, abuso de poder, rapto, estupro e lesão da sagrada lei da hospitalidade, que contrasta vivamente com o modo delicado e gentil de Abraão receber seus visitantes no capítulo anterior (cf. Gn 18,23-33)⁴⁵.

Segundo Gn 13,13, “os habitantes de Sodoma, porém, eram perversos e pecavam gravemente contra o Senhor”; esta perversidade ou maldade residia no fato de violar a hospitalidade, quando, para a mentalidade da época, a hospitalidade não poderia ser jamais violada, uma vez que rejeitar o estrangeiro é o mesmo que rejeitar a alteridade⁴⁶.

Compreender a narrativa de Sodoma é entendê-la na dimensão dos atos de inospitalidade e não dos atos homossexuais⁴⁷. Esta inospitalidade explica a não acolhida do outro e todo o mal que se faz contra esse outro, constituindo assim um pecado.

A falta de hospitalidade, calcada na hostilidade e na violência para com o próximo, é o comportamento considerado gravíssimo, porque a rejeição do estrangeiro carente, do diferente, do indefeso é o princípio da desintegração social, violência mortífera merecedora de pena adequada⁴⁸.

Acerca do relato da destruição de Sodoma e Gomorra, correlacionada à questão homossexual, Di Vito conclui que

no tocante a isso, nada tem a ver com a condição de homossexualidade nem com a legitimidade de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Se se supõe que Gn 19,1-11 pode ser usado como base da condenação da homossexualidade em nossos dias, é provável que se devesse concluir que o resultado da história em Juízes (a concubina do levita é entregue aos homens da cidade em lugar do levita) implica por sua vez que as relações heterossexuais devem ser condenadas⁴⁹.

⁴³ PCB, 2019, p. 164.

⁴⁴ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 301.

⁴⁵ LEERS, 2010, p. 336.

⁴⁶ MOSER, 2001, p. 239.

⁴⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 302.

⁴⁸ PCB, 2019, p. 164.

⁴⁹ DI VITO, 2020, p. 141.

Levítico 18,22; 20,13

Estes dois versículos apresentados em Levítico, dentre as leis que constam no Código de Santidade do livro, tratam explicitamente a respeito dos atos homossexuais quando introduzem na literatura bíblica a proibição direta em relação ao homem que se deita com outro homem, como se fosse com uma mulher.

Lv 18,22 classifica tal comportamento como uma abominação. Neste contexto, abominação indica um fenômeno que incomoda ou que causa repulsa em determinadas pessoas; aqui particularmente, designa algo não santo, impuro, que contradiz a lei do Senhor⁵⁰.

A respeito do Levítico, Pikaza indica, nas duas passagens sobre os atos homossexuais entre homens, que o legislador não dá razões para tal proibição, nem para a pena imposta pela transgressão dela. Sugere, ainda, que desses textos se pode deduzir a intenção de “proteger e promover um exercício de sexualidade aberto à procriação, de acordo com o mandato do Criador para os seres humanos (Gn 1,28), cuidando, certamente, que este ato se inscreva no marco de um matrimônio legítimo”⁵¹.

Os dois versículos de Levítico priorizam as relações homossexuais, provavelmente consentidas, entre varões, dentro de uma cultura patriarcal que, costumeiramente, tende a reduzir a figura da mulher. Conforme reflete Ortega: “não se pode [...] tratar de uma condenação que possamos fazer nossa ao não assumir essa cultura patriarcal”⁵².

O patriarcalismo bíblico e o entorno patriarcal de suas comunidades não corroboram com o que hoje chamamos de possibilidade homossexual; por outro lado, a própria Bíblia contém elementos que nos permitem superar a “ideologia” patriarcal de gênero, na sua visão “biologicista” do “homem”⁵³ macho e fêmea, ao buscar o sentido mais profundo que desponta da sua identidade, como pessoa, seres de palavra⁵⁴.

Há um dado no Levítico que ajuda a compreender a questão da restrição ao comportamento homossexual. Segundo Salzman e Lawler, existe uma noção de biologia falha que perpassava o mundo hebreu daquele contexto. Supunha-se que o homem era o doador da semente que continha a totalidade da vida e a mulher era somente o “lugar”, a “terra fértil”,

⁵⁰ LINGS, Renato. El corazón descubierto: reflexiones sobre el Levítico. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 35.

⁵¹ PIKAZA, 2020, p. 77-78.

⁵² ORTEGA, 2020, p. 243.

⁵³ Compreenda-se por “homem” o gênero humano discriminado pela única possibilidade de dois sexos, o masculino e o feminino, dentro das suas especificidades essencialmente biológicas.

⁵⁴ PIKAZA, 2020, p. 64.

onde essa semente, o “*homunculus*”⁵⁵, seria semeada e cresceria até atingir a sua realização como ser humano; logo,

esparramar essa semente ou “*homunculus*” nascente em algum lugar em que ela não pudesse se desenvolver apropriadamente, no chão, ou em um corpo masculino, por exemplo, equivalia a um assassinato, e assassinatos sempre foram considerados uma abominação”⁵⁶.

Por isto, a homossexualidade feminina não é mencionada nos textos do Levítico; em primeiro lugar, pelo fato de a mulher “não desperdiçar vida”, dado que o sêmen, portador do “*homunculus*”, pertence ao homem/varão e, em segundo lugar, porque a mulher não é contada prioritariamente numa sociedade patriarcal. Assim, os atos homossexuais femininos não são contemplados na Lei de Santidade, tampouco em outros livros do Antigo Testamento⁵⁷.

A proibição dos atos homossexuais, em Levítico, não existe sozinha; ela pertence a um quadro de diversas leis proibitivas e não configura um tipo de admoestação central ou mais importante no código. Encontram-se, em Levítico, várias proibições que, ao serem transgredidas, serão classificadas como infâmia, abominação e perversidade, tendo como consequência várias punições, inclusive a morte (cf. Lv 18,1-30); o mesmo acontece em Lv 20.

O Código de Santidade, em relação às leis e às proibições nele contidas, é um meio pelo qual Israel se distingue das demais sociedades. Essas normas explicitam o seu modo de ser no mundo, como um povo coeso, dentro de uma cultura, na expressão de sua fidelidade a Deus e, no aspecto cultural, sua religiosidade que também se perfaz numa ética⁵⁸. Este conjunto de leis ou de admoestações, centrado na pureza ritual e na pureza moral, manifesta também o senso ético na vivência de um povo que quer se dedicar a Deus, isto é, ser santo. As leis ou admoestações contidas no código tornam-se crimes quando violadas e atingem, primeiramente, a santidade de Javé⁵⁹.

A preocupação de fundo que encontramos em Levítico pode ser com a ordem criacional e com a pureza do culto. Não há em Levítico uma rejeição da homossexualidade em si; não se tematizam as relações interpessoais permanentes. Tematizam-se apenas atos individuais. O termo utilizado, “abominação”, é comumente utilizado em relação às contaminações pagãs,

⁵⁵ *Homunculus* (latim) ou homúnculo (português): miniatura de ser humano completa contida no líquido seminal.

⁵⁶ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 303.

⁵⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 303.

⁵⁸ CORRÊA LIMA, Luís. *Teologia e os LGBTQ+*: perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 64.

⁵⁹ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 69.

condenando a prostituição sagrada que está ligada à idolatria e não à uma desordem sexual considerada em si mesma⁶⁰.

Outro dado relevante é a questão de subjugar outro homem como se fosse uma mulher e a atitude do homem que aceita ser passivo numa relação com outro homem, pois

agir passivamente e permitir-se ser penetrado como uma mulher, comprometia seriamente a honra masculina, não apenas a do homem que se deixava penetrar, mas também a de todos os demais homens da família ou do clã. A passividade de um homem, de quem se esperava uma atitude ativa em tudo, inclusive no sexo, era sempre algo abominado e desonroso⁶¹.

A concepção da superioridade do homem em relação à mulher, segundo Leers e Trasferetti, mostra que o comportamento homossexual rebaixava o homem, trocando o seu papel de superioridade por outro inferior, remetendo-o ao *status* de escravo, posse de outro. Para além disso, deitar-se com outro homem também inseria os sujeitos da relação no domínio da prostituição sagrada, ou seja, na proibição severa da idolatria⁶².

Os israelitas eram evidentemente severos no julgamento contra a prática da prostituição masculina sagrada (Dt 23,18; 1Rs 14,24; 15,12; 22,47), mas a consideravam uma “abominação” por causa de sua ligação com os ritos de fertilidade dos canaanitas. Neste contexto, parece ser justificada a ideia de que a condenação pelo Levítico da atividade homogenital não é primordial nem precisamente um julgamento ético em relação ao comportamento sexual. Mais exatamente, tal atividade é proibida por causa da sua associação à idolatria⁶³.

O comportamento homossexual, passível de pena de morte, como outros tipos de transgressões ao código, é apresentado na dimensão da prostituição sagrada, da degradação ou feminização do homem, bem como da eliminação da finalidade procriadora⁶⁴ da relação sexual. A ideia da homossexualidade como orientação sexual não faz parte da abordagem contida nas proibições apresentadas pelo código de santidade. Lings explica que

a palavra *homossexualidade* há de destacar que se trata de um termo moderno cunhado em 1869 e que não tem equivalente no hebreu clássico. Em primeiro lugar, no século XXI a palavra se refere geralmente a uma relação igualitária entre duas pessoas do mesmo sexo, fenômeno nada comum na antiguidade devido às duras estruturas hierárquicas que regiam a interação sexual e social em todos os níveis. Em segundo lugar, a proibição estipulada em Lv 18,22 só alude aos varões israelitas circuncisos, enquanto o conceito moderno de homossexualidade é aplicável tanto a varões *gay*

⁶⁰ GOMES; TRASFETETTI, 2011, p. 70-71.

⁶¹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 303.

⁶² LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 109.

⁶³ GENOVESI, 2008, p. 265-264.

⁶⁴ VIDAL, 2008, p. 176-129.

como a mulheres lésbicas de qualquer religião ou setor social. Em resumo, é anacrônica, em um texto bíblico, a presença de uma palavra de gênese tão recente⁶⁵.

O contexto sócio-histórico do Antigo Testamento diverge das concepções atuais que temos da constituição e do comportamento homossexual. Revisitar esses textos, na tentativa de compreender a questão homossexual, nos faz perceber que julgar a moralidade do comportamento homossexual, hoje em dia, com bases no Antigo Testamento, é caminhar sobre uma lacuna no tempo e no espaço. Contextualmente, trata-se de tempos e lugares distintos⁶⁶; em outras palavras: “as atuais concepções, de caráter mais crítico, não podem ser aplicadas sem critérios às referências bíblicas que estão em outro contexto histórico”⁶⁷. Em síntese: o Antigo Testamento nada afirma sobre a homossexualidade, enquanto orientação afetivossexual.

2.3.2 A condenação dos atos homossexuais no Novo Testamento numa perspectiva atual

A perspectiva atual da interpretação dos textos Paulinos, atribuídos à avaliação do comportamento e atos homossexuais, partem da premissa que “a homossexualidade, ou seja, a orientação sexual para pessoas do mesmo gênero, não era uma preocupação na antiguidade”⁶⁸. Dessa forma, o primeiro cuidado que se deve ter é em identificar sobre quais sujeitos Paulo faz as suas advertências e, ao mesmo tempo, em qual contexto. Propomos retornar aos textos de Rm 1,26-27 e 1Cor 6,9-10 para averiguar se, de fato, a literatura paulina explicita algo concreto acerca da homossexualidade.

Romanos 1,26-27

Introduz-nos num contexto sócio-histórico que abarca a experiência pessoal de um judeu convertido ao cristianismo. À vista disso, Paulo não tem a noção da orientação psicosssexual contemporânea, daquilo que compreendemos por homossexualidade: “na qual algumas pessoas, homossexuais por ‘natureza’, teriam de perverter a sua verdadeira ‘natureza’ a fim de se envolver em atos heterossexuais”⁶⁹.

Ao mencionar os comportamentos homossexuais, o Apóstolo se refere aos relacionamentos luxuriosos, à pederastia e não às relações homossexuais permanentes e verdadeiras, uma vez que não dispunha de um conceito acerca da homossexualidade. Em outros

⁶⁵ LINGS, 2020, p. 36.

⁶⁶ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 304.

⁶⁷ VIDAL, 2008, p. 130.

⁶⁸ MALINA, 2005, p. 181.

⁶⁹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 305.

termos, Paulo condena as ações homogenitais pervertidas de homens heterossexuais, por serem consideradas uma perversão da heterossexualidade⁷⁰. Bortolini esclarece que

a carta destaca algumas dessas relações pervertidas. A primeira é o homossexualismo feminino e masculino (1,26b-27). De modo geral, no mundo greco-romano daquele tempo a prática homossexual entre pessoas heterossexuais era estimulada e inclusive vista como perfeição. Paulo certamente não tinha o conhecimento que hoje se tem a respeito de pessoas que já nascem com orientação homossexual. Ele detecta perversão entre heterossexuais que se dedicam a práticas homossexuais⁷¹.

Na passagem de Rm 1,26-27, Paulo aborda explicitamente a “homossexualidade”, no que tange às mulheres e aos homens de seu tempo. A respeito das mulheres, esta é a única passagem no Novo Testamento que as menciona no contexto da homossexualidade, “tanto as mulheres substituíram a relação natural por uma relação contra a natureza” (Rm 1,26b). Um cuidado que devemos ter ao interpretar o versículo citado é o de saber se está dizendo que as mulheres deixaram de se relacionar com homens para se relacionar com outras mulheres – “*substituíram a relação natural*” - ou se “*relação contra a natureza*”, no tocante às mulheres, está associada “a posturas antinaturais da mulher no ato sexual, das quais existe testemunho em textos pagãos”⁷². O uso do termo “natureza” por Paulo é “falar daquilo que resulta normal em sua sociedade, do comumente aceito”⁷³.

A condenação do comportamento homossexual, em Romanos, recai sobre a lei da natureza, dado que qualquer atitude antinatural manifesta um afastamento de Deus, configurando uma inversão compreendida sob o prisma da idolatria; como afirmam Gomes e Trasferetti,

através do emprego da categoria estoica de “contra natureza”, Paulo reconecta a homossexualidade à idolatria como perversão da ordem querida pelo Criador e a define como “coisa vergonhosa” (*aiskemosyne*) e uma das paixões desonrosas dos pagãos (*pathe atimias*)⁷⁴.

O ato ou o comportamento homossexual, em Romanos, é apresentado “como comportamento de pessoas heterossexuais que deliberadamente traem o seu papel natural”⁷⁵. Por conseguinte, a carta aos Romanos não deve ser usada para condenar a homossexualidade, pois a compreensão atual da orientação homossexual não se enquadra na prática da idolatria,

⁷⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 305-306.

⁷¹ BORTOLINI, José. *Como ler a Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 31.

⁷² VIDAL, 2008, p. 132.

⁷³ NUÑEZ, Juan Sánchez. Romanos 1: homoerotismo en un mundo de idolatría e injusticia. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homossexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 51.

⁷⁴ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 75-76.

⁷⁵ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 76.

nem na prostituição cultural, tampouco se trata de homens heterossexuais que simplesmente deixam a relação natural com mulher. Segundo Genovesi,

Paulo não parece descrever e condenar as ações dos verdadeiros homossexuais, mas sim as dos indivíduos [...] pseudo-homossexuais, isto é, que realmente têm orientação heterossexual, mas se entregam aos atos homossexuais e, desse modo, comportam-se de modo pervertido ao decidir desafiar a “natureza”⁷⁶.

A respeito das implicações do texto de Romanos no problema da homossexualidade, Gafo agrega três ponderações: a *primeira* tem a ver com o conceito estoico da lei natural e encontra muita relevância na aproximação eclesial ao tema da homossexualidade. A *segunda* aponta que o interesse central de Paulo, nesse texto, não é o da condenação ética da homossexualidade, mas sim a afirmação de que o mundo pagão não encontra salvação fora de Jesus Cristo. Na *terceira*, Paulo entende que o comportamento homossexual é aquele de uma pessoa heterossexual que abandona o “uso” natural da mulher; destarte, sua visão não se refere a uma verdadeira orientação homossexual⁷⁷.

Devemos entender que, “incapaz de diferenciar entre orientação sexual e atividade sexual, Paulo condena claramente todo comportamento homossexual como imoral”⁷⁸. Tanto os valores éticos quanto os religiosos da sua sociedade condenam as práticas homossexuais das mulheres e dos varões do seu entorno, porque configuram uma paixão vergonhosa, um desejo desenfreado e o abandono do “uso natural” da sua sexualidade⁷⁹.

Ortega apresenta algumas dificuldades que tornam difícil a utilização do texto de Romanos na condenação da homossexualidade: a defesa de que São Paulo não podia ter a compreensão da orientação sexual – no caso de uma constituição tipicamente homossexual, o natural seria a atração pelo mesmo gênero, não incorrendo em desvio da natureza –; e o ideal paulino da relação entre sexos baseada em uma concepção patriarcal, que hoje se tornou indefensável como argumento para a condenação da homossexualidade⁸⁰. O texto de Romanos não diz respeito a pessoas constitutivamente homossexuais, cujo interesse pelo mesmo gênero passa por ações justas e amorosas e não da mera perversão da heterossexualidade⁸¹.

⁷⁶ GENOVESI, 2008, p. 269.

⁷⁷ GAFO, 1997, p. 194-195.

⁷⁸ GENOVESI, 2008, p. 270.

⁷⁹ NUÑEZ, 2020, p. 53.

⁸⁰ ORTEGA, 2020, p. 195.

⁸¹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306.

1Coríntios 6,9-10

Dentre a lista categórica daqueles que não terão parte ou que não herdarão o Reino de Deus, encontram-se os efeminados (*malakoi*) e os sodomitas (*arsenokoitai* – *arsen*/varão; *koite*/cama)⁸². Existe uma dificuldade de tradução em relação às duas palavras⁸³, o que pode gerar uma dificuldade de compreensão, quando associadas ao problema da homossexualidade. As diversas traduções impossibilitam saber com precisão o que “exatamente é criticado nesses textos, no que diz respeito ao comportamento homogenital”⁸⁴. Os textos das Bíblias TEB, CNBB, Bíblia de Jerusalém, Peregrino, Vulgata, Pastoral, Vozes e Ave Maria traduzem “*malakoi*” por “*efeminados*”; já a palavra “*arsenokoitai*”, na tradução da TEB e da Vozes foi traduzida como “*pederastas*”; pela CNBB, Bíblia de Jerusalém, Vulgata e Pastoral foi traduzida por “*sodomitas*”; na tradução da Ave Maria, encontramos “*infames*” e, na Peregrino, “*homossexuais*”⁸⁵.

Conforme os estudos de Salzman e Lawler, apesar da dificuldade da tradução da palavra “*malakos*”, há toda uma questão contextual por detrás dela, uma vez que, na literatura paulina, “há alguma evidência de que tanto ‘*malakos*’ quanto ‘*malakia*’ foram usadas metaforicamente, em referência ao comportamento sexual feminino, sem, no entanto, ficarem restritas a esse significado”⁸⁶.

Em algumas traduções inglesas, por exemplo, vemos distintas traduções da mesma palavra, a significar efeminado, efeminação, adúlteros, prostitutos e adultério⁸⁷. De modo geral, a tradução da palavra “*malakoi*” é a de fino, brando e tem a ver com a fineza, com a brandura, mormente associadas ao feminino. Em relação à figura masculina, no contexto hebreu, qualquer traço de efeminação, inclusive dissociado do comportamento homogenital, representaria uma depreciação da honra masculina⁸⁸.

Na dinâmica da compreensão de “*malakoi*”, “poderia aceitar-se a tradução de ‘afeminado’, mas traduzi-lo por ‘invertido’ seria fazê-lo dizer mais do que disse”⁸⁹. Por isto, ao reler 1Cor 6,9-10, podemos compreender, em tese, que, para além do intercuro sexual, numa cultura e numa religiosidade bem contextualizadas, histórico, espacial e temporalmente, é a efeminação masculina que se torna objeto de condenação, por contrariar uma cultura que, até

⁸² DE LA TORRE, 2020, p. 89.

⁸³ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306.

⁸⁴ GENOVESI, 2008, p. 267.

⁸⁵ GENOVESI, 2008, p. 266.

⁸⁶ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306.

⁸⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306.

⁸⁸ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306.

⁸⁹ VIDAL, 2008, p. 134.

mesmo nos seus aspectos culturais, não admite que um homem seja reduzido à *condição* de mulher⁹⁰.

O termo “*malakoi*”, utilizado na patrística grega, é correlacionado a toda conduta dissoluta e, em algumas ocasiões, em relação às atividades sexuais concretas, mas não à homossexualidade⁹¹. Não há uma palavra sobre a homossexualidade tal como se entende atualmente. Na lógica paulina, uma pessoa não é idólatra porque é homossexual, pois, em seu quadro teórico não existe a possibilidade de ‘ser-homossexual’. Uma pessoa se envolve em atos homossexuais porque é idólatra.

O vocábulo “*arsenokoitai*”, traduzido por *pederastas*, *sodomitas*, *infames* e *homossexuais*, diz respeito ao comportamento do homem que se deita com homem, no mesmo horizonte do Código de Santidade⁹², presente em Levítico. A palavra, talvez criada por Paulo, é inspirada na versão de Lv 18,22 da Septuaginta, referindo-se à questão do comportamento homogenital, ou seja, dos atos sexuais entre homens, proibidos pelo Levítico. Para De La Torre, o uso deste termo

não era habitual para se referir, em grego, aos comportamentos homossexuais. É um termo muito raro em toda a literatura grega anterior. Recorria-se a outros como *paiderestés*, *pallakós*, *kínaidos*, *arrenomanés*, *paidoforos*. Paulo teria utilizado um destes se tivesse se referido ao comportamento homossexual. Talvez possa ser um termo produto da criatividade de Paulo ao se referir a certos comportamentos limitados de Corinto conhecidos pelos destinatários. Alguns explicam que pudessem ser certos abusos sexuais ou algum tráfico ou sequestro de pessoas com fins sexuais⁹³.

A condenação que recai sobre os “*malakoi*” e os “*arsenokoitai*”, no *corpus* paulino, acontece não por conta de atos homogenitais pervertidos, mas, por causa da feminização dos homens criados por Deus e chamados de masculinos⁹⁴. Consequentemente, a censura paulina não está dirigida às pessoas constitutivamente homossexuais, pois, da mesma forma em que no Antigo Testamento, nada sobre a homossexualidade, enquanto orientação afetivossexual, é afirmado.

⁹⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 306-307.

⁹¹ DE LA TORRE, 2020, p. 89.

⁹² LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 115.

⁹³ DE LA TORRE, 2020, p. 89.

⁹⁴ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 307.

2.4 Considerações acerca das bases bíblicas na influência do posicionamento oficial do Magistério Pontifício sobre a homossexualidade

Nas Sagradas Escrituras, somente três textos abordam diretamente as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo: os dois textos do Levítico, que concernem às relações masculinas, e o de Romanos, que insere também a questão feminina. Os demais textos, sobre a destruição de Sodoma e 1Cor 6,9-10, são pouco esclarecedores, apesar da sua grande influência na Tradição⁹⁵.

Há uma distância, em âmbitos de compreensibilidade, entre o que o Antigo Testamento postula, em termos do julgamento dos atos sexuais entre homens heterossexuais, e o que o Ocidente moderno entende por homossexualidade. O fenômeno que o Antigo Testamento circunscreve nos seus juízos condenatórios sugere uma visão de mundo que desconhece a interioridade da pessoa homossexual ou a orientação sexual. Isto é, não há qualquer rastro ou registro daquilo que, em nosso quadro teórico, chamamos de homossexualidade ou orientação afetivossexual.

A situação contemporânea do fenômeno homossexual choca-se com a delimitação bíblica, vetero e neotestamentária, pela falta de uma terminologia que descreva relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo⁹⁶.

Torna-se imprescindível que a releitura e a interpretação desses textos, hoje, sejam feitas a partir das bases contextuais, temporais, históricas, sociais e culturais nas quais foram escritos. Igualmente, considerar as questões de tradução desses textos e o aporte dos estudiosos das Sagradas Escrituras colabora para uma leitura não fundamentalista nem condenatória do problema.

Neste ponto da nossa análise sobre a homossexualidade, a novidade teológica para cristãos contemporâneos na visão classicista é dupla: primeiro, a de que a Bíblia está inegavelmente sujeita à historicidade e, segundo, a de que, portanto, não existem normas absolutas definitivas sobre sexualidade ou homossexualidade acriticamente traduzíveis dos contextos sócio-históricos da Bíblia para os contextos dos tempos atuais⁹⁷.

As afirmações sobre a homossexualidade, fundamentadas na Bíblia, devem considerar que os textos bíblicos se referem ao comportamento homogenital, dentro de contextos

⁹⁵ DE LA TORRE, 2020, p. 90.

⁹⁶ DI VITO, 2005, p. 142.

⁹⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 310.

marcadamente próprios na história de um povo e de uma época. Não refletem o problema da existência de uma orientação homossexual não escolhida⁹⁸, uma vez que

os escritores da Bíblia veem a anormalidade dos atos homossexuais precisamente no fato de que são realizados por pessoas “normais” = heterossexuais, porque assim todas foram criadas. Sem nenhuma ideia das teorias modernas sobre a evolução sexual das crianças ou da perversão polimorfa freudiana, e sem conhecimento da possibilidade de uma pessoa constitutivamente homossexual, os autores antigos – e não só dos Livros Sagrados – interpretam as manipulações sexuais afetivas entre pessoas do mesmo sexo sempre contra o fundo exclusivo da heterossexualidade, supostamente presente em qualquer pessoa⁹⁹.

Os juízos da homossexualidade que compõem o ensino oficial da Igreja Católica são frutos de leituras pré-científicas dos textos bíblicos. A possibilidade homossexual, afirmada na contemporaneidade, questiona os posicionamentos de condenação presentes no ensino do Magistério Pontifício, dado que o elemento da orientação homossexual, desconhecido pela Bíblia, deixa *sub judice* a questão dos atos homossexuais como contraditórios à natureza humana.

Atualmente, fala-se de pessoas que *são* constitutivamente homossexuais e, portanto, não podem agir de outra maneira que não seja segundo a natureza que as constitui. Em relação à questão bíblica e a atual compreensão da homossexualidade, Genovesi pondera:

Nosso entendimento da homossexualidade como orientação psicosssexual é fenômeno relativamente recente. É essencial lembrar isso, pois com toda a probabilidade em todos os casos os autores bíblicos falavam de atos homossexuais praticados por pessoas que os autores supunham ser de constituição heterossexual¹⁰⁰.

A moralidade inferida da leitura da destruição de Sodoma e Gomorra, em Gênesis, no seu particular acento na sodomia, intercurso anal ou oral entre homens, ultrapassa a real intenção do texto que não é a de abordar a homossexualidade. A violação da justiça e do legítimo agir hospitaleiro é que trazem consequências destruidoras àqueles povos. Para D'Angelo,

textos da Bíblia hebraica, afora o Gênesis, mencionam o destino de Sodoma (ou de Sodoma e Gomorra) como exemplo da ira da divindade contra os pecadores, como advertências a Israel ou Judá, ou profecias contra seus inimigos. Mas eles nunca

⁹⁸ GAFO, 1997, p. 196.

⁹⁹ LEERS, 2010, p. 346-347.

¹⁰⁰ GENOVESI, 2008, p. 263.

identificam os pecados que causam desastres como homossexualidade, e raramente mencionam pecados sexuais¹⁰¹.

Do mesmo modo que a homossexualidade não é o tema principal do relato da destruição de Sodoma e Gomorra, os versículos de Levítico que apresentam a condenação dos atos sexuais entre homens vão na mesma direção, levando-nos a questionamentos mais profundos. A respeito da oferta de Ló (Gn 19,8), que oferece suas duas filhas virgens, e da oferta do Ancião de Gabaá, que oferece sua filha e a concubina do Levita (Jz 19,24) para serem estupradas pelos homens, o fato de um homem se deitar com outro homem seria pior? O estupro substitutivo das mulheres é consentido? De acordo com a afirmação de D'Angelo,

os estupros abordados [...] nos dois textos bíblicos não são em nenhum sentido real “estupros homossexuais”, mas antes atos mediante os quais homens afirmam seu próprio poder masculino ao negar violentamente o de outro homem. [...] as narrativas de Gênesis 19 e Juízes 19 iluminam o contexto: elas entendem a penetração de um homem por outro como algo que envolve orgulho da parte de um e humilhação da parte de outro¹⁰².

As narrativas de Gênesis e de Juízes que aludem aos atos homossexuais também ajudam a compreender os textos do Levítico, quando se entende que, deitar-se com outro homem, no contexto judaico, além de ser uma humilhação, significa diminuí-lo em masculinidade. Em suma, a respeito da palavra abominação,

quando Lv 18,22 usa o termo em referência a relações sexuais entre homens, ele na verdade está advertindo os judeus a evitar o que é associado com a “contaminação étnica ou a idolatria” – nesse caso, a prostituição no templo. Nesse sentido, Lv 18,22 e 20,13 só são válidos para o Antigo Israel e não têm nenhuma relação com a homossexualidade moderna, que de modo algum se acha vinculada com a idolatria¹⁰³.

Cientes da questão da homossexualidade no Antigo Testamento, reiteramos que os textos apresentados não dizem respeito à homossexualidade como orientação sexual humana. Reavaliar a situação da questão na literatura paulina nos leva à mesma conclusão.

A análise que Malina faz de Rm 1,24-32 apresenta uma visão do modelo de homem do mediterrâneo antigo. O homem é ativo, dominante por natureza, controlador, penetrador, portador da semente, preocupado com a honra da família, tem a honra simbolizada pelo falo, representa a família fora do círculo familiar e o filho deve ser tal qual o pai¹⁰⁴. A figura

¹⁰¹ D'ANGELO, Mary Rose. O medo perfeito expulsa o amor: leitura, citação e estupro. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 209.

¹⁰² D'ANGELO, 2005, p. 214.

¹⁰³ DI VITO, 2005, p. 153.

¹⁰⁴ MALINA, 2005, p. 186.

masculina que vai contra esse padrão é antinatural e os homens, ao se inflamarem de paixão por outros homens, tomam a via *contra naturam*, a idolatria.

Segundo Malina, em Rm 1,24-32, Paulo descreve o perfil dos idólatras entregues às “paixões vergonhosas”: as mulheres mudam a relação sexual natural; os homens desprezam a relação sexual natural com as mulheres e se consomem pela paixão uns pelos outros¹⁰⁵. Para Paulo, o que é contra a natureza está configurado em idolatria. As práticas sexuais contra natureza às quais Paulo se refere “são uma manifestação extrema da idolatria dos pagãos, dessa impiedade sobre a qual recai a justiça retribuidora de Deus”¹⁰⁶.

Logo, o centro da questão abordada por Paulo é a idolatria, tendo como destino o comportamento dos não-israelitas. Em Romanos, a preocupação paulina não é a homossexualidade, pois, “todos os homens e todas as mulheres são heterossexuais, acredita Paulo, com o judaísmo da sua época, e para se envolver em atos homossexuais eles têm de perverter a sua verdadeira natureza. Evidentemente, essa perversão é imoral”¹⁰⁷.

O texto de 1Cor 6,9-10, possivelmente inspirado por Lv 18,22, pode ser aplicado à depreciação de um homem que se feminiza, que se comporta como mulher, fora da ordem natural da criação. Quanto a isso, recorde-se que o contexto paulino não faz ideia da orientação homossexual e, por conseguinte, não se refere à homossexualidade como a conhecemos hoje. Desconhece-se a distinção entre *constituição* homossexual e *atos* homossexuais. O ato ou o comportamento é recriminado por ser considerado contrário ao que se pensava normal/natural dentro das concepções da época sobre o masculino e o feminino, nos seus padrões comportamentais. Da orientação homossexual, enquanto tal, não se fala.

Tendo em vista que as Sagradas Escrituras subsidiam o conteúdo tradicional e de fé, fonte do ensinamento oficial do Magistério Pontifício, o recurso aos textos bíblicos é o meio pelo qual se dá a construção da moralidade por ele instituída. A atenção requerida é que toda interpretação bíblica, que tenha como finalidade a construção de uma base moral, necessita, inevitavelmente, de um direcionamento correto da sua mensagem ao considerar o contexto em que foi escrita.

Jung, adverte que a Bíblia é divinamente inspirada e plenamente humana e, pelo fato dessa dupla dimensão, está também sujeita às exigências da finitude; em outras palavras, “os cristãos não dispõem da garantia da inerrância bíblica – mesmo em questões morais e

¹⁰⁵ MALINA, 2005, p. 186.

¹⁰⁶ NUÑEZ, 2020, p. 51.

¹⁰⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 305.

teológicas”¹⁰⁸. Com base na *Constituição Dogmática Dei Verbum*, a Pontifícia Comissão Bíblica afirma a imperfeição e a caducidade dos elementos do Antigo Testamento, que dificultam a interpretação dos teólogos para a composição de posicionamentos morais.

Não é suficiente que uma certa posição em matéria de moral seja atestada no Antigo Testamento (por exemplo, a prática da escravidão ou do divórcio, ou aquela das exterminações em caso de guerra), para que esta posição continue a ser válida. Um discernimento deve ser feito, levando em conta o necessário progresso da consciência moral. Os escritos do Antigo Testamento contêm elementos « imperfeitos e caducos » (*Dei Verbum*, 15), que a pedagogia divina não podia eliminar de uma só vez¹⁰⁹.

A interpretação dos textos bíblicos deve acontecer na progressividade da consciência moral. A homossexualidade é passível de tal progressividade ao ser investigada sob os aspectos dos novos matizes que se vão revelando ao longo dos tempos nas ciências e nas suas implicações morais. Toca-se, então, na nossa capacidade de revisão e de atualização a respeito da linguagem utilizada nos julgamentos que já não lhe fazem sentido.

Delimitar a interpretação dos textos utilizados na condenação do comportamento e dos atos homossexuais no seu real contexto, ampliando a sua compreensão em vista dos seus autênticos ensinamentos, é um dos caminhos para um diálogo aberto sobre a questão homossexual hoje.

Uma abordagem eticamente adequada dos textos bíblicos tem de investigar não somente as maneiras pelas quais eles escapam às categorias em que foram enquadrados, e a distância de seus mundos e o mundo em que eles agem agora, como também suas continuidades com este mundo e as maneiras pelas quais eles têm ajudado a construir categorias atuais¹¹⁰.

A homofobia, o preconceito e o sofrimento de muitas pessoas homossexuais se devem, em parte, à absorção da força da interpretação oficial do Magistério Pontifício, explicitada nos seus ensinamentos oficiais, por parte da comunidade eclesial católica e da sociedade. Há aqueles que mesmo não sendo católicos praticantes, mas que, por influência dos ensinamentos da Igreja Católica que incidem na sociedade, acabam por assumi-los osmoticamente, por força da cultura que lhe impregna pela autoridade da religião. Existe uma herança de condenação, assumida desde um senso religioso, como importante elemento facilitador da exclusão das pessoas homossexuais.

¹⁰⁸ JUNG, 2005, p. 118.

¹⁰⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação bíblica na Igreja*. Roma, 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#I.%20M%C3%89TODOS%20E%20ABORDAGENS%20PARA%20A%20INTERPRETA%C3%87%C3%83O. Acesso em: 04 abr. 2021.

¹¹⁰ D’ANGELO, 2005, p. 211.

Diante das prévias considerações, como falar de homossexualidade no contexto atual de uma teologia que, cada vez mais, abre-se ao diálogo sobre temas existenciais?

2.5 O estado da questão da homossexualidade na teologia atual: as possibilidades de um debate aberto

Os juízos sobre a homossexualidade e os atos homossexuais por parte do Magistério eclesial conformam uma grande lista de compreensões negativas a respeito do fenômeno. De la Torre recolheu e elencou compreensões que, ao longo do tempo, autenticaram-se com *status* de verdade, afetando não somente a visão dos fiéis católicos sobre o tema, mas, de certo modo, a da sociedade em geral. Apesar de extensa, reproduzimos a lista como forma de nos questionarmos a respeito do que realmente sabemos sobre a homossexualidade hoje, em vista dos avanços científicos e do porquê mantermos uma linguagem obsoleta e fomentadora de preconceitos, uma vez que temos acesso às novas faces da questão. Eis os juízos tradicionais da homossexualidade:

abraço execrável, ato impuro, atos desajeitados, atos pagãos, sêmen sem fim procriador, comportamento antinatural, desejo indevido, ato repugnante, ato lascivo/luxurioso, extraviado, pernicioso, sem sentido, nocivo, não recompensador, hediondo, passivo, traição da natureza outorgada por Deus, ação que mata a natureza masculina da alma, uso do outro, violação da sociedade, depravação libertina, uso torpe, causa da queda das cidades e do império, crime abominável, punição, castigo divino, desejo injusto, causa de calamidades, ato contra a natureza, contra o próprio corpo, vício incomparável, destruição da alma, ação que expulsa o Espírito, ato do diabo e do demônio, fraude do diabo, causa da ira de Deus, pecado gravíssimo, insulto a Deus, ato imoderado e descontrolado, sem temperança, contra a espécie, contra a finalidade da sexualidade, ato que erra na escolha do gênero na relação sexual, perturbador da inteligência, causa de loucura degradante, pecado abominável, pecado mudo, abjeto, nefasto, imoral, incorrigível e inextirpável como um câncer, emissão em vaso oposto, ato de pessoas suspeitas na fé, heréticas, que não sentem bem a imortalidade da alma¹¹¹.

Com a evolução das ciências modernas, a homossexualidade, como objeto de investigação científica, começa a ser percebida a partir de novas conjecturas. Diversas áreas do saber se empenham por desenredar os complexos laços que envolvem o fenômeno. Debates no âmbito da psicologia, da antropologia, da biologia, da bioética, do direito, da filosofia, entre outras áreas do conhecimento, são, constantemente, abertos com o ensejo de desmitificar o tema. Consequentemente, até mesmo a visão movida pelo senso religioso passa a ser

¹¹¹ DE LA TORRE, 2020, p. 111.

questionada, dado que os juízos anteriores da homossexualidade não contavam com elementos mais substanciais e esclarecedores trazidos pelas ciências modernas.

Mesmo com o avanço das ciências, o Magistério Pontifício tem mantido os seus juízos sobre a homossexualidade, sem que percebamos, de modo oficial, alguma mutabilidade profunda na análise do fenômeno.

De um modo bastante abrangente, a percepção social da homossexualidade, partindo do modo interpretativo e do sentimento religioso em vista da questão, centrou-se negativamente na concepção do fenômeno como uma *constituição patológica incurável*, propiciadora de *comportamentos fora da sua especificidade*. Como visto no capítulo primeiro, tanto a interpretação bíblica como o conteúdo dos documentos do Magistério Pontifício se mantiveram na perspectiva dos julgamentos negativos sobre questão. Ainda que, posteriormente, deu-se uma mudança no marco teórico em relação à homossexualidade, pela distinção entre o comportamento sexual e o irromper da pessoa homossexual, a partir de uma orientação, os estigmas sobre as pessoas homossexuais se sedimentaram na esfera religiosa e social.

Como um fenômeno real nas nossas sociedades, que diz respeito a homens e a mulheres, a homossexualidade merece uma revisão adequada por parte da teologia, por meio de uma reavaliação conceitual, em um mundo aberto ao debate.

Não obstante, no contexto pós-conciliar, surgem, aos poucos, elementos novos em relação à compreensão do fenômeno com bases científicas. Muitas vezes, discursos mais amenos e mais acolhedores têm sido proferidos de forma extraoficial e não documental por parte de membros da hierarquia católica. “O ‘conflito’ entre a doutrina católica e a compreensão da condição homossexual está pedindo melhor iluminação a partir da mensagem cristã do amor de Deus e da dignidade de toda pessoa”¹¹².

Na teologia, temos visto discussões e pesquisas apoiadas nas ciências modernas, com linguagens mais abertas e não condenatórias, diante das novas descobertas a respeito da homossexualidade. Contudo, apesar dos avanços, somos portadores de uma linguagem religiosa e teológica que ainda é questionada pela teologia atual¹¹³. Isso se deve ao legado da Tradição católica, impresso na teologia pós-conciliar e na doutrina moral do Magistério Pontifício sobre a homossexualidade.

Em relação à homossexualidade e teologia, De La Torre apresenta a seguinte síntese:

1. a teologia moral sobre o tema ainda está sendo construída, maiormente por homens (varões leigos) e padres;

¹¹² VIDAL, 2008, p. 85.

¹¹³ DE LA TORRE, 2020, p. 83.

2. alguns teólogos não têm abordado o tema da homossexualidade com profundidade, constata-se uma escassa hermenêutica crítica dos textos bíblicos e magisteriais; o marco matrimonial e os argumentos da tradição casuística ainda pesam sobre a reflexão;
3. há teólogos que abordam com mais profundidade e mais sistematicamente o tema, com a clara ajuda das ciências humanas, com especial atenção à psicologia; contudo, falta referência à experiência concreta das pessoas homossexuais;
4. os estudos ainda se centram nos atos homossexuais e não na identidade e na orientação homossexual, na orientação sexual e nas relações afetivas, na sua vivência na comunidade cristã; os argumentos da Tradição não acrescentam muito à fundamentação da postura bíblica, mas fortalecem e definem tal postura;
5. poucos são os autores que tratam do tema com amplas referências bibliográficas dos trabalhos teológicos já realizados em outros idiomas e, finalmente;
6. predomina um pensar renovador e desejoso da evolução do debate, porém, poucos manuais abrem perspectivas de abertura¹¹⁴.

No que concerne ao empenho de se compreender o tema da homossexualidade, Vidal apresenta uma divisão de três grupos de teólogos moralistas católicos: 1) os que repetem a doutrina oficial da Igreja e, às vezes, são até mais duros; 2) os que postulam uma postura “*aggiornata*”, mantendo uma avaliação negativa do fenômeno, dando-lhe um trato mais misericordioso e pastoral e 3) os que adotam uma posição “*revisionista*”, repropondo o tema de modo radical¹¹⁵.

Popularmente, podemos chamá-los, segundo a ordem apresentada, de “*conservadores*”, “*moderados*” e “*progressistas*”. O primeiro grupo de teólogos se mantém fiel ao posicionamento do Magistério Pontifício, de modo a fazer perdurar *ipsis litteris* o que tem sido transmitido. A segunda categoria de teólogos tenta se aprofundar nas brechas que os posicionamentos oficiais oferecem e o terceiro grupo compõe-se daqueles que consideram inadequado e insuficiente o posicionamento da Igreja em relação à homossexualidade e aos atos homossexuais¹¹⁶.

¹¹⁴ DE LA TORRE, Javier. La recepción de la tradición por parte de los manuales de teología moral postconciliar. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homossexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 128.

¹¹⁵ VIDAL, 2008, p. 176-177.

¹¹⁶ VALLE, Edênio. A Igreja Católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições. *Rever* (PUCSP), São Paulo, v. [?], n. 1, p. 171, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html. Acesso em 07 jul. 2021.

As reflexões recentes a respeito da homossexualidade, conforme essas três classes de teólogos, tende a resultar em: 1) manuais católicos que mantêm a postura oficial do Magistério; 2) reflexões que buscam atualizar o tema, sem se separar das afirmações eclesiais e 3) reflexões discordantes do ensinamento oficial, no ensejo de reivindicar novas posturas por parte da Igreja¹¹⁷.

O Concílio Vaticano II, divisor de águas na história recente da Igreja, propõe um diálogo aberto e respeitoso com a sociedade moderna¹¹⁸. Neste cenário pós-conciliar, fervilhado dos opostos “*aberturas*” e “*fechamentos*” que envolvem o fazer teológico, Valle nos recorda que, “na teologia católica, os ensinamentos do Magistério têm enorme peso. Suas aberturas ou fechamentos repercutem na reflexão dos teólogos, que podem se sentir ou estimulados ou coibidos em sua atividade”¹¹⁹. Por isso, nossa abordagem apresentara a releitura de teólogos que exponham a homossexualidade como um fenômeno próprio da natureza humana, distanciando-nos dos radicalismos ou de proposições que tendam ao fomento do preconceito.

O ser humano tem ressurgido com intensidade nas reflexões teológicas pós-conciliares, dentro das suas diversas possibilidades de *ser*. O debate sobre a homossexualidade, como orientação humana, tem avançado na teologia de modo a reconhecer a emergência da possibilidade homossexual, isto é, a possibilidade de a *pessoa homossexual* ser-com-os-outros, por meio de relações mais éticas e mais cristãs.

Redescobre-se, no atual debate teológico, o *outro* homossexual não condicionado ou reduzido à sua orientação, mas pelo essencialmente humano que é. Por isso,

ser homossexual não pertence à ordem moral, tampouco constituindo realidade moral o sentir a atração homossexual; ser homossexual pode ser considerado um “mal” só na medida em que essa avaliação é entendida em relação com um “certo estar bem com a existência”¹²⁰.

Assim, ser heterossexual também pode ser considerado um “mal”, na medida em que pessoas heterossexuais não prezem este “certo bem-estar com a existência”. Logo, ser bom ou não ser, nada tem a ver com a orientação sexual da pessoa. É uma questão de atitudes diante do modo como alguém se localiza no mundo da vida e das relações interpessoais.

¹¹⁷ VIDAL, Marciano. Homossexualidad y moral: el estado de la cuestión entre los teólogos católicos. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homossexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 154-155.

¹¹⁸ CORRÊA LIMA, Luís. Homossexualidade e Igreja Católica: conflito e direitos em longa duração. *Em Debate* (PUCRJ. Online), Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 3, 2006. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/artigos-professor/Homossexualidade%20e%20Igreja%20Catolica.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.

¹¹⁹ VALLE, 2006, p. 155.

¹²⁰ VIDAL, Marciano. *Ética da Sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 124.

Alguns teólogos que hoje investigam a questão da homossexualidade enfatizam a importância de a pessoa estar no centro da reflexão, pois, “*homo*” ou heterossexual são adjetivos; a pessoa é o substantivo¹²¹ que convida à acolhida. “Esse é o motivo pelo qual é preferível usar o termo homossexual como adjetivo: esta pessoa é uma pessoa homossexual. Para ser inteiramente justo, o ideal seria até dizer: a sexualidade desta pessoa é de orientação homossexual”¹²².

Uma reflexão mais humanizada e mais atualizada sobre a homossexualidade leva-nos a compreendê-la como “uma realidade fundamental da pessoa humana; realidade que condiciona de maneira intensa não apenas todas as suas relações com o ambiente, mas também suas formas de situar-se na vida social”¹²³.

Esse passo importante, em termos de sensibilidade, tende a nos abrir ao reconhecimento das alteridades homossexuais no seu constitutivo humano envolto por uma diferença que já não se pode repelir. Como afirma Moser,

mudanças significativas parecem estar ocorrendo não apenas em nível da compreensão popular e científica, mas também em nível de uma presença sempre mais marcante de pessoas homossexuais em todas as esferas da sociedade, das igrejas e das religiões. ‘Eles’ e ‘elas’ estão em toda parte¹²⁴.

O estado da questão da homossexualidade, na teologia atual, implica e propicia novas posturas éticas no combate da violência e da exclusão. Refazer o discurso, ao mesmo tempo em que se perfaz um caminho de encontro na diferença, torna-se fundamental na recondução das pessoas homossexuais, que foram distanciadas, para o centro. Trata-se de um processo integrador, separado das afirmações reducionistas que relegam a orientação homossexual ao *pecado*, à *anormalidade*, ao *desvio*, ao *contranatural*, enfim, aos parcialismos geradores de paradigmas que favorecem a marginalização, conforme indica Vidal:

O juízo ético sobre a homossexualidade tem de realizar-se no interior de uma estrutura ético-formal que respeite as *exigências metodológicas* inerentes à reflexão ética. [...] Não se pode cair em reducionismos “objetivistas e universalizantes”, nem em reducionismos “subjetivistas e carismáticos”. No fundo dessa dialética opera o jogo do “normal/desviante”, que condiciona toda compreensão antropológica e toda avaliação ética do fenômeno humano da homossexualidade¹²⁵.

¹²¹ MOSER, Antônio. *Teologia moral: questões vitais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 96.

¹²² THÉVENOT, Xavier. *Meu filho é homossexual: como reagir? Como acompanhá-lo?* São Paulo: Loyola, 2004, p. 13.

¹²³ THÉVENOT, 2004, p. 17.

¹²⁴ MOSER, 2001, p. 214.

¹²⁵ VIDAL, 2002, p. 129.

No centro do debate a respeito da homossexualidade, na Teologia Católica, cabe-nos observar que as reflexões atuais distam da postura do Magistério, cujos juízos a definiram como “*constituição viciada*” (1975), “*objetivamente desordenada*” (1986) e como “*desordem objetiva*”, compondo um quadro no qual a homossexualidade foi vista como fonte de comportamentos inaceitáveis¹²⁶. A modernidade científica e as aberturas proporcionadas pelo Concílio Vaticano II consideram que

a nova percepção do problema está levando a uma reavaliação da postura ético-teológica a ser adotada em relação à homossexualidade e ante os homossexuais. [...] Valorizam-se conceitos antes não aplicados à discussão (por exemplo, o da pessoa humana em sua dignidade e direitos como cidadão e como cristão)¹²⁷.

A homossexualidade como orientação, a emergência da pessoa homossexual, a ressignificação da sua capacidade afetiva e outras descobertas têm proporcionado uma reavaliação teológica que reflete “os conhecimentos dos dados antropológicos; o diálogo fecundo com a tradição eclesial; a aceitação da cosmovisão cristã sobre a dignidade de toda pessoa, sobre a relação de amor e sobre a promoção do bem comum”¹²⁸.

A teologia atual tende a um clima de abertura e de contestação saudável, na tentativa de redimensionar e reelaborar as formas de se compreender o fenômeno da homossexualidade, desagregando-o dos juízos negativos, pois o ser humano não pode ser rotulado às custas da sua orientação sexual.

A orientação sexual não é fator definidor de caráter e ela não retira a autonomia e o protagonismo que as pessoas homossexuais têm na assunção das suas histórias, naquilo que realmente são e significam, por meio da diferença incompreendida que trazem ao mundo. Por isso, a teologia que abraçamos como linha de reflexão nesta pesquisa é a teologia

que leve em conta a condição sexual de cada um, e, ao mesmo tempo, a transcenda, devido à clara consciência de que “a primeira, e irrenunciável atenção é à pessoa e à sua original dignidade: o ‘tipo’ de sexualidade, com as suas concretas formas de realização, não priva jamais a pessoa daquela fundamental dignidade que é inscrita no seu próprio ser enquanto criatura de Deus”¹²⁹.

Dada a condição de debate aberto que ocorre na Igreja e no mundo a respeito da homossexualidade, os teólogos moralistas não se detêm em validar superficialmente estilos de vida ou comportamentos isolados. Antes, nos ajudam a estabelecer critérios para acessar a

¹²⁶ VIDAL, 2020, p. 146-147.

¹²⁷ VALLE, 2006, p. 155.

¹²⁸ VIDAL, 2020, p. 155-156.

¹²⁹ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 130.

moralidade no modo ordinário em que as pessoas homossexuais vivem as suas vidas. Dessa maneira, afirma-se que a teologia Católica tem suficientes condições de ajudar as pessoas homossexuais a encontrarem maneiras morais de viverem as suas vidas e a maneira como são chamadas a amar¹³⁰. Nessa perspectiva, como falar da homossexualidade, hoje? Do que trata este fenômeno? Quem são essas pessoas escondidas sob juízos, preconceitos e marginalização?

¹³⁰ KEENAN, J. F. The open debate: moral theology and the lives of gay and lesbian persons. *Theological Studies*, USA, v. 64, n. 1, p. 150, fev. 2003. DOI: 10.1177/004056390306400103. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004056390306400103>. Acesso em: 07 jul. 2021.

3 HOMOSSEXUALIDADE: AS “NOVAS FACES” DA QUESTÃO

Primeiramente, por que utilizamos a expressão “*novas faces da questão*” no título deste capítulo? Tal expressão baliza a busca pelo caráter humano da pessoa homossexual, enquanto pessoa sexual, aludindo aos seus novos matizes resultados de abordagens mais contemporâneas do fenômeno. As pessoas homossexuais não são um conglomerado sem rosto definido. A homossexualidade é um fenômeno multifacético que deve ser interpretado a partir de pessoas que têm nome, histórias e estão encarnadas no mundo por meio das suas mais diversas expressões. De tal modo, a face nua, ponto de revelação da pessoa homossexual, deve se tornar o ponto de partida para o diálogo e a relação. Em tempos de maior visibilidade da pessoa homossexual, pessoa sexual, redescobrir sua subjacente humanidade, em faces individuais e concretas, sem máscaras, torna-se imprescindível para se assegurar relações inter-humanas saudáveis entre iguais.

Responder aos questionamentos atuais, concernentes à homossexualidade e às suas “*novas faces*”, implica, antes de tudo, romper com os paradigmas negativos da sexualidade e admitir o ser humano como pessoa sexual “*historicamente encarnada*”¹. Quando se trata de sexualidade, conforme afirma Empereur, existe uma totalidade, um mundo maior a ser pensado. Por isso, a pura análise dos atos ou dos comportamentos sexuais é insuficiente em vista do conjunto que representa a pessoa sexual.

Uma parte importante da mudança que tem reaproximado a sexualidade e a espiritualidade está ocorrendo no campo da ética. É o movimento de afastamento de uma moralidade orientada pelo ato para uma moralidade de caráter mais processual. Pecar na área da sexualidade não se refere tanto a fazer “certas coisas ruins”, mas, antes, a agir de modo que nos alienemos de nossa sexualidade, seja denegrindo o corpo, seja transformando-o em objeto de veneração. [...] Apesar de compreensível a partir de uma perspectiva histórica, é lamentável que tenha sido a Igreja quem promoveu esse tipo de moralidade mais orientada para o ato, em que as ações sexuais são julgadas de modo isolado do resto da pessoa, como se alguém olhasse uma pequena parte da criação sob um microscópio, prescindindo do mundo maior².

A pessoa sexual pode ser compreendida desde enfoques que a contemplem por inteira, sem cindi-la do seu núcleo identitário mais profundo que se constitui na humanidade que lhe é intrínseca, irrevogavelmente marcada pela sexualidade. “O dom da sexualidade envolve toda a

¹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 137.

² EMPEREUR, James L. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 10-11.

pessoa, porque permeia todas as facetas da personalidade humana: a física, a psicoemocional, a intelectual, a espiritual e ética, e a social”³.

As considerações católicas sobre a sexualidade, a partir do Concílio Vaticano II, sugerem-na como fator constitutivo da estrutura antropológica, expressando e realizando o mistério integral da pessoa como ser humano, “na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, n. 3). Reflexões teológicas mais recentes, apoiadas pelas ciências, reafirmam essa unidade-integridade ao indicar que sexualidade e personalidade também estão globalmente integradas na estrutura do ser humano.

Buscando um melhor entendimento acerca do significado da sexualidade e da sua distinção em relação ao sexo, a Conferência dos Bispos dos Estados Unidos (*United States Conference of Catholic Bishops - USCCB*), em sintonia com as “*Orientações educativas sobre o amor humano*”, da Sagrada Congregação para a Educação Católica, afirma que a

sexualidade refere-se a um componente fundamental da personalidade e através do qual nós, como homens e mulheres, experimentamos a nossa relação conosco mesmos, com os outros, com o mundo e, até mesmo com Deus. Sexo se refere tanto aos aspectos biológicos de ser masculino ou feminino (isto é, um sinônimo para o gênero de uma pessoa), quanto às expressões da sexualidade, que possuem dimensões físicas, emocionais e espirituais, particularmente ações genitais que resultam em intercurso sexual e/ou orgasmo⁴.

O sexo, como parte da sexualidade humana, não só define, em âmbito biológico, psicológico e espiritual, as características do masculino e do feminino como também condiciona, em grande parte, o progresso da pessoa para a maturidade e a sua inserção na sociedade⁵. A Organização Mundial da Saúde (OMS) assume a sexualidade como um aspecto central do ser humano. Por isso, a sexualidade é um dos componentes inerentes às experiências pessoais, não separada do conjunto total das vivências humanas concretas, por ser

vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais⁶.

³ UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS. *Human sexuality: a Catholic perspective for education and lifelong learning*. Washington DC: United States Catholic Conference Inc. 1997, p. 8.

⁴ USCCB, 1997, p. 8.

⁵ CpEC, 1983, n. 4.

⁶ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Porto Alegre: UFRGS, 2020, p. 15. *E-book*. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/site/gtsaudedapopulacao/gbti/wp-content/uploads/sites/35/2020/08/Sa%C3%BAde-Sexual-Direitos-Humanos-e-a-Lei_versao17Jul2020-1.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

A sexualidade perpassa a estrutura do ser humano como elemento globalizante e não há como se desvencilhar da sua força. A encarnação do Verbo é uma afirmação da nossa humanidade, sem lhe descartar, em nenhum momento, a dimensão sexual, como assegura a Conferência Católica dos Estados Unidos: com “a encarnação da Palavra de Deus o divino se torna totalmente humano, acrescentando ainda mais dignidade ou aprovação ao nosso ser corpóreo, seres sexuais”⁷. Nesse horizonte, Jesus de Nazaré foi solteiro, casto, mas não neutro⁸. Portanto, resta-nos assumir a sexualidade como dom que requer responsabilidade, pois, é por meio dela que nos abrimos à imensa teia de relações com os outros, a exemplo do próprio Jesus, totalmente encarnado como nós.

Jesus foi um homem de profundos sentimentos, amor e compromisso – com Deus, o Pai; para com a sua mãe, com os seus discípulos e, de modo especial, para com amigos, como Maria, Marta, Lázaro, Maria Madalena, Pedro, Tiago e João, “o discípulo amado”. Da mesma forma, nós que assumimos o nome de *cristãos*, somos chamados a experimentar e a expressar o amor humano como pessoas inteiras – corpo, mente e espírito⁹.

Em 1976, Mugavero, então bispo da Diocese do Brooklyn, nos Estados Unidos da América, escreveu uma carta pastoral à sua diocese, ressaltando a sexualidade como dom de Deus. Nela, enfatiza nossa incapacidade de pensar a sexualidade de forma positiva e, ao mesmo tempo, nossa dificuldade de nos assumirmos como pessoas sexuais.

Não deve surpreender que o poder e o prazer que fazem parte da sexualidade exijam de nós a inteligência, a honestidade e o sacrifício que possam testar nossa maturidade ao seu máximo grau. Mas, não tememos a sexualidade, nós a abraçamos. O que tememos, às vezes, é nossa própria incapacidade de pensar tão bem acerca do dom quanto o Deus que nos fez seres sexuais¹⁰.

A experiência da sexualidade pode ser compreendida de modo adequado sob a visão de um humanismo integral, que não prescinde da antropologia. Como afirma Mattos: “compreender a experiência da sexualidade como uma dimensão da vida humana fundamental para a humanização, vale dizer, para uma existência de vida personalizada, socializada e “plenificada”, necessariamente defronta com o mundo antropológico”¹¹.

⁷ USCCB, 1997, p. 10.

⁸ USCCB, 1997, p. 10.

⁹ USCCB, 1997, p. 10.

¹⁰ MUGAVERO, J. Francis. *Sexuality: God’s gift*. Pastoral letter of the Most Reverend Francis J. Mugavero, Bishop of Brooklyn. Diocese of Brooklyn, 1976. Disponível em: <https://mysticalrose.tripod.com/mugavero.html>. Acesso em: 01 set. 2022.

¹¹ MATTOS, Luiz Augusto de. Da duplicidade à integração da sexualidade: formar para relacionamentos de qualidade. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 151.

É a partir da experiência antropológica da sexualidade, comum a todas as pessoas sexuais, como dimensão mais ampla e inerente às demais experiências humanas, que se abre espaço para a análise das “*novas faces*” da homossexualidade. Primeiro, deve constar que, antes de qualquer definição/classificação de uma orientação sexual pessoal, todo ser humano é pessoa sexual. A partir da sexualidade, componente comum a todos os seres humanos, pode-se afirmar a orientação homossexual de algumas pessoas, como expressão individual dessa sexualidade e, da mesma forma, uma expressão singular da identidade pessoal como convite à relação interpessoal.

A face humana é um ponto fundamental para a comunicação. O olhar, a escuta e a fala ganham sentidos mais plenos quando a face é revelada. Descobrir as “*novas faces*” da homossexualidade é se colocar em contato com a nudez de rostos que, durante muito tempo, tiveram que viver no escondido, silenciados, incomunicáveis. Este capítulo busca desvelar, isto é, retirar o véu que encobre a orientação homossexual, para revelar, na claridade, faces que interpelam reconhecimento pessoal e inclusão, por meio do diálogo.

A homossexualidade é um fenômeno antigo que apenas na modernidade tem sido submetido ao rigor científico. As contribuições das ciências modernas demarcam uma mudança de paradigma na abordagem do tema. Empenham-se na tarefa de redescobrir a homossexualidade a partir dos seus aspectos mais profundos, em detrimento das abordagens anteriores, centradas, até então, somente no comportamento homogenital.

Mesmo diante da recente emergência da pessoa homossexual, deparamo-nos com um clima tenso de incompreensões que dificultam a acolhida, a escuta e a sua integração nos meios de convivência social e na Igreja. Os homossexuais estão no nosso meio. Mas, para se adequarem e serem aceitos nos ambientes de “*normalidade*”, assumem, muitas vezes, um caráter de invisibilidade na sua orientação. Em outras palavras, fazer-se incógnito é preferível a não ser aceito, dado que

as falas ouvidas nos colégios, nas empresas, na família, nas conversas cotidianas, às vezes até mesmo nas manifestações públicas, evidenciam a estigmatização “comunitária” da homossexualidade, frequentemente condenando as pessoas a viverem na clandestinidade e a calarem uma parte essencial de seus seres¹².

Redescobrir os novos matizes da homossexualidade, por meio das “*novas faces*” da questão, é um desafio para a teologia atual. Este desafio também supõe romper evangelicamente com a homofobia vigente, isto é, com o medo que a sociedade heterossexual sustenta em relação

¹² BESSON, Claude. *Homossexuais católicos: como sair do impasse*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 30.

aos juízos negativos e aos estereótipos empregados para as pessoas homossexuais¹³. Na perspectiva cristã, não cabe espaço para que um ser humano seja maior que o outro; conseqüentemente, toda e qualquer tentativa de diminuição do próximo será considerada antievangélica.

O fenômeno da homossexualidade se apresenta como um questionamento acerca do que realmente sabemos dela. Como falar ética e teologicamente das pessoas e das questões homossexuais, atualmente, na contramão do discurso atrelado às concepções negativas do fenômeno? Como redescobrir o fator humano, anterior à orientação homossexual, a partir das situações concretas, das histórias e das possibilidades que as pessoas homossexuais apresentam?

Neste capítulo propomos a redescoberta dos sujeitos homossexuais com a finalidade de os ressignificar fora dos negativismos tutelados pela contemporaneidade heteronormativa. Assim, percorreremos o seguinte caminho: 1) apresentaremos a homossexualidade no contexto da heteronormatividade; 2) exporemos a relação simbiótica entre a homofobia e a história única, como fruto das narrativas sobre as pessoas homossexuais; 3) mostraremos a homossexualidade nos seus matizes negativos; 4) proporemos meios para a compreensão da homossexualidade como uma orientação pessoal, no que tange ao seu sentido ontológico e 5) finalmente, julgaremos a questão como um fenômeno caracteristicamente humano.

3.1 A homossexualidade no contexto da heteronormatividade

As falsas representações da pessoa homossexual, culturalmente fortalecidas na sociedade e, também, no ambiente eclesial, advêm do modelo de vida próprio das sociedades heteronormativas. O termo heteronormatividade, como parte da ordem social, foi criado para designar

um conjunto estabelecido de relações de poder, que privilegia e promove a heterossexualidade em detrimento de outras orientações sexuais possíveis; abrange um escopo vasto de relações sociais, manifestando-se cotidianamente em diversas situações¹⁴.

Kristeva, filósofa búlgara, cunhou o termo heteronormatividade para explicar que há uma regulação e uma normatização dos modos de ser e de viver os desejos corporais e a

¹³ GENOVESI, 2008, p. 244.

¹⁴ SERRA, Cris. *Vimos pra comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019, p. 45.

sexualidade¹⁵. O caminho da uniformidade heteronormativa normatiza as nossas relações sociais e interpessoais, incidindo fortemente na regulamentação da sexualidade humana. A heteronormatividade é o modelo padrão de vida validado na maioria das sociedades.

Segundo o “*Manual de Cristianismo e LGBTI+*”, os sistemas heteronormativos definem a heterossexualidade como única forma aceita de relação sexo-afetiva. São promovidos pela religião, pela mídia, pela educação, por instituições sociais e políticas. A heteronormatividade constitui uma heteronorma. Essa heteronorma, ao assumir a heterossexualidade como forma legítima da sexualidade, leva ao desprezo as demais expressões da sexualidade¹⁶.

Na medida em que a heteronormatividade dita os padrões de relação entre os seres humanos considerados “normais”, apesar da visibilidade que têm alcançado, as pessoas homossexuais permanecem como seres alheios à sociedade, marginalizados.

As pessoas que não se enquadram na heteronorma caem na exclusão, devido ao seu padrão “*falho*” e “*desviante*” que ameaça toda uma estrutura de raiz patriarcal estabelecida como maneira de organizar e regimantar a sociedade, normalmente, tendo como centro a figura do macho, o possibilitador das normas. As mentalidades radicalmente heteronormativas excluem a possibilidade homossexual. No contexto da heteronormatividade, os homossexuais estão “*fora da norma*”, uma vez que por heteronormatividade se entende um

conjunto de normas e processos legais e institucionais que conferem à heterossexualidade o status e o monopólio da normalidade, gerando e estimulando o estigma, o menosprezo, a exclusão e a violência contra todos os indivíduos que sexualmente se comportem de maneira divergente ou diferenciada desses princípios. A heteronormatividade constitui a base conceitual e ideológica de todos os processos de relacionamento humano na sociedade em que vivemos¹⁷.

Neste horizonte, as pessoas homossexuais não se enquadram nos padrões heteronormativos da sociedade por destoarem da regra geral, pois, “ser homem ou ser mulher supostamente exclui a pessoa homossexual, relegada a uma sub-humanidade”¹⁸. Por essa premissa se percebe o equívoco no qual as pessoas homossexuais não são consideradas a partir da masculinidade ou da feminilidade. Vulgarmente, pensa-se que esses “*seres estranhos*” não são homens e nem mulheres.

¹⁵ REIS, Toni; CAZAL, Simón. *Manual de Cristianismo LGBTI+*. Curitiba: Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual, 2021, p. 90.

¹⁶ REIS; CAZAL, 2021, p. 20-21.

¹⁷ LANZ, Letícia. *Dicionário transgênero*. Transgente Editora, 2016, p. 11. *E-book*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B8TVkVCpTCdZUnRDSW5hX0g4a0U/view?resourcekey=0-EZHTUBFCHexu4b5ixTVhpA>. Acesso em: 14 jun. 2021.

¹⁸ CORRÊA LIMA, 2021, p. 14.

Por causa da larga predominância da heterossexualidade, tanto na sociedade, quanto na ideologia normativa que ela forma e conserva, ficam os homossexuais marcados e marginalizados como elementos estranhos que não se enquadram no padrão cultural dominante de conduta e até o contradizem. Em tal clima de condenação e repressão, não só a liberdade evolutiva dos homossexuais fica seriamente bloqueada e constringida, mas também o risco é grande de eles desenvolverem um complexo de falsa culpabilização, remorsos e autoalienação que limitam mais ainda o horizonte da liberdade, peça central do comportamento ético das pessoas¹⁹.

Ao compreender o significado da heteronormatividade e a força com a qual se impõe, vê-se de modo mais evidente o limite que se interpõe no campo das relações interpessoais, entre as pessoas heterossexuais e as pessoas homossexuais. Esse limite é o preconceito!

Apesar de tênue ou, às vezes, disfarçado, o preconceito estrutural, classificado como homofobia, de modo consciente ou inconsciente, não promove um *ethos* de relações que se interpelam na diferença. Na verdade, cria uma estrutura de marginalização que conta histórias narradas a partir de uma “*história única*”, no horizonte dos juízos negativos.

3.2 A relação simbiótica entre a homofobia e a história única

As pessoas homossexuais têm as suas existências narradas a partir do conceito de “*história única*”. A história única está ligada ao poder como a capacidade de contar, de narrar a história de outra pessoa como uma história definitiva a respeito dela²⁰. O mesmo pode acontecer com a coletividade, a partir da única narrativa a respeito de um determinado grupo. Adichie parte do conceito de “*história única*” para explicar como podemos reduzir o outro a partir da visão de uma só versão de um fato ou de um acontecimento, elucidando que

é impossível falar sobre a história única sem falar do poder. Há uma palavra, uma palavra malvada, em que penso, sempre que penso na estrutura do poder no mundo. É “*nkali*”. É um substantivo que se pode traduzir por “ser maior do que outro”. Tal como os nossos mundos econômico e político, as histórias também se definem pelo princípio do “*nkali*”. Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder²¹.

Na maior parte dos casos, as histórias únicas recaem sobre as minorias sociais. O “*nkali*”, *ser-maior-que-o-outro*, ligado ao poder, torna-se o espaço das narrativas

¹⁹ LEERS, Bernardino. Homossexuais e ética da libertação: uma caminhada. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 20, n. 52, p. 300, set./dez. 1998. DOI: [?]. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1669/1997> Acesso em: 17 abr. 2021.

²⁰ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 2009, min. 10. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 19 abr. 2021.

²¹ ADICHIE, 2009, min. 09:26.

estruturalmente elaboradas com vistas ao controle e à dominação. As histórias únicas são contadas a partir de outro lugar, o dos algozes, e não do lugar dos reais protagonistas, as vítimas, e tendem sempre à manipulação dos fatos. As suas versões se dão num movimento que enfatiza alguma parcialidade, geralmente negativa, que diminui o outro, agredindo-o na sua alteridade.

Ser-maior-que-o-outro viola a sadia dinâmica do *ser-com-o-outro* e, conseqüentemente, as pessoas subjugadas por algum tipo de poder são sempre consideradas inferiores, incapazes ou as piores. Dificilmente encontrarão espaço para a relação, porque a história única gera preconceitos marginalizadores e excludentes. Suas histórias serão sempre narrativas parciais, nunca sobre elas mesmas e sempre maximizarão algum defeito ou alguma vulnerabilidade do grupo, tornando-o não aceitável. Aquilo que não o representa se tornará sua principal característica. Nesta concepção, os estereótipos ou os juízos negativos, que não condizem com a verdade ou com a totalidade dos fatos, tomam o lugar da verdade nos relatos, criando verdades a partir das generalizações perigosas de uma história única, estruturando e estratificando preconceitos.

Insistir na narrativa das histórias negativas, dando-lhes caráter de totalidade, é tornar superficial a experiência de uma pessoa ou a de um grupo; é negligenciar muitas outras histórias que formam a biografia de pessoas ou de povos inteiros. A história única cria estereótipos. Segundo Adichie, “o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas eles são incompletos e fazem uma história se tornar a única história”²².

A história única, aplicada à questão homossexual, mostra que o preconceito a respeito da homossexualidade e das pessoas homossexuais advém da forma de pensá-los do ponto de vista das narrativas incompletas. O discurso heteronormativo, como “*nkali*”, faz das pessoas homossexuais pessoas cindidas no seu próprio ser, separadas daquilo que as configura na sua humanidade, restando-lhes como relato aquilo que não explica a verdade sobre quem realmente são. As narrativas heteronormativas da homossexualidade reduziram o fenômeno ao seu pior, gerando um tipo de preconceito específico, a homofobia.

Os homossexuais estão particularmente expostos a esses preconceitos e ideias prontas, desde a mais tenra idade (muito antes de terem consciência de sua orientação sexual) em razão de a homofobia estar tão profundamente enraizada em nossa cultura²³.

Conectada aos “*pré-conceitos*” da história única da homossexualidade, a homofobia tem como fundamento conceitual o *medo* da pessoa homossexual como o outro que se apresenta

²² ADICHIE, 2009, min. 12:46.

²³ BESSON, 2015, p. 31.

na sua diferença e cuja diferença se torna uma ameaça. Na busca de um bode expiatório, o medo se converte em *ódio* ao outro, principalmente nos meios religiosos, pela lente do pecado. Finalmente, o *nojo*, nojo da simples ideia das relações e da atração pelo mesmo sexo. Esses três termos ilustram a homofobia, *medo, ódio e nojo*²⁴, e não deixam de ser heranças da história única.

Essa conexão da história única com a homofobia resulta em uma simbiose destrutiva. Conceitos são formados *a priori*, isentos de conhecimento profundo dos fatos e com ponderação superficial a respeito das vivências concretas dos homossexuais, por falta de proximidade e de convivência factuais. A consequência disso é uma atitude moral geradora de intolerância, de repulsa aos comportamentos ou de ódios irracionais expressados em olhares, palavras ou gestos²⁵.

Segundo Besson, a pessoa que sempre esteve exposta a esses preconceitos acaba por interiorizá-los, tornando-os seus. Assim, gera-se uma homofobia internalizada, um valor inconsciente e implícito²⁶, com sérias consequências na vida de quem interioriza essa homofobia. Desnaturalizar a homofobia radicada na cultura humana, ilustrada pela linguagem, olhares e atos, vem a ser uma tarefa cristã.

A presença visível e marcante das pessoas homossexuais em nossas sociedades, como problema antigo, revestido de um caráter novo, em meio às inovações das ciências modernas²⁷, requer novas narrativas, histórias que não sejam únicas a respeito de um todo. Portanto, frente às novas possibilidades de compreensão da homossexualidade, requer-se um exercício investigativo que nos ajude a compreendê-la como um fenômeno humano. Faz-se necessário distinguir entre aquilo que não é a homossexualidade daquilo que realmente significa essa questão.

3.3 A questão homossexual: alguns matizes negativos

Dada a pesada carga de juízos negativos ao redor da homossexualidade, dizer o que ela não é se torna um meio esclarecedor para a superação dos preconceitos arraigados na percepção do problema e em relação às pessoas homossexuais.

²⁴ MARTIN, James. *Tender un puente: cómo la Iglesia Católica y la comunidad LGBTI pueden entablar una relación de respeto, compasión y sensibilidad*. New York: (Arquivo PDF), 2018, p. 18.

²⁵ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 21.

²⁶ BESSON, 2015, p. 32.

²⁷ MOSER, 2004, p. 96-97.

Os juízos negativos da homossexualidade, desprovidos de comprovações científicas, levam à categorização de pessoas com base em qualidades negativas e na distorção de fatos. Por isso,

há um bocado de sofrimento silencioso entre os *gays*; embora sua orientação não possa ser pública, eles são automaticamente colocados em um grupo de pessoas que querem destruir a família; são pedófilas, portadoras de todos os tipos de doença e não têm limites na área da prática sexual. Isto é especialmente doloroso para os cristãos praticantes (e outras pessoas religiosas) quando manifestado por outros cristãos²⁸.

Opção sexual

Não se escolhe ser homossexual. No horizonte de possibilidades da afirmação da orientação homossexual, a homossexualidade não é uma escolha. “Não escolhemos a nossa orientação sexual. Ninguém decide simplesmente ser homossexual ou heterossexual”²⁹. A orientação sexual, segundo estudos recentes, não é algo que se possa escolher livremente. A ideia da “opção sexual” é fruto de uma concepção construcionista da homossexualidade que deu demasiada ênfase ao caráter subjetivo e à ideia de uma escolha sexual³⁰. Besson afirma que “o universo da homossexualidade é complexo. Uma multiplicidade de fatores intervém na orientação sexual e esta última não é, em nenhum caso, uma escolha consciente e deliberada”³¹.

Pedofilia/Pederastia

Outro falso juízo em relação às pessoas homossexuais se dá quando são associadas à pedofilia (pederastia). O uso da palavra pederastia (*pédés, pédéraste*), termo também associado à pedofilia, utilizado ironicamente no universo francês para designar os homossexuais, fez com que a homossexualidade fosse pensada a partir da pederastia ou da pedofilia, aumentando o desprezo e a confusão entre duas realidades discrepantes. Homossexualidade e pedofilia (pederastia) são duas coisas completamente diferentes³².

A pedofilia é uma parafilia, uma perversão, uma doença perturbadora caracterizada pelo desejo da realização das fantasias sexuais com crianças. Nesse caso, tanto heterossexuais quanto homossexuais podem ser pedófilos³³. A pedofilia não é uma característica própria de quem é homossexual. Trata-se de um distúrbio psíquico pelo qual alguns adultos, independente da orientação sexual, são acometidos. Logo, afirmar que os homossexuais são pedófilos não passa

²⁸ EMPEREUR, 2006, p. 89.

²⁹ GENOVESI, 2008, p. 248.

³⁰ CASTAÑEDA, Marina. *La experiencia homosexual: para comprender la homosexualidad desde dentro y desde fuera*. Ciudad de México: Paidós, 2011, p. 63.

³¹ BESSON, 2015, p. 19.

³² THÉVENOT, 2004, p. 13.

³³ DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 221.

de uma falácia. Julgar a homossexualidade e as pessoas homossexuais associando-as à pedofilia é fruto de uma compreensão falseada da questão. É correto afirmar que tanto as pessoas heterossexuais quanto as pessoas homossexuais podem ser pedófilas, homens ou mulheres, mas, em nenhum momento, a pedofilia é inerente a qualquer orientação sexual. Há pessoas que sofrem dessa parafilia.

Perversão sexual

Identificar as pessoas homossexuais com a perversão sexual, com a promiscuidade e com prostituição é cometer outro engano. Equivocadamente, existe um pensar generalizado de que toda pessoa homossexual vive o exercício da sexualidade de forma desregrada. A pessoa homossexual é marginalmente sexualizada. Sua imagem é constantemente associada às orgias e aos bacanais. Na Igreja, por exemplo, a imagem hipersexualizada das pessoas homossexuais cria um estereótipo que as faz ser vistas como incapazes para a vida de castidade. Resta-lhes a marginalização social, a destruição dos seus projetos de vida e o seu aniquilamento emocional e espiritual³⁴. O correto seria afirmar que há pessoas homossexuais promíscuas, assim como há pessoas heterossexuais promíscuas.

Identidade de gênero

A homossexualidade não é identidade de gênero. Assim como a heterossexualidade, a homossexualidade é a orientação sexual da pessoa, dentro dos seus padrões de masculino ou feminino. “Lésbicas, *gays*, homossexuais, bissexuais ou heterossexuais são conceitos que se referem à orientação sexual. Por sua vez, travestis, transexuais, transgênero e cisgênero se referem à identidade de gênero”³⁵.

Moser apresenta a síntese de alguns estereótipos ou clichês que ainda pairam sobre a realidade homossexual, porém, não condizem com a verdade dos fatos, a saber³⁶:

1. todo homossexual masculino é efeminado, nos traços físicos e psíquicos;
2. toda mulher homossexual é masculinizada, nos traços físicos e psíquicos;
3. homossexuais masculinos e femininos são incapazes de assumir compromissos permanentes;
4. homossexuais masculinos e femininos o são por desvio da personalidade e podem ser reconduzidos à “normalidade” com terapias.

³⁴ ALISON, James. *Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 79.

³⁵ CORRÊA LIMA, 2021, p. 59.

³⁶ MOSER, 2001, p. 218.

Cada pessoa tem uma personalidade distinta das demais, além dos seus processos próprios de condução da vida. Cada homossexual é um existir diferente da totalidade dos homossexuais; por assim dizer, as pessoas homossexuais não são iguais umas às outras.

Em meio às abundantes “*fake news*”, notícias falsas, que irrompem como verdades na atualidade, é preciso dar um passo ético na redescoberta da homossexualidade, a partir daquilo que realmente significa, da sua verdade como orientação sexual. Distanciarmo-nos das ideias estereotipadas do fenômeno e das generalizações explícitas que autenticam a história única da homossexualidade favorece uma imersão no seu caráter antropológico e nas realidades concretas das vivências e das experiências das pessoas homossexuais, em contextos marcados por um tipo de aceitação parcial da questão, aceitação matizada por preconceitos e limites.

3.4 A questão homossexual: novos matizes

O que é a homossexualidade? O *Catecismo da Igreja Católica*, ao defini-la por meio das relações entre homens e mulheres que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominantemente por pessoas do mesmo sexo, afirma que a homossexualidade tem se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. O próprio *Catecismo* assevera que, sobre este fenômeno, na sua gênese psíquica, ainda há muito por se explicar (*CIC*, n. 2357). A resposta ao significado da homossexualidade não está fechada. Se há muito por se explicar, há muito por se reconsiderar e ressignificar.

No campo científico da busca pelo esclarecimento da homossexualidade, cada ciência humana tem seu próprio método e sua linguagem própria para abordar o assunto³⁷. A delimitação conceitual da homossexualidade requer um esforço que possibilite ir além do seu significado terminológico. Na base da busca pelo significado da homossexualidade está a pergunta fundamental sobre quem são as pessoas homossexuais. Considerar as pessoas homossexuais como o lugar primeiro da experiência da homossexualidade é voltar a um lugar antropológico no qual essa realidade se configura como uma realidade existencial, um modo próprio de ser, de se relacionar e, desse modo, configura-se também um modo próprio de agir.

A exigência básica para a compreensão atual da homossexualidade inclui, preliminarmente e *a fortiori*, refletir sobre as pessoas homossexuais a partir do seu núcleo identitário. As narrativas do “*eu homossexual*”, na dinâmica das suas interações sociais, culturais, religiosas e relacionais, abrem-nos a possibilidade de compreender o fenômeno para

³⁷ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 45.

além de uma avaliação simplista dos atos e dos comportamentos homossexuais. O discurso sobre a homossexualidade deve ser necessariamente o discurso de pessoas homossexuais que, como tais, afirmam-se na concretude das suas histórias, constituindo, legitimamente, um lugar de fala.

3.4.1 A homossexualidade no limiar da patologia

Antes da criação do termo homossexualidade, a compreensão do fenômeno foi elaborada por meio de conhecimentos pré-científicos e pré-psicológicos, como resultado da análise e do julgamento dos atos e do comportamento homossexual, principalmente no meio religioso.

A partir do século XIX, construiu-se nominalmente o conceito homossexualidade. Kertbeny (1824-1882), jornalista húngaro, foi o responsável pela criação do termo, em 1869. A palavra homossexualidade apareceu em dois panfletos da época. Kertbeny defendia que a homossexualidade era inata e imutável, contrariando o pensamento que vigorava naquele momento³⁸.

Dezessete anos mais tarde, em 1886, Krafft-Ebing (1840-1902), introduziu o termo “*homossexualismo*” como um termo diagnóstico, associando-o ao “travestismo”, ambas realidades conexas à degradação³⁹. Em âmbito acadêmico, foi Krafft-Ebing quem incorporou os termos homossexualidade/homossexualismo à lista das psicopatologias sexuais de sua época. Berastégui Pedro-Viejo afirma que

A homossexualidade não se define como categoria psicológica até o fim do século XIX. Ainda que Karl Maria Kertbeny já houvesse cunhado o termo em um debate contra o código penal prussiano, uns anos antes, a inclusão da homossexualidade, no popular manual de Psicopatologia sexual de Krafft-Ebbing de 1886 a consagra em sua consideração de enfermidade mental, atribuindo-a às taras genéticas e debilidade nervosa⁴⁰.

A autora esclarece que a patologização da homossexualidade, enfermidade mental atribuída às taras genéticas e debilidade nervosa, durou por, pelo menos, 100 anos, sendo considerada um transtorno suscetível a tratamentos com objetivo de cura. Compreendia-se a

³⁸ CORRÊA LIMA, 2021, p. 73.

³⁹ TONIETTE, Marcelo Augusto. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 45, [?/?] 2006. DOI: 10.35919/rbsh.v17i1.443. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/443. Acesso em: 12 mar. 2022.

⁴⁰ BERASTÈGUI PEDRO-VIEJO, Ana. La homosexualidad: de la patología a la diversidad sexual. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homossexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 262-263.

homossexualidade como uma alteração sociopática da personalidade e, ao mesmo tempo, um desvio dentre os transtornos da personalidade⁴¹.

No horizonte da psicopatologia homossexual, Molina Artaloytia aloca a homossexualidade, no contexto da patologização, em alguns países, dentro da preocupação pela perseguição legal de dissidentes sociais, pois

fomentou-se um sistema de defesa social e de higienismo, que – dotado de um verniz científico – permitia-se intervir coercitivamente na vida dessas pessoas, para isolá-las, curá-las ou tratá-las. Isso foi firmado nas leis de periculosidade social (previamente aplicadas aos desocupados e bandidos) que potencialmente podiam incluir as pessoas que praticavam atos contra a natureza ou homossexuais⁴².

Primordialmente, como resultado dos posicionamentos eclesiais, julgava-se e se condenava o comportamento desviante e os atos contranaturais das pessoas que se relacionavam sexualmente com o mesmo sexo como pecado, castigo e penitência. Sodomia, anomalia, vício, desvio, entre outros juízos condenatórios, conformavam uma lista de atitudes consideradas pecado grave.

No século XIX, o recém-criado conceito homossexualidade passa a designar não somente uma orientação sexual pessoal que favorece o pecado, mas designa, igualmente, uma psicopatologia. “A estigmatização patológica teve repercussões evidentemente negativas entre o público e confirmou o tabu social, embora tenha quebrado o isolamento dos atos sexuais, pondo-os no quadro global da pessoa humana homossexual e suas inclinações básicas”⁴³.

3.4.2 A despatologização da homossexualidade

Em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana exclui a homossexualidade da lista de desvios sexuais⁴⁴, do *Diagnostic and Statistical Manual* – DSM. Porém, somente após longos debates acadêmicos é que se deu a despatologização completa, em âmbito mundial. De fato,

entre 1948 e 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) a classificava como transtorno mental. Em 17 de maio de 1990, a 43ª Assembleia Mundial da Saúde adotou, por meio da sua resolução WHA43.24, a 10ª Revisão da Lista da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), sendo que nesta versão da CID “a homossexualidade per se não está mais incluída como categoria” (OMS). A nova

⁴¹ BERASTÈGUI PEDRO-VIEJO, 2020, p. 263.

⁴² MOLINA ARTALOYTIA, Francisco. Contranaturales “por naturaleza”: la articulación de la “finalidad natural” en la historia de los discursos “expertos” sobre las “homossexualidades”. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homossexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 286-287.

⁴³ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 89.

⁴⁴ PAES, Beto; VENTIMIGLIA, Rafael. *População LGBT: um guia da cidadania no Pará, conceitos, direitos humanos, políticas públicas, espaços, conquistas e participação social*. Belém: SEJUDH, 2017, p. 15.

classificação entrou em vigor entre os países-membros das Nações Unidas a partir de 1º de janeiro de 1993⁴⁵.

Diante do empenho científico na busca de superar os estigmas herdados da patologização do fenômeno, Berastégui Pedro-Viejo assinala alguns pontos, no campo da psicologia, que visam esclarecer a realidade homossexual dissociada da patologia⁴⁶:

1. *a homossexualidade não está associada a um mal-estar*: o sofrimento psicológico homossexual se deve à repressão, à não aceitação ou às tentativas de reversão da orientação e não à orientação em si mesma;
2. *a homossexualidade não é uma limitante das capacidades de uma pessoa e nem gera incapacidade*. Portanto, não implica nenhum impedimento no juízo, na estabilidade, na confiança, nas capacidades sociais ou vocacionais gerais da pessoa homossexual em questão;
3. *a homossexualidade não aumenta o risco de morrer ou de sofrer*, é a sociedade que aumenta esse risco quando permite a estigmatização, as agressões e a violência;
4. a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, *não apresenta nenhuma disfunção em si mesma*; não se pode classificar o caráter minoritário da homossexualidade como transtornado (desvio) por conta da estatística ou da expectativa social;
5. *a homossexualidade não tem cura*: não se trata de uma doença, por isso, as terapias de reversão e as terapias reparatórias, além de criticadas, têm mostrado que não funcionam.

A homossexualidade não consta mais entre os transtornos de preferência sexual que, atualmente, apontam como transtornos, desvios ou perversões⁴⁷ o fetichismo, o travestismo fetichista, o exibicionismo, o voyeurismo, a pedofilia, o sadomasoquismo entre outras parafilias. Hoje, temos elementos suficientes para dizer que a homossexualidade não é uma doença. A orientação homossexual, em si mesma, não traz consigo nenhum traço de patologia somática ou psíquica⁴⁸. A pessoa homossexual não é, via de regra, menos saudável, menos ajustada, ou menos responsável que uma pessoa heterossexual⁴⁹.

⁴⁵ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁴⁶ BERASTÈGUI PEDRO-VIEJO, 2020, p. 263-265.

⁴⁷ MOSER, 2001, 178-179.

⁴⁸ VIDAL, 1981, p. 244-245.

⁴⁹ VIDAL, 1981, p. 259.

3.4.3 A conceituação da homossexualidade

Berastégui Pedro-Viejo recomenda a importância de não se confundir a homossexualidade na complexa e multidimensional realidade da diversidade sexual humana. Requer-se uma diferenciação entre o conceito de orientação sexual e o da identidade sexual ou identidade de gênero.

A psicologia tem optado prioritariamente por entender a homossexualidade como um tipo de orientação sexual e a define como a atração sexual, afetiva, emocional e/ou sentimental preferencial e relativamente estável por indivíduos do mesmo sexo. [...] A homossexualidade pode ser masculina ou feminina (lesbianismo) e compartilha da mesma gaveta da orientação sexual com a heterossexualidade, a bissexualidade e a assexualidade⁵⁰.

Quanto à compreensão da orientação sexual, Besson nos indica que se faz necessário considerar dois fatores: a diversidade das estruturas psicosssexuais e a identidade social. O primeiro fator, o da diversidade das estruturas psicosssexuais, faz referência às formas por que a homossexualidade é manifestada por meio das pessoas homossexuais, isto é, pessoas exclusivamente homossexuais, nos seus desejos e práticas sempre orientados às pessoas do mesmo gênero/sexo; pessoas principalmente homossexuais, que podem ter desejos heterossexuais e buscar satisfazê-los; pessoas bissexuais, que também configuram uma realidade no campo da orientação sexual. Essa diversidade, também, se apresenta na heterossexualidade⁵¹.

O segundo fator, o da identidade social, esclarece-nos que as pessoas heterossexuais se relacionam com outras pessoas a partir da sua realidade específica. Seu sexo biológico, sua orientação sexual e seu papel sexual são revelados como o “natural”, são estáveis e coerentes na formação de uma identidade globalmente estável. No caso da pessoa homossexual, a situação é diferente. Pessoas homossexuais crescem em sociedades heterossexuais, nem sempre têm a possibilidade de assumir a sua homossexualidade na família, no emprego, ou em outros ambientes. Geralmente, a orientação sexual escondida é, às vezes, compreendida como heterossexualidade. Ao ser revelada, a orientação homossexual pode causar espanto. Tendo em vista a diversidade psicosssexual e a identidade social, pode-se afirmar que “tanto do ponto de vista da estrutura psicosssexual como da visibilidade sexual, as identidades são múltiplas [...], seria mais correto falar em homossexualidades no plural”⁵².

⁵⁰ BERASTÊGUI PEDRO-VIEJO, 2020, p. 262.

⁵¹ BESSON, 2015, p. 20.

⁵² BESSON, 2015, p. 20-21.

Por apenas nos interessar um tipo de homossexualidade, a que relacionaremos ao tema do acompanhamento vocacional, tratá-la-emos no singular, atendo-nos, com especial atenção, à raiz do fenômeno que só pode ser constatada nas vivências de pessoas humanas concretas.

Lings esclarece que “o conceito moderno de homossexualidade é aplicável tanto a varões *gay* como a mulheres lésbicas de qualquer religião ou setor social⁵³”. O substantivo homossexualidade, assim como o adjetivo homossexual referem-se à orientação psicosssexual de uma pessoa, não fazendo referência ao seu comportamento. A orientação homossexual se caracteriza pela atração emocional e psicosssexual pelo mesmo gênero⁵⁴.

Nessa mesma lógica, Vidal afirma que a homossexualidade é a *condição* humana de um ser pessoal. Trata-se fundamentalmente do sentido global do ser humano, da *condição* antropológica de um ser pessoal caracterizada pela atração peculiar por alguém do mesmo sexo. O homossexual o é constitutivamente e não só através do seu comportamento⁵⁵.

Graças aos estudos das ciências modernas, da psiquiatria e da psicologia, foi possível despatologizar a homossexualidade, dando-lhe reconhecimento por seu caráter ontológico, fazendo-nos conceber o fenômeno como uma orientação da natureza humana.

Em sua conotação científica moderna, a homossexualidade deve ser compreendida como um modo de ser não reduzível a um modo de se comportar. Buccicardi assegura que “a orientação sexual não é qualquer coisa: ela se refere a todo um modo de sentir que marca a vida muito desde dentro”⁵⁶. Por conseguinte, é necessário nos distanciarmos das avaliações puramente comportamentais do tema como dados definitivos sobre o assunto.

A questão atual da homossexualidade evoca, em primeiro lugar, o ser humano homossexual, isto é, a realidade profunda que caracteriza alguns homens e mulheres e que não serve para rotular pessoas, univocamente, em vista dos seus comportamentos homossexuais. Como orientação afetivossexual do ser humano, a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, diz respeito a pessoas que existem de modo análogo à sua orientação.

A homossexualidade, assim como a heterossexualidade, é a orientação afetivossexual de algumas pessoas. Pessoas homossexuais ou heterossexuais estão propensas a viverem eticamente bem ou mal, os seus comportamentos podem ser considerados bons ou maus e elas podem ser psiquicamente equilibradas, estáveis ou enfermas. Qualquer avaliação positiva ou negativa nunca deve ser feita em vista desta ou daquela orientação; sempre se parte da

⁵³ LINGS, 2020, p. 36.

⁵⁴ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 298.

⁵⁵ VIDAL, 1981, p. 244-245.

⁵⁶ BUCCICARDI, Pablo Romero. Estados de paz: en la lucha por el reconocimiento. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 233.

observação dos sujeitos que agem de modo individual. Destarte, o *background* da orientação homossexual é o mesmo da orientação heterossexual, um fenômeno humano.

A possibilidade homossexual diz particular respeito à pessoa que o é. Já a possibilidade para o bem ou para o mal, na perspectiva moral, concerne à comunidade humana, hétero ou homossexual, a partir do modo como constroem comunidades de vida, de sadias e de fraternas relações, ou comunidades de violência, de segregação e de morte.

Como visto no capítulo 2 da presente investigação, para a literatura científica e teológica contemporânea, tanto o substantivo homossexualidade como o adjetivo homossexual designam a orientação psicosssexual de uma pessoa, que é a combinação de uma carga genética, psicológica e social, não se tratando de uma referência ao comportamento homossexual⁵⁷. Dessa forma, a homossexualidade é um modo de ser antes de ser um modo de se comportar ou de agir.

A orientação sexual é a atração erótica por membros do mesmo sexo, do sexo oposto ou por ambos (homossexual, heterossexual e bissexual). A homossexualidade é a orientação sexual das pessoas que tendem a se sentir atraídas emocionalmente ou psicosssexualmente por pessoas do mesmo sexo⁵⁸. A orientação homossexual não está centrada na genitalidade. Apesar da existência desejo sexual mais ou menos intenso, como em qualquer orientação sexual, a atração pelo mesmo sexo se dá por múltiplos fatores não reduzíveis ao puro desejo de contato sexual.

No campo da antropologia sexual, reconhece-se a orientação sexual como uma dimensão intrínseca da “natureza” humana. Assim, segundo Salzman e Lawler⁵⁹,

1. a homossexualidade não é uma perversão da orientação heterossexual;
2. a pessoa homossexual não partilha da orientação heterossexual, por isso essa não pode pervertê-la;
3. por não partilhar “naturalmente” da orientação heterossexual, o homossexual não pode ser julgado por algo que não escolheu;
4. nem todo ser humano é “por natureza” heterossexual, alguns são, “por natureza”, homossexuais;
5. os atos sexuais homossexuais são “naturais”, assim como os atos heterossexuais, quando coincidem e refletem a “natureza” humana fundamental da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus;

⁵⁷ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 298.

⁵⁸ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 298.

⁵⁹ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 299-320.

6. a semelhança entre a orientação heterossexual e a homossexual é que são inatas, profundamente estabelecidas e estáveis; porém, as pessoas heterossexuais são atraídas pelo sexo oposto e as homossexuais pelo mesmo sexo.

Em síntese, a orientação sexual não é uma escolha, não pode ser modificada e, por ser determinada, não é moral, imoral e nem pré-moral. Já os atos sexuais derivados de uma orientação sexual podem ser classificados como morais ou imorais. São morais quando são “naturais”, quando coincidem com a “natureza” da pessoa, hétero ou homossexual, segundo a liberdade dos seus atos, a reta razão. São morais quando são humanos, justos, amorosos e possibilitadores de um desenvolvimento humano integral. O contrário é imoral⁶⁰.

Formar comunidades humanas, nas quais as pessoas, independente da sua orientação sexual, tenham a possibilidade de se realizarem e de colaborarem para a concretização de um mundo justo requer a superação dos mecanismos de exclusão.

3.5 A homossexualidade: um fenômeno humano

As pessoas homossexuais vivem sob o estigma da patologização, mesmo diante da insustentabilidade da homossexualidade como doença. O preconceito é um fator que intimida e anula a experiência das pessoas homossexuais, conduzindo-as a uma espécie de sub-humanidade. Entenda-se esse caráter sub-humano como parte do processo em que as pessoas homossexuais incorrem devido à exclusão que sofrem. Exclusão gerada pelo preconceito internalizado que, ao ser estruturado nas nossas sociedades heteronormativas, condiciona homens e mulheres a esconderem a sua real orientação, em vista de aceitação social. Por isso, “muitos jovens e adultos, descobrindo em si fortes tendências homossexuais, envergonhados, calam-se na sua miséria e se sentem desamparados até encontrarem apoio no submundo da cultura homossexual”⁶¹.

Retirar a questão da homossexualidade da dimensão do tabu, discutindo-a às claras, encarando-a com a serenidade esperançosa de um diálogo adulto tem se tornado também uma exigência na Teologia. Isso deve acontecer através de debates propositivo, que visem, a partir da escuta, reconhecer o caráter humano do fenômeno. Essa é a porta de entrada para a realização da cultura do encontro proposta pelo Papa Francisco:

A capacidade de sentar-se a escutar o outro, característica de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro,

⁶⁰ SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 320-321.

⁶¹ MOSER, 2001, p. 215.

presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas “o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (...). Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi, nos impede de escutar bem o que outro diz. Quando está a meio do seu diálogo, já o interrompemos e queremos replicar quando ele ainda não acabou de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta” (FT, n. 48).

Numa lógica de inclusão, torna-se necessário rever os posicionamentos oficiais do Magistério Pontifício a respeito da homossexualidade, de modo a não conterem mais a costumeira violência verbal que favorece um tipo de preconceito disfarçado, ainda quando tenta sustentar a inclusão do outro.

É imprescindível aprender a ver além das imagens pré-fabricadas da homossexualidade. Elas estão associadas a um léxico pesado e contraditório. A experiência de fruição que se tem diante do realismo dos autorretratos dos homossexuais garante o vislumbre da imagem mais apropriada da pessoa homossexual e só se vê bem se existe aproximação. É preciso estar diante do quadro que o outro-homossexual pinta de si mesmo para compreender que o seu jeito de ser humano não cabe num glossário que tenta defini-lo à revelia da sua autorrevelação. Só a pessoa homossexual é capaz de se autopronunciar e de se autonegar como tal. A verdade da homossexualidade só pode ser descoberta no encontro com quem é capaz de falar de si, das suas profundidades.

Podemos buscar juntos a verdade no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e dos povos. A acumulação esmagadora de informações que nos inundam, não significa maior sabedoria (FT, n. 50).

As ciências teológicas, amparadas pelas demais ciências, precisam ressignificar a homossexualidade por meio da emergência do sujeito homossexual, que irrompe solicitando o reconhecimento da sua humanidade escondida na sua objetificação. Trata-se de sujeitos concretos que podem se dar a conhecer na construção de laços de confiança, porque os

homossexuais não são objetos, como se fossem animais interessantes nas jaulas de um jardim zoológico. São pessoas, sujeitos, centros de decisão e ação responsáveis, como são as pessoas heterossexuais. Em vez de tomá-los como objetos abstratos, entram em questão a solidariedade com as pessoas e a procura de entender sua situação, suas histórias e possibilidades de caminhar na sociedade atual⁶².

Em linhas gerais, as pessoas homossexuais têm sido tratadas por meio de uma impessoalidade exacerbada. São observadas, são pautas de comentários, são analisadas e

⁶² LEERS, 1998, p. 297.

julgadas, mas quase nunca ouvidas. Isso quer dizer que grande parte do que sabemos sobre o fenômeno da homossexualidade decorre daquilo que analisamos segundo o nosso juízo de valor estratificado. Isso torna muitas análises superficiais, sem o dado de uma caminhada lado a lado, demarcada pela escuta atenta que não cala no outro a diferença que só ele é capaz de dizer de si mesmo.

O reconhecimento da homossexualidade como fenômeno próprio da natureza humana nos desinstala das certezas que temos, remetendo-nos à necessidade da atualização do que, até então, temos concebido como julgamento correto, através do ensinamento oficial da Igreja Católica anterior às análises das ciências modernas.

A homossexualidade, além de ser a orientação humana de algumas pessoas, é também uma periferia existencial. Se se admite a realidade homossexual e a presença das pessoas homossexuais em todos os ambientes da sociedade, ainda que se trate de uma presença velada, é tempo de propor diálogos integradores, por meio de encontros que mostrem os pontos de vista de quem vive nas margens, no escondimento. Como assinala o Sumo Pontífice,

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida”. [...] Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isso implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes (FT, n. 215).

3.6 Considerações acerca das novas faces da questão homossexual

O itinerário percorrido até aqui, no sentido da desconstrução dos nossos posicionamentos a respeito da homossexualidade, amplia nossa visão sobre o fenômeno. O caminho da reconstrução conceitual do tema revela faces, sujeitos donos de suas próprias histórias. Logo, admite-se que a homossexualidade não é um conceito alienado da realidade humana. Ela se dá na concretude da pessoa humana homossexual e de modo singular. Portanto,

não há dois homossexuais iguais, assim como não existem dois heterossexuais idênticos (mesmo sendo eles gêmeos mono-ovulares). Há aqui um espectro de *diferenças* devidas ao caráter singularmente pessoal da sexualidade humana. Conseqüentemente, quando não se tem presente o que diferencia sexualmente as pessoas e quando não se valoriza o que é pessoal em cada uma delas, não se pode falar em educação sexual⁶³.

⁶³ VALLE, Edênio. Do “não” à cultura gay à formação de subculturas gays: um impasse nos ambientes de formação. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 183.

Este tema, ao ser postulado no contexto das sociedades heteronormativas, pode muitas vezes soar controverso, devido à dificuldade de assimilação das novidades científicas a respeito dele, ainda passíveis do rechaço da heteronorma. Deste modo, as narrativas da homossexualidade se reforçam nas histórias únicas, fontes de homofobia, contadas no âmbito das estruturas heteronormativas que regem as nossas sociedades. Assim, retirar a homossexualidade do esquema das incompreensões e estereótipos é dar-lhe o seu devido lugar de orientação humana.

Hoje em dia, o teólogo moralista dispõe de literatura autobiográfica em que homossexuais comunicam sua experiência existencial e dão sua interpretação vivida. [...] suas “confissões” não são uniformes e variam de uma verdadeira via sacra humana de sofrimento e insegurança até o relativo equilíbrio tranquilo de homens feitos que se libertaram da angústia de não ser como os outros. Na variação das maneiras de construir sua caminhada, o centro correto da problemática ética não é a sexualidade em abstrato, mas a pessoa humana, cujos desejos e fantasias estão dirigidos predominantemente a pessoas do mesmo gênero⁶⁴.

No próximo capítulo, aprofundaremos nossa reflexão investigando a relação da homossexualidade com a questão vocacional. As perguntas que direcionarão o capítulo são: homossexualidade e vocação são compatíveis? O que diz a Igreja Católica a respeito das vocações homossexuais? Os debates sobre as vocações homossexuais constituem uma realidade afirmada ou negada pela Igreja?

⁶⁴ LEERS; TRASFERETTI, 2002, p. 122-123.

4 HOMOSSEXUALIDADE E VOCAÇÃO

O presente capítulo priorizará o tema da homossexualidade em relação à questão vocacional, considerando, especialmente, os candidatos do sexo masculino em seus ambientes formativos próprios para acompanhamentos vocacionais e formação. Após a análise do fenômeno homossexual, de acordo com os posicionamentos oficiais do Magistério Pontifício e da teologia atual, pretende-se compreender o lugar dos vocacionados homossexuais nos processos de acompanhamento vocacional.

O acompanhamento de vocacionados homossexuais requer a elaboração de um perfil dos candidatos. Segundo a introdução dessa pesquisa, a nomeação de *vocacionados/candidatos homossexuais* refere-se somente àqueles que são homossexuais cisgêneros. Não se abre espaço nessa discussão a outros casos de identidade de gênero, pois, como regimenta o *Código de Direito Canônico* em relação à admissão aos Seminários e às Ordens Sacras, “só um varão batizado recebe validamente a ordenação sagrada” (CDC, n. 1024). Consequentemente, as referências feitas à Vida Religiosa Consagrada e às Sociedades de Vida Apostólica se dão especialmente em relação às vocações masculinas.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, se expôs o conteúdo dos documentos do Magistério Pontifício a respeito do comportamento e dos atos homossexuais. Neste capítulo, se aprofundará o estudo da questão em relação às pessoas com *tendências homossexuais* e da sua admissão aos Seminários e às Ordens Sacras.

Na perspectiva da discussão sobre a homossexualidade e sua conexão com a vocação, no intuito de responder às perguntas finais do capítulo anterior, é necessário: 1) recorrer ao posicionamento oficial do Magistério Pontifício a respeito dos candidatos com *tendências homossexuais*. Desse modo, abre-se a possibilidade para a avaliação dos limites e das possibilidades para a acolhida dos candidatos homossexuais, por meio de uma reinterpretação do posicionamento oficial do Magistério. 2) Examinar a questão da presença de homossexuais nos sistemas de acompanhamento vocacional, nos seminários, nas casas de formação e inclusive no clero. 3) Descobrir quem são os vocacionados homossexuais que se aproximam dos Serviços de Animação Vocacional. 4) À luz do evento Cristo, pensar a vocação a partir de uma vida encarnada no mundo, desde os limites da pessoa sexual que não abdica do corpo e da sexualidade para responder aos apelos de Deus. 5) Reforçar, através da teologia da vocação, que o processo vocacional é fruto de uma relação íntima e amorosa entre duas liberdades, a liberdade do Deus que chama quem ele quer e a do ser humano que lhe responde. 6) Repensar os homossexuais como pessoas dignas do chamado que Deus livremente lhes faz.

4.1 O posicionamento oficial do Magistério Pontifício sobre as vocações homossexuais

O primeiro dado que se tem em termos oficiais, no período pré-concílio Vaticano II, com enfoque mais amplo sobre os candidatos homossexuais, consta do documento *Instrução sobre a cuidadosa seleção e formação dos candidatos aos estados de perfeição e às Ordens sacras*¹, da Sagrada Congregação para os Religiosos, aprovada pelo Papa João XIII, em 1961. No capítulo 30 da referida Instrução, intitulado *Aqueles que devem ser excluídos, diretivas práticas*, afirma-se: “se um estudante de Seminário Menor tiver pecado gravemente contra o sexto mandamento, com uma pessoa do mesmo ou de outro sexo, ou tiver sido motivo de grave escândalo em matéria de castidade, seja imediatamente despedido” (n. 4). A *Instrução* endossa que “a vantagem dos votos religiosos e da ordenação deve ser vetada àqueles que são afligidos com más tendências ao homossexualismo ou à pederastia, pois, para eles, a vida comum e o ministério sacerdotal constituem sérios perigos” (n. 5).

Em 1990, no contexto pós-conciliar, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e às Sociedades de Vida Apostólica lançou o documento *Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos*². Tal documento, ao refletir sobre a formação nos Institutos Religiosos, dedica, em seu parágrafo 39, uma reflexão sobre a sexualidade e a formação. Trata-se de uma reflexão restritiva em relação às vocações com tendências homossexuais para a Vida Religiosa: “que se descartem da vida religiosa aquelas e aqueles que não conseguiram dominar tendências homossexuais ou que pretenderam poder adotar uma terceira via vivida como um estado ambíguo entre o celibato e o matrimônio”.

Em maio de 2002, a Congregação para o Culto Divino, em resposta à solicitação da Congregação para Clero, que lhe pedia um parecer sobre a possibilidade da ordenação ou não de homens com *tendências* homossexuais, respondeu do seguinte modo:

A ordenação, para o diaconato ou para o presbiterato, de homens homossexuais ou com tendência homossexual é absolutamente desaconselhável e imprudente e, do

¹ SACRED CONGREGATION FOR RELIGIOUS. *Religiosorum Institutio Instruction on the careful selection and training of candidates for the States of Perfection and Sacred Orders*. Rome, 1961. Disponível em: <https://adoremus.org/1961/02/religiosorum-institutio/#anchorri30>. Acesso em: 07 abr. 2022.

² CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos*. Roma, 1990. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/orientacoes-sobre-a-formacao-nos-institutos-religiosos-02-02-1990/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

ponto de vista pastoral, muito arriscada. Uma pessoa homossexual ou com tendência homossexual não é, portanto, idônea para receber o sacramento da Ordem sacra³.

O conteúdo da Instrução de 1961, das orientações de 1990 e da carta da Congregação para o Culto Divino, de 2002, está intrinsecamente ligado aos demais documentos do Magistério Pontifício que, lançados posteriormente, tratam da possibilidade ou da impossibilidade da admissão dos candidatos homossexuais às Ordens Sacras.

Como base de estudo para este capítulo, se destacam dois documentos do Magistério Pontifício que abrangem a questão da formação e do discernimento vocacional, bem como se endereçam a regulamentar os processos formativos em vista da admissão ou não dos vocacionados homossexuais, a saber: a *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*, de 2005 e *O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, de 2016. Deles recolhemos apenas o posicionamento oficial da Igreja Católica, no que diz respeito aos vocacionados homossexuais, quanto à sua entrada ou não, à sua permanência ou não nos seminários, nas casas de formação ou nos Institutos.

4.1.1 Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras⁴

A *Instrução*, da Congregação para a Educação Católica, de 2005, reflete sobre a formação presbiteral e estabelece critérios a respeito da dimensão humano-afetiva na formação do clero. Ela centraliza sua abordagem na questão da admissão ou não admissão dos candidatos que tenham *tendências* homossexuais profundamente radicadas ao Seminário e às Ordens Sacras. Segundo Valle,

o que a Instrução tem por meta primeira é fornecer critérios pedagógicos sobre a ajuda a ser dada a seminaristas que manifestam tendências homossexuais. Não se deve, portanto, buscar nela posicionamentos com valor definitivo, nem doutrinários, nem

³ PARERE della Congregazione per il Culto Divino sull'Ordinazione delle Persone Omosessuali. Roma, 2002. Disponível em: <https://www.paginecattoliche.it/SULLORDINAZIONE-DELLE-PERSONE-OMOSESSUALI/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Roma, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em: 06 abr. 2022.

muito menos psicológicos a respeito da homossexualidade. O que ela visa – acentue-se – é oferecer critérios para o discernimento da vocação enquanto tal⁵.

O primeiro enfoque da *Instrução* destaca a importância da maturidade afetiva e da paternidade espiritual, como disposições a serem desenvolvidas pelos candidatos do sexo masculino, em vista das Ordens Sacras. Ao longo da formação, o candidato deve se configurar à pessoa de Jesus Cristo, a fim de representá-lo sacramentalmente como cabeça, pastor e esposo da Igreja. A exigência da maturidade afetiva é fundamental para que o candidato possa estabelecer uma correta relação com mulheres e homens, a partir da paternidade espiritual em relação à comunidade dos fiéis católicos.

O segundo ponto da *Instrução* diz respeito à homossexualidade em relação ao ministério ordenado. Ela retoma a distinção que o CIC faz entre a tendência homossexual e os atos homossexuais, reafirmando o ensinamento da Igreja Católica sobre a homossexualidade. Portanto, os atos homossexuais continuam a ser tradicionalmente considerados pecados graves, intrinsecamente imorais, contrários à lei natural e nunca devem ser aprovados.

Ao resgatar o conteúdo do CIC a *Instrução* cita novamente as *tendências homossexuais profundamente radicadas* em um certo número de homens e mulheres que vivem uma provação. Essas pessoas devem ser acolhidas e não devem ser discriminadas injustamente.

Sobre a admissão ao Seminário ou às Ordens Sacras, o documento declara que “não se pode admitir ao Seminário e às Ordens Sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada *cultura gay*”⁶. Diante da negativa, a *Instrução* agrega que a situação homossexual obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres e a ordenação de pessoas com *tendências homossexuais profundamente radicadas* pode resultar em consequências negativas. O único caso de aceitação caberá aos seminaristas cujas *tendências* forem expressão de um problema transitório, a exemplo de uma adolescência ainda não completa, tendo sido superado pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal.

Caso um candidato apresente *tendências homossexuais profundamente radicadas*, tanto o confessor quanto o diretor espiritual deverão dissuadi-lo de prosseguir para a Ordenação. Afirma-se ainda que a ocultação da homossexualidade com vistas à Ordenação é uma grave desonestidade por parte do candidato.

⁵ VALLE, Edênio. Posições oficiais da Igreja sobre a homossexualidade. In: VALLE, Edênio (Org.). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos: visão psicoterapêutica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 18.

⁶ CpEC, 2005, n. 2.

4.1.2 O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental^{is} Institutionis Sacerdotalis

A *Ratio Fundamental^{is} Institutionis Sacerdotalis* (2016), da Congregação para o Clero, reitera as afirmações da *Instrução* de 2005, ao afirmar que a Igreja não pode admitir candidatos que *praticam* a homossexualidade, *apresentam tendências* homossexuais profundamente radicadas ou *apoiam* a chamada cultura *gay* (RFIS, n. 199). Apesar do documento uniformizar essas três situações distintas, não define a “*chamada cultura gay*”. Conforme as diretrizes da *Ratio*, os candidatos que se encontram nessas circunstâncias pontuais não são aptos para o Seminário, tampouco para as Ordens Sacras.

A advertida possibilidade da presença de candidatos com tendências homossexuais nos processos de seleção para a entrada nos seminários sugere que a Igreja tem o direito de se servir dos recursos médico-científicos, de especialistas e da psicologia, para verificar a idoneidade dos futuros presbíteros na hipótese de eventual presença de *tendências* homossexuais em algum candidato. “Neste sentido, importa ter em consideração as orientações relativas ao recurso a especialistas nas ciências psicológicas, além do fato de provirem de outros Seminários ou institutos de formação, e da eventual presença no candidato de tendências homossexuais” (RFIS, n. 189).

Ao se referir às pessoas com *tendências* homossexuais, a *Ratio* retoma o conteúdo da Instrução de 2005, pontuando:

1. A não admissão de candidatos que tenham *tendências* homossexuais profundamente radicadas ou que apoiem a chamada cultura *gay*.
2. Caso a tendência homossexual seja apenas expressão de um problema transitório, tendo sido superado três anos antes da ordenação diaconal, não haverá problemas quanto à ordenação do candidato.
3. As dúvidas que o candidato tenha neste âmbito deverão ser abertamente expostas e dialogadas com o bispo, reitor, diretor espiritual ou com outros formadores.
4. O diretor espiritual ou o confessor tem o dever de dissuadir o candidato que tenha uma tendência homossexual profundamente radicada a não prosseguir para a ordenação.
5. Um candidato às Ordens sacras que oculta a sua homossexualidade age de maneira gravemente desonesta, procedendo de forma inautêntica diante do espírito de verdade, lealdade e de disponibilidade, que deveria caracterizá-lo enquanto chamado a seguir e a servir a Cristo e a sua Igreja no ministério sacerdotal.

Conforme o documento, as pessoas com *tendências* homossexuais profundamente radicadas encontram-se numa situação que impossibilita a correta relação com homens e mulheres. Logo, a ordenação dessas pessoas pode gerar sérias consequências negativas para a Igreja. A descoberta de uma *tendência* homossexual, profundamente radicada no decurso da formação, deve ser motivo para a exclusão do candidato (RFIS, n. 199).

O Magistério Pontifício se posiciona contra a admissão dos candidatos que tenham uma *tendência* homossexual profundamente radicada e contra a permanência daqueles que descobrem tal situação no decurso da formação. O veto à entrada de tais vocacionados nos seminários e a sua admissão ao sacramento da Ordem está oficialmente determinado, bem como a permanência daqueles que, porventura, deparam-se com essa situação pessoal ao longo do processo formativo.

Atualmente, questiona-se se há possibilidades de se interpretar tais documentos de formas mais inclusivas ou se, simplesmente, fecha-se a questão no seu marco interpretativo mais tradicional. Segundo Zacharias, a respeito da *Instrução* confirmada pela *Ratio*,

infelizmente, as razões apresentadas pela *Instrução* e repetidas sinteticamente pela *Ratio* para não aceitação de tais pessoas, embora plausíveis, não chegam a ser convincentes. Os motivos apresentados servem para qualquer pessoa, independentemente da sua orientação afetivo-sexual. É ainda menos compreensível o critério apresentado para a aceitação daqueles que não são constitutivamente homossexuais⁷.

Resta-nos analisá-los do ponto de vista dos limites e das possibilidades que apresentam em termos de aplicabilidade e de práticas concretas, em vista da presença de homossexuais nos seminários, na Vida Consagrada e no clero em geral.

4.2 Os limites e as possibilidades em relação à não admissão dos candidatos com *tendências* homossexuais profundamente radicadas

A não admissão de candidatos com *tendências* homossexuais nos seminários, casas de formação ou Institutos, apresentada nos documentos estudados, suscita a necessidade de reavaliação. A teologia atual tem mostrado o fenômeno da homossexualidade dentro de novos matizes de compreensão, propondo, inclusive, novas práxis em relação às pessoas homossexuais. De igual modo, no campo do acompanhamento vocacional e da formação dos

⁷ ZACHARIAS, Ronaldo. Orientação afetivo-sexual: para além da cultura do “não pergunte, não diga”. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 202.

vocacionados homossexuais, faz-se necessário examinar algumas questões que se referem aos documentos magisteriais no intuito de descobrir novos caminhos.

4.2.1 A questão dos escândalos sexuais associados à pedofilia

O texto da *Instrução*, logo no seu início, enfatiza o seu caráter de urgência em vista da situação temporal na qual foi escrita. “Esta Instrução contém normas acerca de uma questão particular, que a situação atual tornou mais urgente [...]”⁸. Timothy Radcliffe classifica a “situação atual” como o momento em que as notícias a respeito dos abusos sexuais, por parte de membros da Igreja Católica, tornaram-se mais evidentes. Segundo ele, “pressupõe-se que se pensa na crise devido aos abusos sexuais que têm agitado a Igreja no Ocidente”⁹. Pelo teor da *Instrução*, percebe-se, implicitamente, uma associação da homossexualidade aos escândalos sexuais e principalmente à pedofilia, um assunto recorrente na época. Sobre esse marco contextual, Zacharias afirma que

a *Instrução* foi publicada num contexto em que a Igreja estava lidando com múltiplas denúncias contra padres e religiosos abusadores de crianças e adolescentes, o que nos leva a pensar que uma das finalidades não ditas da *Instrução* foi a de ser uma resposta à sociedade, ávida por uma tomada de posição da Igreja quanto aos escândalos que explodiam em vários lugares do mundo¹⁰.

No âmbito da *Instrução*, “a referência à situação atual, que torna as normas supostamente mais urgentes, são os escândalos de pedofilia então noticiados amplamente. Acreditava-se que a implementação da Instrução poderia resolver ou diminuir o problema”¹¹, como pensa Corrêa Lima. Subentende-se que os escândalos sexuais são, de certo modo, um problema atribuído às pessoas homossexuais. Dessa maneira, pode-se concluir que ao se fecharem as portas dos seminários, dos Institutos e das casas de formação para os vocacionados homossexuais, resolver-se-ia o problema.

A “situação atual” que alude aos escândalos sexuais, principalmente aos episódios de abuso sexual infantil, não tem fundamento ao ser associada tão somente às pessoas homossexuais. Os escândalos sexuais, por parte do clero, são verídicos e o contratestemunho de alguns membros da Igreja Católica a tem afetado duramente no decorrer dos anos. As vítimas

⁸ CpEC, 2005, *introdução*.

⁹ RADCLIFFE, Timothy. ¿Pueden ser los gays sacerdotes? 2011. Disponível em: <https://crismhom.org/pueden-ser-los-gais-sacerdotes-timothy-radcliffe/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

¹⁰ ZACHARIAS, 2019, p. 128.

¹¹ CORRÊA LIMA, 2021, p. 128.

desses abusos deixaram de ser anônimas. Agora, elas têm nome e endereço, além da oportunidade de expor seus relatos e de requerer a justiça devida nos seus casos, ao ponto de poder expor os seus algozes. Nada mais fica em segredo!

O reconhecimento das vítimas de abusos sexuais por parte da Igreja Católica é de suma importância, como oportunidade de se banir a incoerência testemunhal dos que deveriam protegê-las, ao invés de abusá-las. Ao mesmo tempo, uma atitude mais dura da Igreja em relação aos casos de escândalo e de abuso sexual torna-se um preventivo contra eventuais futuros casos. Os abusos perpetrados por clérigos e religiosos devem continuar a ser denunciados pela própria Igreja e, após julgados, sendo verídicos, que sejam aplicadas as sanções necessárias.

Se, por um lado, o combate à pedofilia e aos abusos sexuais é de extrema urgência e de honestidade institucional por parte do Magistério Pontifício, urge-se também mudança de discurso, ao não se associar sistemática e univocamente as pessoas homossexuais aos casos de pedofilia e de abusos, salvo as situações em que tenham comprovadamente cometido tais atos.

Quanto à realidade da homossexualidade, assinalamos que não pode ser julgada em termos comparativos com a pedofilia. Considerar a pedofilia como um componente da estrutura psicosssexual das pessoas homossexuais constitui um equívoco ou, como afirma Valle, um mito, “o mito de que todo homossexual sente atração por crianças e púberes e quer ter relações físicas com eles. A maioria dos psicólogos julga até que a pedofilia é mais frequente entre heterossexuais que entre homossexuais”¹². Há pessoas que são pedófilas e há pessoas que são psicosssexualmente desequilibradas, independentemente da sua orientação sexual.

A pessoa homossexual não é, em si, pedófila, como os heterossexuais não o são. A orientação sexual e a pedofilia são duas realidades da sexualidade humana completamente diferentes. Porém, “não raramente os homossexuais são suspeitos de serem pedófilos, até porque o termo homossexual surgiu historicamente para substituir o pejorativo pederasta, que etimologicamente significa homem que tem relacionamento com menino”¹³.

A pedofilia é uma patologia psíquica, uma parafilia que não tem cura. Como um desvio da sexualidade humana, pode acometer homens e mulheres, sem levar em conta a orientação sexual dos indivíduos.

O primeiro limite que encontramos, em termos da “urgência da situação atual”, ao interpretar o posicionamento da Igreja Católica em relação aos candidatos homossexuais aos

¹² VALLE, 2011, p. 41.

¹³ CORRÊA LIMA, 2021, p. 139.

Seminários e às Ordens Sacras, é a infundada generalização de que as vocações homossexuais possam, futuramente, cometer atos de pedofilia.

Em muitos casos, especialmente os abusos cometidos por ministros ordenados, não se trata tanto de homossexualidade, mas de psicopatologias. Não temos diante de nós uma pessoa homossexual, mas alguém que carrega dentro de si fortes desequilíbrios afetivos sexuais, a ponto de se transformarem em doença¹⁴.

O objeto de desejo do pedófilo são crianças, o que não significa que sejam preferencialmente meninos:

Isso fica claro na parte em que o documento diz que as normas colocadas ali ficaram mais urgentes devido à 'situação atual'. É uma alusão ao escândalo do abuso sexual cometido por alguns membros da Igreja. Ao fazer a conexão entre o abuso sexual e os homossexuais, o Vaticano está jogando a culpa do abuso apenas nos gays. [...] Há muitos casos denunciados de meninas e mulheres que sofreram abuso sexual de padres. Mas o Vaticano não faz essa conexão escrevendo um documento sobre a admissão de heterossexuais no seminário. Isso prova que os gays estão servindo de bode expiatório¹⁵.

Fazer a discussão girar somente em torno da questão homossexual significa descartar as narrativas das vítimas de abuso sexual do sexo feminino, sejam elas meninas, adolescentes, jovens, funcionárias, membros das pastorais, religiosas, dentre tantas outras categorias de mulheres que estão envolvidas nos trabalhos da Igreja.

A generalização dos escândalos sexuais, associada às pessoas homossexuais, é um limite para a admissão dos vocacionados homossexuais. Uma fresta de possibilidade para a revisão da questão está na não generalização e no reconhecimento dos processos de acompanhamentos individuais que visam a pessoa idônea para o serviço da Igreja e do povo de Deus, mais que classificá-la *a priori* com base em estereótipos.

Ao se postular o tema da sexualidade nos processos formativos, deve-se pensar que tanto os hétero quanto os homossexuais são possíveis candidatos ao escândalo, quando os formadores e os auxiliares da formação, em relação à dimensão humano-afetiva, são despreparados, omissos e laxos.

Os temas considerados tabus, no campo da sexualidade humana, devem ser legítima e claramente abordados no ambiente formativo, por acompanhantes e formadores bem-preparados. A formação humana e afetivossexual não pode ser terceirizada a profissionais

¹⁴ OLIVEIRA, 2008, p. 48.

¹⁵ GRAMICK, Jeannine. Rompendo o silêncio. *Isto é*, dec. 2005. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI52495-15228,00-JEANNINE+GRAMICK+ROMPENDO+O+SILENCIO.html>. Acesso em: 06 abr. 2022.

externos, que não deixam de ser importantes, mas, não são os primeiros responsáveis pelo processo formativo com vistas à consagração ou às Ordens Sacras.

4.2.2 A questão da atividade sexual

Um segundo limite, demarcado a partir dos dois documentos apresentados, procede da afirmação do Magistério Pontifício ao dizer que não podem ser admitidos ao Seminário e nem às Ordens Sacras aqueles que praticam a homossexualidade. A isso se poderia acrescentar, nem os que praticam a heterossexualidade. Como afirma Radcliffe, “o [...] critério está claro. Isso se poderia dizer daqueles que são heterossexualmente ativos”¹⁶.

A presente discussão não questiona o celibato, nem a castidade, dimensões inerentes à Vida Consagrada e às Ordens Sacras. Ao contrário, coloca-os em relevo para que se entenda que todos os que são chamados à consagração e às Ordens Sacras devem estar previamente conscientes da exigência de uma vida casta e celibatária. De igual modo, sabe-se que é impossível separar a dimensão sexual da pessoa humana. As fantasias e os desejos sexuais estão sempre presentes, mesmo quando se trata das pessoas vocacionadas, consagradas ou ordenadas. Consequentemente, em relação aos desejos e às fantasias sexuais, que não são da ordem da razão, “não sabemos como lidar com eles quando chegam espontaneamente, entram sem pedir licença, invadem sem escrúpulos. E, justamente por isso, os reprimimos em vez de integrá-los”¹⁷. A formação, no conjunto das suas dimensões, deve proporcionar espaços de integração e de maturação humana e afetivossexual àqueles que são acompanhados.

O tema da homossexualidade na perspectiva de vida sexual ativa, na dinâmica da formação, evoca também a vida heterossexualmente ativa dos vocacionados, de consagrados e de clérigos, que, por vezes, passa despercebida sob uma espécie de consentimento. Nesse sentido, castidade e celibato concernem a todos os que se encaminham para as Ordens sacras na vida diocesana e na Vida Consagrada, já que “todos os membros das congregações religiosas, presbíteros ou não, homens ou mulheres, têm votos de castidade no celibato”¹⁸. Os padres diocesanos, os diáconos transitórios e os diáconos permanentes não-casados, apesar de não fazerem o voto de castidade, fazem opção por uma vida casta e celibatária.

O limite aqui apresentado remonta a mais um estereótipo da homossexualidade quando, de modo geral, as pessoas homossexuais são hipersexualizadas. Há alguns segmentos da

¹⁶ RADCLIFFE, 2011, não paginado.

¹⁷ ZACHARIAS, 2019, p. 208.

¹⁸ CORRÊA LIMA, 2021, p. 127.

sociedade que tendem a classificar alguns grupos marginalizados negativamente. Em termos comparativos, a hipersexualização das pessoas homossexuais não dista do mesmo processo que acontece com pessoas negras, por exemplo, que historicamente foram hipersexualizadas, inclusive, em padrões fetichistas: “cor do pecado”, “negão bem-dotado”, “preto é quente”, “mulata (o)”, entre outros jargões clichês difundidos na sociedade. A hipersexualização generalista das pessoas homossexuais acentua somente o aspecto sexual desses indivíduos, descartando-lhes o seu potencial afetivo. Define-se, assim, as pessoas homossexuais como perversas, promíscuas, sexualizadas e caçadoras de gratificações sexuais.

Todo ser humano tem uma sexualidade e é de responsabilidade dos formadores e dos acompanhantes observarem como os vocacionados lidam com essa dimensão. Homens ou mulheres podem ter mais ou menos predisposição para a atividade sexual, porém,

que alguém possa, por diversas razões, deixar de ter relações com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo, é uma possibilidade, pois depende de decisão pessoal. E é essa possibilidade que leva muitos a confundirem uma orientação constitutiva com aquela que não faz parte da identidade da pessoa¹⁹.

Formar para a castidade e para o celibato é um artesanato que exige transparência e honestidade mútuas, entre o discípulo e o mestre. Ninguém chega a um seminário no grau mais pleno da sua maturidade sexual e afetiva.

Uma das características da sexualidade humana é a capacidade que ela apresenta de poder ser assumida sem o exercício da genitalidade. [...] São muitos os homossexuais que [...] podem viver sem uma expressão genital, como muitos heterossexuais também podem fazê-lo sem necessidade de ceder a seus impulsos diferentes²⁰.

4.2.3 A questão da *tendência* profundamente radicada

A terceira questão que nos abre a questionamentos objetivos é a expressão utilizada pelo Magistério Pontifício: *tendências homossexuais*. Quanto a isso, Valle explica que, “ao falar de tendências no plural e não no singular, a Instrução está de alguma forma concedendo que o fenômeno é complexo e que não é fácil de discerni-lo com objetividade e bom senso”²¹. Igualmente, pode-se aplicar essa análise aos documentos que retomam essa expressão. A *tendência*, como fruto de uma eleição, “tender a isto ou àquilo”, é um tanto superficial para se

¹⁹ ZACHARIAS, 2019, p. 207.

²⁰ AZPITARTE, Eduardo L. *Ética Sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 85.

²¹ VALLE, 2011, p. 18.

explicar a uma *condição* mais profunda, isto é, uma orientação homossexual permanente, que não pode ser corrigida²².

Segundo Oliveira, os documentos do Magistério Pontifício reconhecem a possibilidade de uma *tendência* homossexual inata, que não pode ser escolhida. Nesse horizonte, a respeito da *Instrução*, o teólogo afirma que “a Instrução esclarece que não se trata da homossexualidade em si, mas de ‘distúrbios sexuais’ incompatíveis com o ministério ordenado”²³.

A *tendência*, classificada como profundamente radicada e objetivamente desordenada, se refere à personalidades doentias. Por isso, antes de se generalizar a questão da *tendência*, como base para a admissão ao ministério ordenado e à vida religiosa consagrada ou não, é preciso conhecer o sujeito vocacionado a partir de uma profundidade na qual se possa perceber sua conduta moral e ética em vista da sua opção de vida. Compreender uma *tendência*, hétero ou homossexual, como *profundamente radicada* é entendê-la como a antítese de uma orientação sexual assumida e bem integrada.

Qualquer centralismo que faça com que o sujeito, hétero ou homossexual, se detenha tão somente na sua orientação sexual degradada, a partir de certos egoísmos ou hedonismos, impede a concretização de uma caminhada vocacional de entrega, na qual se possa estabelecer uma correta relação com homens e mulheres. Por isso, *tendência*, segundo o que explica Radcliffe, designa

alguém cuja orientação sexual seja percebida tão central que chega a ser obsessiva, dominando a sua personalidade. Isto, em efeito, levaria à pergunta se esta pessoa seria feliz como sacerdote célibe. Mas, qualquer heterossexual que concedesse tanta importância à sexualidade teria problemas também. O que importa é a maturidade sexual, mais que a orientação²⁴.

O processo vocacional, no que concerne ao estilo de vida célibe e casto, supõe riscos e dificuldades, principalmente quando se trata das relações interpessoais. A respeito dessa dificuldade, no sentido das amizades próximas e, por sua vez, públicas, Cozzens comenta:

Qualquer que seja a preferência²⁵ sexual do indivíduo, a amizade celibatária envolve certo perigo. É possível que a amizade, em especial quando existe uma dimensão

²² RADCLIFFE, 2011, não paginado.

²³ OLIVEIRA, 2008, p. 16.

²⁴ RADCLIFFE, 2011, não paginado.

²⁵ O autor utiliza o vocábulo “preferência”. Mantivemos a expressão do autor, porém, nesta pesquisa optamos por melhor dizer, ao invés de “preferência”: *que são homossexuais, que tenham a orientação homossexual, pessoas homossexuais*, entre outras expressões que enfatizam que não se trata de preferência, escolha ou opção sexual.

erótica presente, desvie as partes de seu estilo de vida consagrado e centrado no Evangelho, assim como de suas responsabilidades no ministério²⁶.

A respeito da *tendência* homossexual, em algumas ocasiões, o ensinamento oficial do Magistério, correlaciona-a à possibilidade de um *problema transitório* que, inclusive, em relação à admissão ao Seminário e às Ordens Sacras, sendo superado no decurso da formação, não impedirá o candidato de ser ordenado. Quanto a isso é importante ressaltar que

oposta à orientação afetivo-sexual constitutiva da pessoa, existe aquela denominada momentânea, ocasional, periférica, transitória, isto é, aquela que não faz parte da personalidade, mas que se expressa, sobretudo, por experiências sexuais com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo. [...] esse tipo de orientação depende da fase evolutiva em que a pessoa se encontra, da realidade concreta na qual vive, dos condicionamentos ou da pressão externa, da sua opção pessoal. É o caso de pessoas que são hétero, mas, ocasionalmente, têm relações sexuais com pessoas homo e vice-versa²⁷.

A sexualidade humana, no campo do acompanhamento vocacional, exige atenção permanente. O desafio em relação às vocações homossexuais e às heterossexuais não pode ser encarado de modo inconsistente. É preciso ver além das aparências, com a devida calma, na globalidade do que a pessoa apresenta no seu ser e no seu agir, para além da superficialidade de alguns atos ou fatos isolados²⁸.

4.2.4 A questão da paternidade espiritual

Diante dos questionamentos apresentados pelo ensinamento do Magistério Pontifício, a paternidade espiritual, que é uma das dimensões que caracterizam o ministro ordenado, não coloca em dúvida a questão da masculinidade dos candidatos homossexuais que se identificam com o seu sexo de origem e estão psicologicamente configurados a ele.

Segundo Vidal, “não se vê a relação que possa ter a condição homossexual masculina (e com a conseguinte simbologia de ‘paternidade’), que é inerente ao candidato ao sacerdócio”²⁹. O autor considera que há bastante casos de homens homossexuais que vivem a experiência do ministério ordenado de modo coerente e com compromisso eclesial³⁰. Aponta-se, assim, uma realidade na qual se julga que a homossexualidade anula a masculinidade e o

²⁶ COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 66.

²⁷ ZACHARIAS, 2019, p. 205-206.

²⁸ OLIVEIRA, 2008, p. 33.

²⁹ VIDAL, 2020, p. 141.

³⁰ VIDAL, 2020, p. 141.

sentido paterno associado ao universo masculino. É como se os homossexuais masculinos tendessem ao materno em detrimento do paterno, o que denota uma confusão na distinção de gênero. No caso de uma homossexualidade cisgênera, esse modo de pensar não vigora, pois, os homossexuais cisgêneros não negam a sua masculinidade, estão satisfeitos com ela e se sentem bem como homens; não existe a pretensão de se assumir mulher.

O sentido da paternidade deve advir da experiência de discipulado. Um vocacionado que realmente busque se configurar à pessoa de Jesus Cristo não tenderá a outro caminho que não seja o de uma verdadeira entrega àqueles que lhe foram confiados, sob o chamado ao exercício de uma paternidade espiritual.

Para chegar a viver e refletir a paternidade espiritual em seu caminho de formação, o sacerdote deve poder plasmar, em sua personalidade humana, a ternura paternal que Jesus Cristo manifestou a seu povo e a seus discípulos. Quando o sacerdócio é vivido em relação com outros a partir das categorias da paternidade espiritual, converte-se em ponte, e não em obstáculo, para que os demais possam chegar ao encontro com Jesus Cristo, Redentor e Salvador³¹.

O exercício da paternidade espiritual segundo o exemplo de Jesus Cristo é firmeza acompanhada de amor, é o exercício da ternura que atrai e protege, corrige na mansidão e convida a caminhar. Em Jesus Cristo não se encontra o estereótipo do macho tóxico impresso na concepção de masculinidade aceita em muitas sociedades e que é duramente contestada hoje. Eis alguns traços da masculinidade de Jesus, sob uma percepção evangélica, em contraste com o modelo da masculinidade tóxica, geradora de paternidades tóxicas:

Masculinidade Tóxica	Masculinidade de Jesus
Conceito centrado na afirmação de traços culturais associados à masculinidade, comumente aceitos na sociedade e que acabam por definir estruturalmente a figura do masculino.	Modelo real de humanidade para o homem e para a mulher, destoa completamente dos traços da masculinidade tóxica. O homem Jesus é arquétipo para todo ser humano.
Características	Características
<i>Exercício da violência e da força física</i>	<ul style="list-style-type: none"> • “Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que tira o teu manto, não o impeças de levar também a túnica” (Lc 6,29). • “Põe a espada na bainha. Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,11). • “Se falei mal, prova em que falei mal; mas se falei bem, por que me bates?” (Jo 18,23).
<i>Hipercompetitividade</i>	<ul style="list-style-type: none"> • “Quem se fizer pequeno como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus” (Mt 18,4). • “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos, o servo de todos!” (Mc 9,35).

³¹ NEGRÓN DELGADO, Juan Luiz. Autoridade e paternidade na Igreja: paternidade e espiritualidade. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO: DEPARTAMENTO DE VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS. *A integridade do sacerdote: formação humano-afetiva*. Brasília: CNBB, 2018, p. 358.

	<ul style="list-style-type: none"> • “Amái os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nada em troca” (Lc 6,35).
<i>Repressão das emoções</i>	“Quando Jesus a viu chorar, bem como os que estavam com ela, comoveu-se profundamente no espírito e ficou conturbado” (Jo 11,33).
<i>Misoginia</i>	<ul style="list-style-type: none"> • “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?” (Jo 4,9). • “Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro” (Jo 11,5).

A masculinidade tóxica, definidora um modelo de virilidade e, conseqüentemente, de paternidade, é totalmente contrária ao modelo da masculinidade de Jesus de Nazaré. Jesus, como homem, não se impõe pela força física e nem pela violência. Sua regra de ouro, o mandamento do amor, repele atitudes violentas; ao outro se faz aquilo que se deseja para si mesmo. Em Jesus não há espaço para a hipercompetitividade e nem para a obtenção do primeiro lugar. Fazer-se pequeno, ser o último, amar o inimigo são máximas que devem ser aplicadas à vida do cristão. O homem Jesus sente! Ele não reprime seus sentimentos, suas emoções. O masculino de Deus, refletido na pessoa de Jesus, é capaz de sentir e é capaz de emoções. A masculinidade de Jesus não comporta misoginia, nem outros tipos de preconceito. Jesus é acolhida para todas e todos que dele se aproximam.

Como masculinidade e paternidade caminham juntas, a paternidade espiritual do presbítero deve se fundamentar na masculinidade de Jesus. O modelo deixado por ele pode ser assumido por qualquer vocacionado de reta intenção, que admita sua masculinidade a partir dele. A configuração da vida pessoal à pessoa de Jesus não deixa espaço para estereótipos e desintegração.

Em síntese, em relação à questão vocacional de homens homossexuais, que se sentem realmente chamados à consagração ou às Ordens Sacras, resta-nos refletir a partir do que propõe a própria Igreja Católica.

Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (CIC, n. 2358-2359).

Parece-nos contraditório propor às pessoas homossexuais uma vida unida ao sacrifício da cruz do Senhor, na castidade, por meio da liberdade interior - capacidade de responder livremente ao chamado de Deus -, pelo apoio de uma amizade desinteressada (sadia relação com homens e mulheres) e, ao mesmo tempo, vetar-lhes a possibilidade de uma séria caminhada vocacional. Não seria mais prudente extinguir as generalizações e, assim como se faz nos casos

dos vocacionados heterossexuais, acompanhar e dar oportunidade para que as pessoas homossexuais realizem a sua caminhada vocacional a serviço da Igreja e do Povo de Deus? Uma possível resposta a esse questionamento se encontra na exortação do Papa Francisco:

Por isso desejo, antes de tudo, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar “todo sinal de discriminação injusta” e particularmente toda forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida (AL, n. 250).

4.2.5 A questão da *cultura gay*

O que dizer a respeito da expressão *cultura gay*, apresentada como terceira restrição à admissão dos candidatos que a apoiam, na *Instrução* e, posteriormente, retomada pela *Ratio*? O apoio à “chamada *cultura gay*” é um dos impedimentos para a admissão de candidatos ao ministério ordenado e à vida religiosa consagrada, mas, ao mesmo tempo, não se define o real sentido desse conceito. De acordo com Valle, o uso do conceito é vago e pouco operacional³². Para Radcliffe, pela noção de “*cultura gay*” se pode entender que

é certo que seminaristas ou padres não deveriam ir a bares *gays* e que seminaristas não deveriam fazer parte da *cultura gay*. Isso seria tornar central em suas vidas aquilo não é fundamental. Os seminaristas deveriam aprender a lidar bem com a sua orientação sexual, contentando-se com o coração que Deus lhes deu; porém, o caso de qualquer subcultura sexual, *gay* ou hétero, seria subversiva ao celibato. Uma cultura androcêntrica cheia de conteúdo heterossexual seria igualmente inapropriada³³.

Apesar de a *Instrução* e da *Ratio* serem unânimes ao conceituarem a *cultura gay* como impedimento à admissão de candidatos com *tendências homossexuais* fortemente radicadas aos Seminários e às Ordens Sacras, pensar as subculturas *gay* e hétero, como formas de degradação da sexualidade e de exercício de uma genitalidade despropositada seria mais aceitável. São essas atitudes ou subculturas que infringem o ideal de uma vida casta e celibatária.

³² VALLE, 2019, p. 190.

³³ RADCLIFFE, 2011, não paginado. Por “cultura androcêntrica cheia de conteúdo heterossexual”, enquanto cultura que supervaloriza o homem (gênero masculino), pode-se entender também uma subcultura heterossexual, inclusive, ao ponto, de ser degradante ao sentido de igualdade humana e predisposta a relações de domínio ou puramente genitais com o sexo feminino.

4.3 Perspectivas acerca do número de homossexuais nos seminários, na Vida Consagrada e no Clero: uma realidade negada

Podemos afirmar que não há espaço para os homossexuais no clero e na Vida Consagrada? Essa pergunta, atualmente, é um tanto complexa, porque a homossexualidade ainda é um tabu na Igreja Católica. Há estudos que afirmam que há um número significativo de clérigos e consagrados homossexuais. Eles vivem o seu ministério ou a sua vida consagrada a partir da sua orientação mantida em segredo e muitos o carregam pela vida inteira.

Segundo Cozzens, existe na Igreja uma “crescente consciência de que um número crescente de sacerdotes e seminaristas têm uma preferência homossexual”³⁴. Apesar da constatação, ainda se trata de um assunto delicado que nem sempre vem à luz. Dada a crescente consciência de que há um número sempre maior de sacerdotes e seminaristas homossexuais na Igreja Católica, os dados estatísticos são um elemento importante para estudiosos do assunto.

Apesar da reconhecida presença de homossexuais no clero e entre os seminaristas católicos, há a dificuldade de se enumerá-los estatisticamente de modo preciso. A respeito dessa dificuldade de cálculo, McBrien assegura que muitos padres homossexuais nem mesmo sabem que são, ou não podem admitir para si mesmos ou para outras pessoas a sua orientação sexual³⁵. Diante desse fenômeno, pelo que se observa na prática comum, parece que

a opção acaba sendo “fazer de conta” que todos têm tendência heterossexual [...]. Essa postura, além de não ser ideal, favorece com o tempo a formação de uma cultura em que formandos e ministros “se tranquem no armário” e joguem a chave fora, acreditando que dentro dele deixaram os próprios problemas³⁶.

Numa matéria para a BBC Brasil, Brandalise ressalta que não há uma estimativa oficial para o número de padres *gays* no Brasil. Dentre o número de padres que compõem o clero brasileiro, nenhum que esteja exercendo o sacerdócio se assumiu publicamente. Ainda assim, a matéria afirma que o número de homossexuais entre os sacerdotes brasileiros é significativo³⁷.

Por se tratar de um tema tabu, a imprecisão numérica constatada demonstra que seminaristas e padres homossexuais não podem dizer que são. Assumir a homossexualidade é

³⁴ COZZENS, 2001, p. 42.

³⁵ MCBRIEN, Richard P. *Homosexuality and the priesthood: questions we can't keep in the closet*. *Commonwell*, New York (NY), 19 jun. 1987. p. 381. Disponível em: <https://www.commonwealmagazine.org/sites/default/files/imce/14784/document-1%20copy%206.pdf> Acesso em: 20 abr. 2022.

³⁶ ZACHARIAS, 2019, p. 203.

³⁷ BRANDALISE, Vitor Hugo. Gelo no pênis, exorcismo e medo: os padres gays silenciados pela Igreja no Brasil. *BBC News Brasil*, São Paulo, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51554441>. Acesso em: 20 abr. 2022.

sinônimo de autocondenação, pois vigora na Igreja Católica, subliminarmente, a política da lei americana direcionada aos militares homossexuais: “*don’t ask, don’t tell*” (não pergunte, não conte/diga).

É difícil não reconhecer que uma cultura como essa acaba fomentando o medo, a hipocrisia, o silêncio, a exclusão, mas não evita a formação de subculturas também excludentes e hipócritas, agressivas e fóbicas. Isso faz com que se formem grupos divididos a partir da própria tendência sexual numa mesma comunidade ou diocese, ou que pessoas enrustidas se disfarcem de heterossexuais para serem aceitas, e tantas outras homofóbicas se vangloriem de serem pretensamente “normais”, mesmo se não integradas. O resultado é dos mais nefastos: homofobia institucional, com a consequente violência que ela gera³⁸.

Há um silêncio sobre os seminaristas, consagrados e padres homossexuais, isto é, ao não se assumirem, eles não existem; conforma-se, por esse fator, um tipo de inexistência maquiada. Por melhores que sejam, melhor ainda é que a presença homossexual no clero e nos seminários esteja sempre oculta. Como observa Cozzens, ao citar Unsworth, “negação e segredo ainda são as defesas comuns para a maioria dos problemas sexuais entre sacerdotes, em especial para os sacerdotes homossexuais”³⁹. Em 2008, Oliveira já declarava que se percebia um aumento considerável de homossexuais nos ambientes formativos da Igreja Católica, no Brasil⁴⁰.

Apesar da dificuldade na obtenção de números precisos de padres e seminaristas homossexuais, em termos de aproximação, Cozzens⁴¹ assevera que:

1. a estimativa de sacerdotes e seminaristas é significativamente mais alta que na sociedade em geral;
2. entre sacerdotes e formadores se comenta que há um número desproporcional de homossexuais nos seminários e presbiterados;
3. um relatório da NBC estima que “de 23 a 58%” do clero católico é composto de homossexuais;
4. estudos feitos nos Estados Unidos revelam que metade dos sacerdotes americanos e dos seminaristas são homossexuais;
5. a porcentagem de homossexuais nas congregações religiosas de sacerdotes pode ser ainda maior.

A dificuldade de se precisar esses dados se origina no fato de que, por mais que o seminarista ou clérigo homossexual se tenha, internamente, dado conta da sua orientação, não

³⁸ ZACHARIAS, 2019, p. 203-204.

³⁹ UNSWORTH, Tim. *The last priests in America*. Nova York (NY): Crossroad, 1991 *apud* COZZENS, 2001, p. 42.

⁴⁰ OLIVEIRA, 2008, p. 5.

⁴¹ COZZENS, 2001, p. 130-131.

fala de si para evitar possíveis problemas ou perseguições. Diante da imprecisão dos dados estatísticos, mas cientes da presença homossexual entre os vocacionados e clérigos, o acompanhamento vocacional de homossexuais precisa contar com a clareza dessa realidade negada, pois, estão nas filas dos acompanhamentos vocacionais, nas casas de formação e no clero.

Em agosto de 2022, o site *Religión Digital* publicou uma pesquisa na qual entrevistava padres e seminaristas. O objetivo da pesquisa visava compreender a atitude dos católicos em relação ao clericalismo. O estudo contou com 300 entrevistados, sendo metade deles seminaristas em formação para o presbiterato ou para serem religiosos. Quanto à dimensão sexual, a pesquisa relatou que 49% dos presbíteros e 73% dos seminaristas entrevistados afirmaram que foram aconselhados a reprimir a sexualidade como meio de enfrentamento da sua própria sexualidade. Com isso, concluiu-se que muitos padres e seminaristas têm dificuldades de falar da sua própria sexualidade. No que concerne à orientação sexual, a pesquisa relatou que entre os entrevistados, 58% declararam não ser de orientação heterossexual: 25% afirmaram ser de orientação homossexual, 10% bissexual e 11% outros ou sem resposta⁴². Mais uma vez, confirma-se que, ainda hoje, tratar de sexualidade no ambiente eclesial não é fácil. Torna-se mais difícil quando se trata de abordar questões relacionadas à homossexualidade, nos seminários e no clero, como bem conclui a matéria.

Não se pode ignorar a concentração de homens homossexuais no sacerdócio, já que a maioria dos sacerdotes são incapazes de falar abertamente sobre a sua orientação sexual e, alguns deles, consciente ou inconscientemente, escolhem o sacerdócio como uma forma de evitar ou reprimir a sua sexualidade, o que dificulta extraordinariamente uma orientação saudável sobre o celibato⁴³.

A situação homossexual, na perspectiva vocacional, dos acompanhamentos e da formação, leva-nos ao seguinte questionamento: de que tipo de presença se trata, quem são essas pessoas?

⁴² RELIGIÓN DIGITAL. *El 58% de curas y seminaristas encuestados por una universidad jesuita se declaró “no heterosexual”*. 24 ago. 2022. Disponível em: https://www.religiondigital.org/america/sacerdotes-seminaristas-aconsejan-reprimir-sexualidad_0_2479252053.html. Acesso em: 29 ago. 2022. A *Revista IHU On-Line*, do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), publicou a matéria na íntegra, em português. O link de acesso é: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/621599-58-dos-padres-e-seminaristas-entrevistados-por-uma-universidade-jesuista-se-declararam-nao-heterossexuais>.

⁴³ RELIGIÓN DIGITAL, 2022, não paginado.

4.4 Os vocacionados homossexuais: novos sujeitos, novas práxis

Primeiramente, os vocábulos vocacionados ou candidatos aqui utilizados fazem referência aos jovens que procuram o acompanhamento no Serviço de Animação Vocacional, bem como aos seminaristas ou religiosos que se encontram na etapa da formação inicial, sem ainda terem dado um passo definitivo em vista da consagração ou das Ordens Sacras.

Ao se constatar, no tópico anterior, que há um possível aumento no número de seminaristas e clérigos homossexuais na Igreja Católica, infere-se que não vêm de outro lugar que não seja a própria Igreja.

A homossexualidade, celibato e vida consagrada são um tema que ronda o ambiente eclesial. Porém, dele se fala somente em círculos reduzidos e em “voz baixa”. Contudo, um fato é incontestável, por mais que se pretenda disfarçar: pessoas com orientação basicamente homossexual estão presentes tanto na vida consagrada masculina e feminina como no ministério sacerdotal⁴⁴.

Serra, em seu livro *“Viemos para comungar”*, utiliza a expressão “um novo sujeito eclesial” quando propõe um projeto de Igreja para esse “novo sujeito”, que irrompe a partir da visibilidade da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) que reivindica o seu espaço como membro inalienável da Igreja Católica⁴⁵.

A expressão “um novo sujeito” pode ser utilizada ao se perceber que o Pontificado de Francisco, dado seu caráter de inclusão, tem atraído para mais perto e para dentro da Igreja, em diversos movimentos e pastorais, uma porção significativa de pessoas homossexuais. Há jovens que, hoje, sentindo-se integrados na sua orientação homossexual internamente assumida, se percebem como parte viva da Igreja. O contexto da fé atrai as pessoas homossexuais e não é raro percebê-las nas atividades da Igreja Católica, mesmo quando se deparam com a questão do rechaço e do preconceito.

A rejeição e o preconceito devem ser compreendidos a partir dos posicionamentos e das atitudes pessoais de membros da Igreja, assim como explica o Papa Francisco ao responder James Martin, SJ: “o que o senhor diz a um católico LGBT que foi rejeitado pela Igreja?”

Gostaria que reconhecessem isso não como “a rejeição da Igreja”, mas, ao invés, como rejeição por parte de “pessoas na Igreja”. A Igreja é uma mãe e reúne todos os seus filhos. Tomemos por exemplo a parábola dos convidados ao banquete: “os justos, os

⁴⁴ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 164.

⁴⁵ SERRA, 2019, p. 194-195.

pecadores, os ricos e os pobres, etc.”. (Mateus 22,1-15; Lucas 14,15-24). Uma Igreja “seletiva”, de “puro sangue”, não é a Santa Madre Igreja, mas sim uma seita⁴⁶.

A resposta do Sumo Pontífice vem como um alento e, ao mesmo tempo, como uma chamada de atenção: a Igreja é mãe que não rejeita os seus filhos, mas acolhe-os. Portanto, qualquer seletividade por parte das “pessoas na Igreja” favorece o sectarismo. Atualmente, essa acolhida tem sido percebida por meio de pronunciamentos ou ações, oficiais ou extraoficiais, do Sumo Pontífice e de alguns membros da hierarquia católica. A seguir, eis alguns dos pronunciamentos de Francisco que tiveram repercussões mais globais no seu pontificado.

Alguns pronunciamentos de Francisco acerca da homossexualidade e das pessoas homossexuais.	
1.	“Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la”? 29 de julho de 2013.
2.	“Orientação sexual não é pecado”. 29 de julho de 2013
3.	“O catecismo da Igreja Católica explica de forma muito bonita”. “Diz que não se deve marginalizar estas pessoas por isso. É preciso integrá-las à sociedade”. 29 de julho de 2013
4.	“O problema não é que haja esta <i>tendência</i> , e sim a formação de um lobby. Esse é o assunto mais grave para mim”. 29 de julho de 2013
5.	“O problema não é essa orientação. Devemos ser irmãos. O problema é fazer <i>lobby</i> por essa orientação, ou <i>lobbies</i> de pessoas invejosas, <i>lobbies</i> políticos, <i>lobbies</i> maçônicos, tantos <i>lobbies</i> . Esse é o pior problema”. 29 de julho de 2013
6.	“Eu acredito que a Igreja não deve apenas se desculpar, não deve apenas pedir desculpas a essa pessoa que é homossexual e que foi ofendida, mas deve pedir perdão aos pobres, às mulheres exploradas, às crianças exploradas”. 26 de julho de 2016
7.	“As pessoas homossexuais têm direito de estar em uma família. Eles são filhos de Deus e têm direito a uma família. Ninguém deve ser impedido ou tornado infeliz por isso. O que precisamos criar é uma lei sobre as uniões civis. Dessa forma, eles seriam amparados legalmente. Eu lutei por isso”. 21 outubro de 2020
8.	“Pais que veem orientações sexuais diferentes nos filhos, lidem com isso e acompanhem seus filhos. Não se escondam atrás de uma atitude condenatória. [...] a esses pais, eu digo que não se espantem [...] nunca devem condenar um filho”. 26 de janeiro de 2022

⁴⁶ FRANCISCO, Papa. Pequena entrevista concedida a James Martin sobre a questão dos católicos LGBTQ. Roma, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-pessoas-lgbt-carta-padre-jesuista-james-martin.html>. Acesso em: 16 mai. 2022.

Muitos homossexuais têm feito uma opção radical pelo seguimento de Jesus Cristo. Ressaltar que os jovens homossexuais católicos se sentem corresponsáveis pelo serviço da Igreja é dar-lhes o reconhecimento de que estão presentes em diversos movimentos e pastorais. Como presença viva e ativa nas comunidades eclesiais, muitos deles se sentem chamados por Deus.

Pensar nesses “novos sujeitos”, no cenário do acompanhamento vocacional, não faz alusão a uma presença literalmente nova na Igreja Católica, como se só tivessem chegado agora. A presença homossexual na Igreja foi sempre constante, mas sempre velada. Na atualidade, afirmar os homossexuais como “novos sujeitos” eclesiais é reconhecer presenças antigas que hoje se declaram, antes mesmo do seu contato com os serviços de animação vocacional e dentro de novas visibilidades.

Negar a presença dos vocacionados homossexuais na Igreja Católica é não propiciar a realização de um trabalho de acompanhamento vocacional que esteja de acordo com a realidade pessoal desses candidatos, o que realmente pode significar um sinal de fracasso no futuro, em relação à Consagração e às Ordens Sacras.

De qual presença se trata? Trata-se de uma presença legítima, de pessoas reais que não devem ser proibidas de conformarem suas vidas à vida de Jesus Cristo. Os vocacionados homossexuais aqui referidos são pessoas. São homens do sexo masculino, que, a partir da sua consciência de filhos de Deus, dispõem-se a crescer humanamente no seu processo de discernimento vocacional. Não sendo de condição inferior aos vocacionados heterossexuais, são homens que, livremente, buscam responder ao chamado de Deus, ainda quando as portas lhes pareçam fechadas. Eles são frutos das novas juventudes eclesiais, novas gerações que, devido à sua emergente autonomia, não conseguem e não podem ser o que não são.

Os “novos sujeitos”, não menos masculinos que os demais, na sua autonomia e transparência, dentro de um reto desejo de se consagrarem a Deus, denunciam um esquema de acompanhamento vocacional seletivo que precisa se adaptar à realidade atual, sem perder sua essência de formar homens configurados à pessoa de Jesus Cristo. Frente a essa realidade está a exigência de novas práxis para o acompanhamento vocacional, para que o resultado desse itinerário desemboque numa formação permanente frutuosa, de homens capazes da doação de si mesmos e por inteiros.

A formação terá uma tarefa importante em conseguir que a orientação sexual não se converta no elemento central da própria identidade, mas que chegue a ser somente um elemento que forma parte de uma identidade mais fundamental, que é a de seguidor de Jesus, no projeto de construção do Reino. Favorecer a manifestação dos conflitos vitais do sujeito, associados à sua orientação sexual, e indagar sobre as motivações

vocacionais profundas da sua vocação deverão constituir, então, elementos essenciais do acompanhamento pessoal⁴⁷.

Não basta que o candidato somente seja varão batizado para receber validamente o sacramento da Ordem. Um primeiro traço a ser identificado no vocacionado é a consciência da sua identidade essencial de pessoa como filho de Deus⁴⁸. Junto a essa consciência, o vocacionado deve ter um mínimo de maturidade com a disposta abertura para crescer mais humanamente no seu processo de discernimento vocacional. Como afirma Vitório:

A capacidade de sair de si e se colocar a serviço dos demais serve de critério para avaliar a consistência da dinâmica de humanização. Ser oblato é ser-para-os-outros; é doar e se doar, e entregar a vida em favor do próximo. O grau de humanização de uma pessoa se mede pelo modo como ela trata o semelhante. Sempre haverá a possibilidade de dar novos passos e ser criativo na vivência da misericórdia, da reconciliação e do amor serviçal⁴⁹.

O vocacionado homossexual não deve ser, assim como o candidato heterossexual, portador de evidentes desvios afetivos ou de patologias psicosexuais⁵⁰. O componente básico para admissão de um vocacionado deve ser considerado a partir do quão humano pode ser no exercício da oblatividade.

A presença dos vocacionados homossexuais na Igreja Católica é visível, constante e carente de novas interpretações. Infortunadamente, ainda são vítimas do rechaço e do descarte, quando a pastoral vocacional e a formação são conduzidas como serviço de recrutamento. Os homossexuais são seres humanos, filhos de Deus e podem, também, ser chamados a uma vocação específica. Resta aos animadores vocacionais e aos formadores irem além das suposições para descobrir nos candidatos uma reta intenção interior, proporcionando-lhes uma experiência pessoal com Jesus Cristo, fonte central e modelo máximo para todo caminho de discernimento.

Para melhor compreender a relação entre a homossexualidade e a vocação, apresentaremos, no tópico seguinte, uma definição do que é vocação a partir da Teologia.

⁴⁷ DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. La homosexualidad en el sacerdocio y en la vida consagrada. 16 ago. 2011. Disponível em: <https://crismhom.org/la-homosexualidad-en-el-sacerdocio-y-en-la-vida-consagrada/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴⁸ SAN JOSÉ PRISCO, José. La homosexualidad: criterios para el discernimiento vocacional. *Seminarios*, Madrid, v. 48, n. 166, p. 546, oct. 2002. DOI: <https://doi.org/10.52039/seminarios.v48i166.864>. Disponível em: <https://seminariosdigital.es/index.php/RevistaSeminarios/article/view/864/696>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴⁹ VITÓRIO, Jaldemir. *A formação na vida religiosa consagrada: reflexões para uma pedagogia mistagógica*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 21-22.

⁵⁰ SAN JOSÉ PRISCO, 2002, p. 548-549.

4.5 Vocação à luz do evento Cristo

A vocação cristã deve ser compreendida a partir de uma intrínseca relação com a pessoa de Jesus Cristo. Não há como falar de vocação cristã fora de Cristo. Fundamentalmente, Jesus Cristo é o modelo primigênio para todos os vocacionados: para os que estão em formação, para os já consagrados e para os que já foram ordenados, pois, como Igreja, somos sempre chamados a realizar a nossa vocação cristã.

Entender a vocação a partir do evento que comporta a encarnação e a pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo da fé, a Palavra de Deus encarnada, é interpretá-la, em primeiro lugar, como relação de intimidade: a intimidade da Palavra que no princípio já estava com Deus e a intimidade da Palavra que era Deus (Jo 1,1). No processo de *estar* com Deus e de *ser* Deus se contempla o quadro do desprendimento, no qual a Palavra se faz carne, é Deus que se materializa na concretude do ser humano que ele mesmo criou. Conseqüentemente, na vocação de Jesus, enquanto a Palavra experimentável e palpável de Deus, o próprio Deus se autocomunica e, ao fazê-lo, através da humanidade de Jesus que vem ao mundo criado, a Palavra encarnada se revela em tudo como o dizer e o fazer de Deus⁵¹. A Palavra, enviada como pessoa, expõe-se como convite para que outros e outras a sigam. Esse convite se dá na experiência pessoal e vital de cada ser humano que se sente chamado às múltiplas formas de seguimento, em outras palavras, de vocações.

Sendo Jesus o filho único gerado do Pai, da sua mesma natureza, a sua encarnação, como acontecimento que fecha em si toda a Revelação de Deus, torna-se também o fato vocacional, ou seja, o ponto de partida para a compreensão de todo o “chamamento”⁵². Numa perspectiva vocacional, Jesus Cristo é a raiz da qual brota a teologia da vocação.

Da sua encarnação à sua vida prática, a resposta de Jesus aos apelos do Pai se dá num *continuum* no qual se coloca como pessoa inteira. A encarnação, como dado que afirma a humanidade da Palavra, entranhada no mundo criado, afirma também nossa humanidade, remetendo-nos à compreensão de que o fato vocacional não é a experiência mágica de um Deus que dá superpoderes à humanidade, mas, sim, a experiência de um Deus que, na sua *kénosis*, humaniza-se para se autocomunicar, mostrando, nessa dinâmica, que os chamados e enviados

⁵¹ Conferir BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 1466, nota a João 1,1-18.

⁵² Opta-se pelo termo “chamamento” porque, nos últimos tempos, através de palestras e cursos, alguns expositores dão a entender que o termo “chamado”, em âmbito vocacional, parece encerrar a questão vocacional numa proposta estática: Deus chama e a pessoa, simplesmente, responde sim ou não. Por “chamamento” se pode compreender algo mais dinâmico, não se trata de um “chamado” que aconteceu uma vez, mas, de um movimento, trata-se de um Deus relacional que chama e chama, atualizando na vida e na história vocacional de alguém a sua solicitação constante, sempre carente de novos posicionamentos e novas respostas.

serão sempre humanos. Por essa vertente, demonstra-se que Jesus de Nazaré, como alicerce da teologia da vocação, delinea o modo pelo qual as pessoas são chamadas, o que significa que, no cerne de uma proposta vocacional, o ser humano deve estar por inteiro e essa integralidade diz respeito a tudo aquilo que o conforma como pessoa.

Estar por inteiro num projeto vocacional de vida, tendo Jesus como modelo, é um convite à tomada de consciência daquilo que supõe a missão à qual somos chamados. Sendo a vocação cristã um chamado a dar continuidade à missão de Jesus Cristo, nossa resposta aponta para os compromissos éticos advindos dessa missão, cujo conteúdo está descrito na passagem em que Jesus abre o livro do profeta Isaías, no evangelho de Lucas: “o Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres: enviou-me para proclamar a liberdade aos presos e, aos cegos, a visão; para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano do agrado do Senhor”⁵³.

O *ethos* que nasce da experiência do envio do próprio Jesus, ungido pelo Espírito, sobrepassa a experiência dos doze discípulos, tornando-se, universalmente, um componente essencial para a compreensão da vocação da Igreja enviada no seguimento de Cristo. A vocação da Igreja, chamada a pregar o Evangelho, ultrapassa o sentimento puramente religioso ao carregar consigo um compromisso ético, advindo da encarnação da Palavra, que se direciona ao cuidado dos excluídos.

Ao se compreender como discípulo, o vocacionado se percebe como alguém que é chamado e enviado a estar cara-a-cara com a realidade periférica e sofrida dos demais seres humanos. Sob uma espécie de *kénosis* vocacional, o vocacionado é chamado ao despojamento e ao encontro. A Palavra de Deus, no seu movimento mais profundo de compaixão para com a humanidade, se fez carne e, como carne assumida, habita e enche o mundo com a lógica do ser com e do ser para o outro, numa densidade oblativa imensurável. Como indica Oliveira, a respeito da vocação cristã, “sendo a vocação um viver para Cristo, por Cristo, em Cristo, com Cristo, no *aqui e agora* da nossa história concreta, no desejo de servir como Ele serviu, é indispensável um aprofundamento do mistério do Verbo Encarnado”⁵⁴.

Jesus Cristo, tendo assumido a carne humana, partilha da dor da humanidade no seu maior grau, deixando-se afetar, somando à sua própria corporeidade as feridas do mundo. Ele é o exemplo para que os chamados assumam sua própria vocação a partir das narrativas da sua encarnação, como pessoas historicamente encarnadas no mundo, lugar da resposta aos apelos divinos.

⁵³ BÍBLIA Sagrada, 2019, p. 1426, nota a Lc 4,18-19.

⁵⁴ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* São Paulo: Paulus, 2006, p. 43.

O “fazer-se carne”, do qual fala o Evangelho de João (1,14), quer exatamente indicar que Cristo assumiu para si a *fragilidade* própria do ser humano. Tal fragilidade atinge o seu ponto máximo na *Kénosis*, isto é, no despojamento da natureza divina para tornar-se homem, escravo, chegando até a morte e morte de cruz (Cf. Fl 2, 6-8)⁵⁵.

O evento Cristo, como chave de leitura para a teologia da vocação, é a mais alta expressão da compaixão e da misericórdia de Deus que se humaniza. Para servir e, simultaneamente, pela sua encarnação,

dignifica toda a criação e toda a história da humanidade. Nele temos a *realização* plena do humano. Porque Jesus se encarnou, tudo aquilo que é humano adquire um valor inestimável. Como no mistério da Encarnação de Jesus, também a Igreja é chamada a encarnar-se na realidade do povo⁵⁶.

Uma das dimensões inerentes à teologia da vocação é a da corporeidade. Isso implica reconsiderar o corpo, no cenário vocacional, sem descartar nada que a ele se relacione, inclusive a sexualidade que, por vezes, é ignorada ou catalogada negativamente como profana.

A saber, na escuta das Escrituras, na cumplicidade de vida da comunidade de pertença, na celebração da liturgia e no constante encontro com o rosto/corpo do outro humano é que se retroalimenta a vida cristã e se descobre e se realiza o sentido da sexualidade em Cristo⁵⁷.

Para Ribeiro, a encarnação favorece à pessoa cristã sua autocompreensão associada ao Cristo, isto é, o batizado se percebe e se interpreta diante do mistério da entrada de Deus na história humana, tendo em vista a conformação da sua vida na carne em contato e em confronto com o Mistério Pascal⁵⁸.

Particularmente, ao primar pela abordagem da sexualidade humana na teologia da vocação, sugere-se a contínua incorporação da pessoa sexual ao Corpo de Cristo. Isso pelo fato de

a experiência humano-cristã ser indissociável da encarnação. Que o Filho de Deus tenha assumido a carne na história da narratividade de seu corpo, isso faz com que esse evento crístico repercuta imediatamente na condição humana lançada na Existência. Assim, o *seguimento* do Cristo como categoria ética incorpora a si um diferencial ou uma novidade com relação à vivência da sexualidade. A saber, põe em evidência o impacto da revelação (cristã) sobre a vida humana e o modo como se

⁵⁵ OLIVEIRA, 2006, p. 47.

⁵⁶ OLIVEIRA, 2006, p. 47.

⁵⁷ RIBEIRO, Nilo. Ética teológico-cristã da sexualidade. In: DE MORI, Geraldo *et al.* (Orgs.). *Theologica Latinoamericana: enciclopédia digital*. Belo Horizonte, [2019]. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=158>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁵⁸ RIBEIRO, [2019], não paginado.

segue o Cristo graças à corporeidade e à sexualidade, ambas assumidas como dom da criação e como graça da salvação em Cristo⁵⁹.

A vocação cristã, na pluralidade das formas pelas quais se manifesta na vida dos batizados, não pode ser concebida separada do corpo e da sexualidade. De modo particular, nessa pesquisa, os vocacionados à consagração e às Ordens Sacras, que optam por uma vida celibatária e casta, não abdicam do corpo, nem da sexualidade, para responder às interpelações das suas vocações específicas. A vocação, na ótica do corpo-próprio, deve ser compreendida, num marco de humanização em consonância com a carnalidade e a sexualidade plenamente realizadas⁶⁰.

O evento Cristo impulsiona os chamados ao seu seguimento a uma proposta de vida pessoal/comunitária encarnada, que tenda ao Mistério Pascal, através de uma experiência vocacional intra-histórica. “É a fé na ressurreição do Senhor que nos faz viver como ressuscitados, tomando parte ativa na construção de um mundo mais justo e mais humano”⁶¹. Por isso, no conjunto das decisões vocacionais, a história dos coletivos marginalizados se torna o lugar para o encontro de alteridades chamadas a serem fecundas na compaixão, na misericórdia e na justiça.

Em vista de uma vocação específica pautada pela castidade celibatária, o corpo e a sexualidade encontram sentido de fecundidade quando tomam o exemplo da fecundidade de Cristo que, ao assumir um corpo, assumiu também uma sexualidade e, como homem judeu, soube ser fecundo e dar vida.

4.6 Teologia da Vocação

Ao longo da história, temos compreendido a vocação numa perspectiva tradicional. Durante muito tempo, a vocação foi interpretada apenas como “um chamado e uma resposta”, como se Deus chamasse, arbitrariamente, de modo impositivo, e a única solução fosse uma resposta positiva do ser humano, a um chamado feito para toda a vida.

A sistematização da vocação, num viés teológico, tem sido aos poucos elaborada e, hoje, já se pode refleti-la a partir de uma teologia da vocação. Consiste a vocação apenas em ser um chamado com a exigência de uma resposta? Quais elementos possibilitam uma definição atualizada de vocação?

⁵⁹ RIBEIRO, [2019], não paginado.

⁶⁰ RIBEIRO, [2019], não paginado.

⁶¹ OLIVEIRA, 2006, p. 53.

Oliveira⁶², numa visão pós-conciliar, afirma que a teologia da vocação consta dos seguintes componentes:

1. a vocação como um chamado à comunhão com a Trindade: redefinição proposta enfaticamente pelo Concílio Vaticano II;
2. a vocação como um relacionamento: relacionamento pessoal vivido com Deus no interior de uma comunidade concreta;
3. a vocação universal à santidade: a pessoa humana é chamada a participar da santidade divina, sendo chamada a amar e a servir;
4. a vocação como comunhão e participação: chamado à comunhão e à participação na vida do povo e da Igreja, isto é, um chamado a ser povo. A vocação é, por conseguinte, um chamado à comunhão, à sororidade e à fraternidade.

No contexto eclesial católico, a vocação é, em primeiro lugar, comum a todos os cristãos. Parte-se desse princípio para se afirmar que todos os cristãos têm a mesma dignidade, fundada nos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, e, por eles, todos são chamados à santidade. O chamado geral da Igreja Católica à santidade objetiva a edificação do Corpo de Cristo. Esse Corpo possui uma organicidade que se expressa nas diversas funções desenvolvidas pelos seus membros.

Todos os fiéis, em virtude da sua regeneração em Cristo, compartilham a mesma dignidade; todos são chamados à santidade; todos cooperam para a edificação do único Corpo de Cristo, cada qual segundo a própria vocação e o dom recebido do Espírito (cf. Rm 12,3-8). A dignidade igual entre todos os membros da Igreja é obra do Espírito, está fundada no Batismo e na Confirmação, e é corroborada pela Eucaristia. Mas é também obra do Espírito a multiplicidade de formas. É Ele que faz da Igreja uma comunhão orgânica na sua diversidade de vocações, carismas e ministérios (VC, n. 31).

Tendo em vista que todos os cristãos, sacramentalmente inseridos no Corpo de Cristo, compartilham a mesma dignidade, que todos são chamados à santidade, há de se convir que todos, para a edificação desse Corpo, recebem um chamado particular. Mas, como definir esse chamado, cujo nome ordinário é vocação? O documento *Novas vocações para uma nova Europa* define a vocação como

o pensamento providencial do Criador sobre a criatura individual, é sua ideia-projeto, como um sonho que é caro a Deus porque a criatura lhe é querida. Deus Pai quer que

⁶² OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Teologia e eclesiologia da vocação. *eJesus*: cristianismo on-line. [s/data]. Disponível em: <https://ejesus.com.br/teologia-e-ecclesiologia-da-vocacao/>. Acesso em: 22 mai. 2022.

seja diferente e específico para cada coisa viva. O ser humano, de fato, é "chamado" à vida e, ao vivificar, carrega e encontra em si a imagem daquele que o chamou⁶³.

Vocação é relação de amor entre Deus e os seus filhos e filhas e vivificar é fazer dessa relação um ato contínuo de colaboração com o projeto dele, projeto de vida que tem para a humanidade. Ele quis, na gratuidade, chamar cada ser humano à vida, dada como dom para ser dom para o próximo. Cabe ao ser humano descobrir na sua própria vida o seu chamado específico, através do qual se torna capaz de refletir a imagem do Deus que chama.

Cada criatura chamada é única, com seu nome, com a sua identidade, afirmando e assegurando sua liberdade e originalidade⁶⁴ dentro de um projeto construído numa relação de amor com Deus. Vocação é relação com Deus, é diálogo com ele, é o chamado que só o Senhor pode fazer e a resposta só pode ser dada a partir de uma intimidade relacional entre a pessoa chamada e aquele que a convoca.

A vocação se dá num contexto de duas liberdades, a liberdade ulterior de Deus que chama quem ele quer e a liberdade do fiel chamado, que nunca é obrigado a responder. O ser humano é um ser livre. Em termos vocacionais, só se chega a uma resposta responsável, diante do chamado de Deus, pelo exercício de uma verdadeira liberdade, que é

um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis «deixar o homem entregue à sua própria decisão», para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele. Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja, movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa (GS, n. 17).

A livre adesão do ser humano ao projeto de Deus é consequência do livre arbítrio que o coloca num movimento de busca por si, busca por Deus e busca pelo próximo. Esse dinamismo acontece por meio da fé que abre o acesso à relação com a Transcendência. No campo da teologia vocacional, um dos elementos fundamentais e anteriores à descoberta de uma vocação é a fé. Uma vocação só pode ser assumida e vivida sob a égide da fé, enquanto alicerce e possibilitadora da relação do fiel com Deus.

A fé cristã é fé na encarnação do Verbo e na sua ressurreição na carne; é fé num Deus que se fez tão próximo que entrou na nossa história. A fé no Filho de Deus feito homem em Jesus de Nazaré não nos separa da realidade; antes, permite-nos individualizar

⁶³ PONTIFÍCIA OBRA PARA AS VOCAÇÕES ECLESIASTICAS. *Novas vocações para uma nova Europa*. Documento final do Congresso sobre as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada na Europa. Roma, 1997, n. 13. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_13021998_new-vocations_po.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁶⁴ POVE, 1997, n. 13.

o seu significado mais profundo, descobrir quanto Deus ama este mundo e o orienta sem cessar para Si; e isto leva o cristão a comprometer-se, a viver de modo ainda mais intenso o seu caminho sobre a terra (LF, n. 18).

A fé é a virtude, é o dom que possibilita uma resposta ao chamado de Deus e se torna o ponto de partida para a tomada de consciência do projeto de amor que Deus tem para cada um⁶⁵ daqueles que chama e para o mundo em geral. A vocação, como relação dialogal com o Senhor, implica uma atitude de fé do sujeito chamado que anseia por escutar o Senhor que o chama.

A escolha vem da parte do Senhor como assegura o Evangelho de João. Numa relação de proximidade, o Senhor chama seus amigos, é ele que os escolhe. Escolhe, designa e envia a um serviço, cujos frutos dependem da vivência do mandamento do amor.

Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para irdes e produzirdes fruto, e para que vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos dará. O que vos mando é isto: que vos ameis uns aos outros (Jo 15,15-17).

Cencini, ao apresentar seu método para a construção de uma cultura vocacional, acena que Deus é o que chama e ama eternamente⁶⁶. A vocação é um conceito construído fundamentalmente a partir de uma relação amorosa com o Senhor. Os interlocutores dessa relação, por meio da fé, trocam mensagens, conversam entre si. O Senhor chama e o receptor desse chamado só é capaz de respondê-lo, positivamente, se está na mesma frequência desse amor-relação.

A teologia da vocação baseia-se no fato de que Deus chama porque ama a pessoa chamada na sua singularidade. Ele a chama como amigo com quem partilha e quer ser partilhado, chama no mistério de uma relação de amor-enigma⁶⁷. Nessa relação misteriosa proposta pelo Senhor, o vocacionado manifesta o desejo de estar com ele, de ser dele e, vinculado a ele, fazer parte da sua missão, assim como aconteceu com os discípulos de Jesus.

Por um lado, não foram eles que escolheram seu mestre, foi Cristo quem os escolheu. E, por outro lado, eles não foram convocados para algo (purificar-se, aprender a Lei...), mas para Alguém, escolhidos para se vincularem intimamente à Pessoa dele (cf. Mc 1,17; 2,14). Jesus os escolheu para “que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,14), para que o seguissem com a finalidade de “ser dele” e fazer parte “dos seus” e participar de sua missão (DAp, n. 131).

⁶⁵ DOCUMENTO FINAL DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 34-35.

⁶⁶ CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 25.

⁶⁷ CENCINI, 2013, p. 25-28.

Deus, o único autor do chamado, usa de circunstâncias temporais, concretas e imanentes para chamar a si aqueles que escolheu. A teologia da vocação supõe um itinerário no qual o vocacionado precisa ser ajudado a se descobrir diante da busca pelo sentido do dom da sua própria vida. Através dessa busca de sentido, o núcleo decisivo da vida passa a ser percebido numa relação estreita com a Trindade: com o Pai que chama à vida e chama ao amor; com o Filho, que feito homem, é o enviado do Pai, que chama ao seu seguimento para enviar, e com o Espírito, que chama à santidade testemunhal, segundo o plano de Deus⁶⁸. Para Cencini, o conteúdo desse chamado de Deus

é um apelo único-singular-irrepetível, que atinge o indivíduo, feito propositadamente para ele e talhado sob sua medida, como Deus a vê; é o sonho do Pai a respeito daquele seu filho amado, é o nome que Deus lhe deu e escreveu na palma da própria mão, Palavra dita uma única vez e jamais repetida⁶⁹!

Atender ao chamado vocacional demanda um caminho de discernimento pelo qual a pessoa vocacionada é levada a enfrentar a realidade do seu próprio mundo interior para chegar à verdade de si mesma⁷⁰.

A vocação é compreendida como um chamado pessoal e intrasferível, porém, o caminho de discernimento não pode ser feito solitariamente; para chegar à verdade de si mesmo o vocacionado necessita de mediações. A comunidade de fé, as intervenções do acompanhamento vocacional e da formação figuram como elementos necessários para que o vocacionado compreenda o seu chamado a partir da sua realidade concreta, para poder dar uma resposta de modo livre e consciente, sendo fiel ao seguimento de Jesus Cristo.

Além da sua dimensão subjetiva e individual a vocação, objetivamente interpretada a partir da Igreja, é um encontro com Deus para formar comunidade. A comunidade eclesial é o lugar teológico onde o discernimento pessoal se soma ao conjunto de uma comunidade que tem necessidades próprias, que precisa de evangelizadores e que se torna lugar de chamado e de discernimento.

O discernimento vocacional é o tempo kairológico, é o momento oportuno para se depurar as incertezas e as ambiguidades da vida em vista de uma decisão coerente. Assim, é importante ressaltar que a vocação cristã não se coaduna com a certeza, pois, traz sempre consigo uma margem de dúvidas no meio do caminho, que requer do vocacionado a confiança na fidelidade do Deus que chama.

⁶⁸ Este parágrafo completo corresponde a uma síntese POVE, 1997, n. 16-18.

⁶⁹ CENCINI, 2013, p. 29.

⁷⁰ CENCINI, Amedeo. *A hora de Deus: crise na vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 328-329.

Discernir a própria vocação significa aprender essa confiança, e isso comporta uma crise, pois significa atuar uma passagem problemática para o ser humano: a passagem da garantia oferecida pela própria pessoa ao abandono de si nas mãos de outro; ou da pretensão de fazer opções somente quando tudo está claro e evidente à coragem de decidir justamente para compreender sempre mais, pois – naquilo que se refere à vocação cristã – é optando que a compreendemos e a escolhemos, compreendendo sempre mais⁷¹.

O discernimento vocacional, como dom que leva a uma decisão radical, é “o processo pelo qual a pessoa chega a cumprir, em diálogo com o Senhor e na escuta da voz do Espírito, as escolhas fundamentais, a partir daquela sobre o estado de vida”⁷². A vocação só pode ser descoberta com clareza num percurso sério de discernimento, que acompanha a vida toda do vocacionado, porque a vida está sempre sujeita às escolhas e às incertezas:

A chamada do Senhor – fique claro desde já – não possui a evidência própria de uma das muitas coisas que podemos ouvir, ver ou tocar na nossa experiência diária. Deus vem de forma silenciosa e discreta, sem se impor à nossa liberdade. Assim pode acontecer que a sua voz fique sufocada pelas muitas inquietações e solicitações que ocupam a nossa mente e o nosso coração⁷³.

Na busca da clareza, no que diz respeito à vocação pessoal que cada batizado traz consigo, o Papa Francisco indica que devemos “*escutar*” a voz de Deus, num processo de interioridade, no silêncio e na abertura ao Espírito de Deus. “*Discernir*” a voz de Deus através de um relacionamento com o Senhor, em lugares, por meio dos instrumentos que ele usa e nas situações nas quais ele chama. Finalmente, não existe disposição vocacional se não há o propósito de “*viver*”, viver com o Senhor e, de modo particular, numa relação de proximidade ao seu serviço direto⁷⁴. A isso, soma-se o fato de que a vocação deve ser sempre percebida como um movimento constante de Deus. Ela não é estática. Deus chama continuamente e a resposta é uma atitude permanente do vocacionado, pois, o sim nunca é definitivo. Se o chamado de Deus é constante, a resposta positiva deve ser sempre atualizada.

⁷¹ CENCINI, 2011, p. 328-329.

⁷² SÍNODO DOS BISPOS, 2017, p. 38.

⁷³ FRANCISCO, Papa. Mensagem para o 55º dia mundial de oração pelas vocações: escutar, discernir, viver a chamada do Senhor. Roma, 22 abr. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20171203_55-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html. Acesso em: 03 mai. 2022.

⁷⁴ FRANCISCO, 2018, não paginado.

4.7 Considerações acerca da questão da homossexualidade e vocação

Um itinerário vocacional implica a necessidade da consciência de que estamos sacramentalmente inseridos no Corpo de Cristo e, por meio dessa inserção, nasce uma proposta de vida. Os fiéis católicos são chamados a unirem suas vidas à missão de Jesus, a partir da dignidade comum de filhos e filhas de Deus, como membros do corpo místico de Cristo. Cada um deve exercer uma função concreta para a edificação desse Corpo.

Na Igreja, comunidade de dons para a única missão, essa passagem realiza-se desde a condição em que se encontra o crente inserido em Cristo através do Batismo até a sua vocação «particular» como resposta ao dom específico do Espírito. Nesta comunidade, cada vocação é "particular" e se especifica em um projeto de vida; não há vocações genéricas⁷⁵.

Na vocação e na missão comum dos fiéis católicos, cada pessoa recebe um chamado particular que se dá na adesão da própria vida à vida do Senhor que chama. Na relação com ele, se descobre a finalidade do chamado e para onde se é enviado. A exemplo da comunidade dos discípulos e das discípulas do Senhor, a experiência vocacional pessoal acontece quando há aproximação e disposição de caminhar com ele, deixando-se formar por ele.

A vocação, a partir da consciência sacramental da inserção dos fiéis no Corpo de Cristo, do seu compromisso eclesial e do seu enraizamento pessoal nele, leva à seguinte constatação:

Cada vocação é, pois, um *signal*, um modo particular de revelar o rosto do Senhor Jesus. [...] Jesus torna-se assim o motivo e o modelo decisivo de toda resposta aos apelos de Deus. [...] Em relação à Igreja, toda vocação é um *mistério*, enraizado na pura gratuidade do dom. O chamado de Deus é um dom para a comunidade, para o bem comum, no dinamismo dos muitos serviços ministeriais. [...] toda vocação, em relação ao mundo, é *missão*. Vocação e missão constituem duas faces de um mesmo prisma. Eles definem o dom e a contribuição de cada um para o plano de Deus, à imagem e semelhança de Jesus⁷⁶.

Na teologia vocacional, não existe espaço para aceitação de pessoas. Deus escolhe e chama todos e todas. A relação do ser humano com Deus, alinhada à compreensão católica, é sempre uma relação na qual Deus está chamando para si sem uma ordem preferencial e sem fazer distinção. A vocação é um chamamento dinâmico e permanente na vida humana. Exige sempre a atualização de uma resposta pessoal. Nesse dinamismo, todas as pessoas que creem e se comprometem com Jesus são constantemente chamadas, nunca estão prontas e estão sempre discernindo, crescendo, amadurecendo e aprendendo com o Senhor.

⁷⁵ POVE, 1997, n. 19b.

⁷⁶ POVE, 1997, n. 19c.

Se Deus chama todos e todas, se não faz distinção, não há razões para se dizer que não chama as pessoas homossexuais. A homossexualidade masculina, no campo da reflexão vocacional, remete-nos às considerações oficiais do Magistério Pontifício contra a admissão dos candidatos homossexuais aos Seminários e às Ordens Sacras. Essa remissão gera quase sempre um impasse, principalmente quando sabemos que a lei afirma uma coisa e a prática pastoral tem sido outra. O empecilho maior aparece quando, ao não compreender a liberdade última de Deus que chama a quem ele quer, prefere-se rotular, dificultar ou impedir o acesso de pessoas homossexuais sérias ao acompanhamento vocacional

Uma mudança de mentalidade com a proposta de uma avaliação mais precisa das vocações homossexuais é necessária no contexto atual. A ênfase anterior dada aos comportamentos e aos atos homossexuais na Igreja Católica deve ceder espaço à singularidade de cada jovem homossexual que se sente chamado aos Seminários, às casas de formação e aos diversos Institutos da Vida Religiosa Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, bem como às Novas Comunidades.

O ponto central dessa avaliação deve migrar da pura análise geral comportamental, baseada em estereótipos, para o ser humano que é capaz de uma escolha num contexto de fé. A solidez humano-afetiva e a densidade espiritual da pessoa devem ser consideradas. Em vista de um projeto de vida vocacional, um discernimento conjunto consegue identificar um verdadeiro propósito de quem anseia pela entrega de si a uma causa maior. Assim se descobrem limites, geram-se possibilidades e ajuda-se a integrar na liberdade.

As lacunas do posicionamento oficial do Magistério Pontifício dão a entender, de modo geral, que às pessoas homossexuais são sempre associados os pontos críticos da homossexualidade, como se não houvesse essa fragilidade na orientação heterossexual. Por exemplo, um homem heterossexual tóxico é incapaz de assumir o caráter da paternidade espiritual, tampouco de estabelecer uma reta relação com homens e com mulheres.

O vocacionado homossexual deve ser reconhecido no seu lugar de pertença ao corpo de Cristo, ou seja, à Igreja. Como pessoa livre, mentalmente saudável, dotada de autonomia, de projetos de vida e de equilíbrio existencial é alguém capaz de escolhas. Nos contextos hodiernos, os homossexuais já são reconhecidos dessa forma. Por que não os reconhecer legitimamente nos ambientes eclesiais e nos espaços de fé? Não dar a oportunidade do discernimento vocacional às pessoas homossexuais, não permitir que exerçam suas funções específicas como partes do Corpo de Cristo, é reduzi-las a membros desnecessários no conjunto da Igreja.

Não há como ocultar que vocacionados e clérigos homossexuais sempre estiveram nas fileiras eclesiais e que um percentual significativo de vocacionados se consideram homossexuais ou já tiveram experiências homossexuais. Necessita-se de uma abordagem por parte dos animadores vocacionais e dos formadores para conhecê-los de perto, a modo de Jesus Cristo, que cativa, chama, acolhe, forma e integra.

No processo de discernimento, pode-se descobrir se uma vocação específica é inexistente ou se se trata de uma vocação inconsistente. No caso de uma vocação inexistente, o próprio processo de acompanhamento, quando bem conduzido, dá conta de fazer com que o vocacionado mude sua direção. No caso de uma vocação inconsistente, por meio da disposição pessoal do enfrentamento das próprias inconsistências, a pessoa pode ser conduzida à consistência vocacional pelas mediações do acompanhamento.

Fundamentalmente, como já se disse, é Deus quem chama, chama a quem e de onde ele quer. Se o vocacionado homossexual apresenta as condições básicas para iniciar um processo de acompanhamento, não há por que negá-lo. A índole de mistério da questão vocacional, bem como a sua imprevisibilidade, reforça a incapacidade humana de captar a engenhosidade da vontade divina que chama até os preteridos das periferias existenciais.

Deus chama a todos, não existe criatura não chamada; o que ou quem não é chamado simplesmente não existe. E seu chamado é imprevisível e misterioso. Sempre para além de nossas lógicas e muito mais à frente de nossas expectativas humanas, não identificável com as capacidades do sujeito, a ponto de determinar uma compreensível rejeição inicial da hipótese vocacional ou sua desconsideração. Por tal razão, é tão necessário ler com respeito e senso do mistério o chamado de cada um (e não se admirar da primeira rejeição e ... não desistir)⁷⁷.

A realidade da questão vocacional em relação aos candidatos homossexuais é ainda um entrave na reflexão católica, percebe-se claramente uma tensão entre o discurso do Magistério Pontifício e a presença factual dos homossexuais nos ambientes formativos e no clero. Uma discussão polarizada sobre o assunto gera algo que é incompatível com a centralidade do anúncio de Cristo, que é o Reino. Extremar a discussão cria *lobbies*, divisões entre perseguidores e perseguidos ou algozes e vítimas. Não se trata disso! Não se pode trabalhar com “dois times”, o dos hétero e o dos homossexuais.

O sentido último da comunidade fraterna precisa ser recuperado por meio da gestão de comunidades que nunca são uniformes, numa conformação que se dá justamente na e pela

⁷⁷ CENCINI, 2013, p. 35.

diferença dos membros que abraçam um estilo de vida comum no seguimento de Jesus Cristo, a partir das suas singularidades pessoais.

A necessidade de um ponto de equilíbrio em vista da questão homossexual confronta o aparato formativo da Igreja Católica, rumo a uma melhor preparação dos seus animadores vocacionais e dos seus formadores, a fim de que sejam pessoas bem integradas e capazes de gerar ambientes saudáveis para o acompanhamento vocacional. Que saibam acompanhar a partir da diferença dos candidatos, conhecendo-os, levando-os à seriedade da opção por uma vida casta e celibatária. Dessa forma, como romper com um esquema formativo e de acompanhamento vocacional majoritariamente centrado no recrutamento e na execução das leis, para dinamizar ambientes mais humanos e humanizadores nos processos de discernimento vocacional?

Por meio dessa pergunta adentraremos, no próximo capítulo, o tema do acompanhamento vocacional de pessoas homossexuais, dando-lhe um trato propositivo na expectativa da formação de homens consagrados e de pastores segundo a vontade do Senhor.

5 O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL DOS CANDIDATOS HOMOSSEXUAIS

Neste último capítulo, o acompanhamento vocacional dos candidatos homossexuais prepondera como fonte de questionamento dos sistemas de acompanhamento e de formação na Igreja Católica. Em relação à presença dos candidatos homossexuais, nos acompanhamentos para a admissão aos seminários e às casas de formação, ou já dentro deles, identificamos inicialmente duas questões a serem aprofundadas: em primeiro lugar, a lacuna institucional associada à negação das suas presenças nesses ambientes, mesmo quando se sabe que já estão presentes. Em segundo lugar, o despreparo dos acompanhantes e dos formadores para lidar com os homossexuais em formação. A respeito disso, há um fato que, habitualmente, alguns formadores, por inaptidão, delegam o acompanhamento dos homossexuais a psicólogos, psicanalistas ou psiquiatras, isentando-se de acompanhá-los no desenvolvimento da sua dimensão humano-afetiva e sexual.

Tais questões abrem a possibilidade de se repensar as modalidades de acompanhamentos vocacionais dos candidatos homossexuais, de modo a torná-los mais sérios e mais transparentes, visando uma maior coerência institucional perante uma realidade que já não encontra espaço na negação. Como já se afirmou nessa pesquisa, há homossexuais nos seminários, na vida consagrada e no clero. Esse tema requer, cada vez, mais um aprofundamento científico, pois, por se tratar de questão que envolve pessoas, as compreensões rasas a respeito do assunto não bastam por si mesmas. A “terceirização” da dimensão humano-afetiva nos seminários, quando temas como esses não são tratados pelos responsáveis da formação, mas, são delegados a outros ambientes de análise ou clínicos, atesta a falta de conhecimento dos que deveriam ser os primeiros a ter a competência de interconectar o tema aos seus ofícios.

No momento atual, repensar a questão dos acompanhamentos dos vocacionados homossexuais incita à desconstrução de sistemas que, historicamente, não foram construídos para tal tarefa. Os mecanismos próprios de educação e de formação das sociedades civis têm sido, no passar dos tempos, direcionados a formar e a educar pessoas heterossexuais. A Igreja, como parte dessas sociedades, não só reproduz esses mecanismos, como é uma das primeiras instituições a fundamentá-los.

O padrão ordinário de vida das sociedades civis se baseia na heteronormatividade que é o meio regulador dos comportamentos e da própria experiência relacional nos círculos sociais. Logo, entende-se que mesmo a pessoa homossexual é, primordialmente, formada desde o seio familiar, sob os exemplos da heteronorma, visto que a heterossexualidade é, majoritariamente,

compreendida como o único modelo de ser homem (macho) e de ser mulher (fêmea), como seres sociais.

Ao propor a reconfiguração dos processos de acompanhamento vocacional e formativos, não se pretende, de nenhum modo, suplantar o que já se tem feito de positivo nesse sentido. Partindo do princípio de que Deus, livremente, chama a quem quer, a pessoa homossexual, também, é vocacionada para viver o discipulado, caso contrário, a legitimidade da liberdade divina estaria sendo contestada. Consequentemente, há de se propor espaços que atendam as demandas próprias da pessoa homossexual chamada à vida casta celibatária: espaços físicos e projetos concretos de formação e de acompanhamentos, em comunidades formativas indivisas, que possibilitem o seu progressivo desenvolvimento humano em vista da assunção responsável do seu chamado pessoal.

A proposta deste capítulo é, em *primeiro lugar*, pensar a questão dos ambientes saudáveis para o acompanhamento vocacional, desde a pastoral vocacional até o fim da formação inicial. Não se trata de apresentar um plano de conteúdos e de metodologias formais para o processo formativo, mas, de sugerir um tempo que possibilite ao vocacionado se autocompreender como pessoa sexual, a partir de um profundo encontro com Jesus Cristo, rumo à sua configuração pessoal com ele.

Segundo, demarcaremos a singularidade do acompanhamento dos vocacionados homossexuais, dado nos mesmos ambientes dos vocacionados heterossexuais, propondo que o plano de acompanhamento/formativo pode ser comum, porém não se deve ignorar as nuances de diferença que existem no dinamismo das duas orientações. O heterossexual nasce e cresce numa sociedade heterossexual, já o homossexual nasce e é criado como heterossexual, até que se descubra homossexual. O acompanhamento vocacional deve levá-lo à verdade de si mesmo.

Terceiro, um acompanhamento vocacional e um processo de formação realmente efetivos são aqueles que não possibilitam o escondimento. A pessoa que se dá a conhecer e que se permite ser acompanhada é capaz de fecundidade na Vida Consagrada ou no ministério ordenado. Os formadores e os orientadores são os responsáveis por uma maiêutica que leve os vocacionados, como principais interlocutores do processo formativo, a chegarem à verdade de si mesmos e de se darem a conhecer, num processo de proximidade e de companhia fraternos.

Quarto, finalmente, refletiremos sobre a castidade e o celibato na formação inicial. A sexualidade humana tende a ser bem trabalhada quando experimentada e aceita como dom de Deus direcionado a projetos maiores. Disso depende o êxito da vida casta celibatária, não de cumprimentos de normas, mas, de convicções de vida e de fé.

5.1 Sexualidade e formação: ambientes saudáveis para o acompanhamento vocacional

Não existe um esquema pré-moldado para o acompanhamento vocacional, nem uma fórmula que garanta o êxito do caminho de discernimento, ao longo da formação inicial. As comunidades formativas são dinâmicas e estão sempre se renovando, ou com a chegada de novos membros ou pela saída de outros. Com as chegadas e as partidas, se criam esquemas configuradores de novas relações e afinidades num determinado grupo. As comunidades formativas são sempre renováveis. A isso, mais que a transitoriedade dos formandos, soma-se a constante troca de formadores, como um fator que pode dificultar a progressividade do acompanhamento de questões pontuais mais sérias na vida dos formandos.

A excelência da formação será sempre um ideal, um horizonte a ser perseguido, porém, como afirma, Vitório ao sugerir a formação como um momento de transfiguração pessoal, com o auxílio da comunidade formativa e dos formadores,

evidentemente, por se lidar com liberdades, embora havendo a preocupação de fazer o melhor e com a máxima seriedade, será preciso contar com o imponderável das surpresas com atitudes indevidas de formandos e de formadores. Todavia, isso não poderá servir de alibi para se levar a formação, de modo especial, a formação inicial sem a devida seriedade. Será preciso confiá-la a pessoas bem experientes e dispostas a abraçar esta missão [...]¹.

A formação inicial é um momento essencial na vida dos vocacionados. Nessa etapa, se começa a cultivar e a afiançar as motivações vocacionais mais profundas dos chamados, ajudando-os a extirpar elementos que desestabilizam a caminhada de discernimento pessoal. Na formação inicial, se dão os primeiros passos rumo à transfiguração pessoal, objetivando superar as próprias inconsistências humanas.

Por se tratar de um tempo fundamental para os vocacionados, torna-se imprescindível a escolha de formadores capacitados para a missão de formar. A “matéria-prima” do trabalho dos formadores é o elemento humano. Dessa forma, o amadorismo na formação pode afetar a vida de uma pessoa, deixando para a posteridade egressos dos seminários, consagrados ou ministros ordenados com traumas e feridas profundas. A missão de formar requer capacidades intelectuais e técnicas permeadas de um grande sentido de humanidade, pois, a vida do candidato, ao sobrevir como convite à relação entre formador e formando, é solo sagrado.

¹ VITÓRIO, Jaldemir. Formar-se é transfigurar-se. *Convergência*, Brasília, v. 52, n. 506, p. 47, mai. 2017. ISSN: 0010-8162.

A saudável relação entre formandos e formadores, a coesão sadia entre o corpo de formadores e a relação salutar entre formandos e formandos são componentes indispensáveis na formação inicial, por se tratar de uma etapa totalmente emoldurada por relações interpessoais.

As relações humanas ocupam um lugar complexo na formação inicial. São relações entre alteridades culturalmente diferentes, nas suas mais diversas expressões; conformam um amálgama de distintas experiências religiosas e espirituais, ainda que todos sejam católicos; muitas vezes, a disparidade de idades destoa enormemente dentro de uma mesma comunidade formativa. Entre outros elementos, está a diversidade das experiências sexuais e da sexualidade que os candidatos tiveram previamente às suas entradas aos seminários. Se não há um corpo formativo capacitado para trabalhar essas questões, a formação não será capaz de atingir os seus objetivos.

É sabido que todas as relações humanas (interpessoais, familiares, comunitárias, políticas, sociais e pastorais) são afetadas pela dinâmica afetivo-sexual. E essa realidade da sexualidade em diversas dimensões (amizade, pulsões, desejos, vínculos etc.) nos escapa e, por isso, é preciso renunciar a querer controlá-la. Ocorre uma verdadeira osmose entre a sexualidade e a existência humana. É impossível compreender o modo como uma pessoa vive sua vida sem entender o poder de influência da sexualidade na sua personalidade².

A formação inicial não é um instrumento de controle nas mãos da Igreja. É, justamente, o oposto. É o tempo de educar na e para a liberdade. Isso também perpassa a questão afetivossexual, ainda abordada de modo duvidoso na formação, ao contrário das outras dimensões que são mais acentuadas, talvez por medo, por dificuldade de se tratar do assunto ou pelo despreparo de formadores que, às vezes, não sabem lidar com sua própria sexualidade.

Atualmente, um dado observado no cenário formativo é que os vocacionados procuram o acompanhamento vocacional ou entram para os seminários com uma idade mais avançada, tendo, inclusive, concluído algum curso universitário. Isso denota que, no campo da afetividade e da sexualidade, os vocacionados de hoje quase não se enquadram no aspecto virginal dos jovens púberes que entravam para os seminários antigamente. Por assim ser, os seminários e as casas de formação conformam lugares aos quais os vocacionados chegam com uma carga de vivências afetivo-sexuais, até mesmo de cunho relacional-genital, impressas no histórico das suas experiências. Por isso, não há como manter as modalidades de formação que se tinha no passado.

² MATTOS, 2019, p. 153.

A situação atual dos vocacionados carece de novas metodologias e estratégias, na perspectiva das abordagens das novas questões que trazem consigo, principalmente as que são relacionadas à dimensão afetivossexual. Num mundo hipersexualizado como o nosso, é uma grande ilusão pensar que os candidatos que se apresentam aos serviços de animação vocacional ou que entram para os seminários e casas de formação não tenham tido experiências de cunho afetivo-sexual ou puramente genitais: namoros, toques, beijos, intercurso sexual, pornografia *online*, aplicativos de encontros, dentre tantas outras facetas do sexo, fácil e gratuitamente oferecidas na hodiernidade. “Essas realidades favorecem experiências de ambiguidade e clandestinidade, personalização e despersonalização, socialização e fechamento”³.

As experiências pessoais da sexualidade, na vida dos vocacionados e dos seminaristas, são fatos que exigem uma abordagem específica para cada caso. As intervenções que visam efeitos consistentes na vida dos sujeitos da formação, mais que o simples efeito de controle e disciplina⁴, cabem aos formadores idôneos e afetivamente equilibrados.

O aspecto das vivências dos candidatos, na área da sexualidade, não deve ser tomado em conta como matéria de julgamento, pois, não se define ou se resume alguém a uma narrativa da sexualidade. A partir dessas narrativas, se pode construir um alicerce que, por meio do diálogo, possibilite um caminho progressivo, permitindo ao sujeito da formação assumir uma vida psíquica, afetiva, sexual, espiritual e corporalmente equilibrada em vista das decisões futuras.

O tesouro da sexualidade, da mesma maneira que outros dons recebidos de Deus, é sempre carregado em vasos de barro. [...] Um ligado à fragilidade e ao caráter contraditório do desejo humano que para o cristão tem a ver com o pecado e a lei. Não conseguimos viver em plenitude a liberdade de filhos de Deus. O outro, ligado ao contexto hipersexualizado da cultura em que vivemos. São limites reais e, ao mesmo tempo, desafios que condicionam muito a nossa capacidade de crescer como seres insaciavelmente afetivos, em cujo coração reside o desejo de uma comunhão definitiva e pessoal com Deus e com o próximo, segundo o sentido mais profundo do Evangelho de Jesus [...]⁵.

Os consagrados e os ministros ordenados, afetiva e sexualmente saudáveis, que a Igreja almeja, são personalidades que se desenvolvem a partir de ambientes propícios, isto é,

³ MATTOS, 2019, p. 152.

⁴ MATTOS, Luiz Augusto de. Abuso sexual e processo formativo: por uma formação integradora e humanizadora. In: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Igreja e escândalos sexuais*: por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019, p. 69.

⁵ VALLE, Edênio. Sexualidade humana e religiosidade: aproximação psicológica. In: VALLE, Edênio (Org.). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos*: visão psicoterapêutica e pedagógica. São Paulo: Loyola, 2011, p. 58-59.

ambientes nos quais não se deem a recriação das experiências negativas da sexualidade e onde, tampouco, a sexualidade figure sob o exercício da repressão.

Nesse sentido, é importante entender que o resultado produzido, por exemplo, no campo afetivo-sexual condiz com a experiência que cada ator faz de si e da instituição subjetivadora; e ainda, no processo formativo, ocorrem, no plano microestrutural (formador *vs.* formando; formando *vs.* formando; formador *vs.* formador) relações instituintes, institucionalizadoras, que serão responsáveis pela dinâmica formativa. E cada formando e formador traz consigo seu histórico de vida, sua identidade afetivo-sexual, seus valores e seus transtornos psíquicos, que são permanentemente “recriados” no seio das instituições⁶.

Quanto mais houver abertura e diálogos não inquisidores sobre a sexualidade, entre formandos e formadores, mais se propiciará o autoconhecimento à luz do chamado vocacional, compreendendo que

renunciar é, assim, criar condições para poder escolher e usufruir. [...] uma pessoa pode amadurecer ao se perceber como alguém em condições de vivenciar sua sexualidade em conexão com sua experiência religiosa pessoal. A condição para a renúncia sublimadora são a liberdade e o amor, elegidos mediante a reorientação de desejos e pulsões para objetos que permitem à pessoa crescer e relacionar-se altruisticamente com o que a transcende⁷.

A história pessoal dos vocacionados faz parte do processo de discernimento vocacional. “Cada seminarista [...] é o protagonista da própria formação e é chamado a um caminho de constante crescimento no âmbito humano, espiritual, intelectual e pastoral, levando em consideração a própria história pessoal e familiar” (RFIS, n. 130). É prudente e saudável que essa história, que não deixa de ser a história de uma pessoa sexual, seja lida propositivamente com possibilidades de abertura, alternativas e de crescimento, possibilitando aos candidatos a experiência da liberdade, distanciando-se cada vez mais da duplicidade de vida e da clandestinidade que se pode dar no contexto formativo.

O chamado de Deus se dá na história concreta da pessoa encarnada. Esse chamado poderá ser vivido mais plenamente, em vias de integração pessoal, quando a formação, como acena Mattos, dedicar-se a *acolher* generosamente, numa vivência e convivência a partir das diferenças; *escutar* atentamente, com o coração, na cordialidade; *ver* a partir do que a pessoa é e não dos conceitos e pré-conceitos; *dialogar* francamente, na reciprocidade e no intercâmbio, *cultivar* a fidelidade, na atenção que se dá ao outro e, por fim, *viver a dimensão do cuidado* com o outro, uma vez que essa é uma parte essencial do processo de integração⁸.

⁶ MATTOS, 2019, p. 69.

⁷ VALLE, 2011, p. 63.

⁸ MATTOS, 2019, p. 160-161.

O Documento de Aparecida (DAp, n. 278)⁹, ao apresentar o processo de formação dos discípulos missionários, sugere um caminho que pode ser aplicado aos ambientes formativos, de modo a colaborar para que os Seminários e as casas de formação sejam os ambientes que:

1. Possibilitem o *encontro do vocacionado com Jesus*, para que descubra o sentido da busca. Neste encontro, a centralidade é o *kerigma*, sem o qual todos os aspectos da formação e do acompanhamento vocacional estão fadados à esterilidade e à falta de conversão verdadeira ao Senhor.
2. Possibilitem a *conversão*, como resposta de quem escuta o Senhor, identificando-se realmente com ele ao ponto de mudar sua forma de sentir, de viver e de agir.
3. Possibilitem o *discipulado*, como movimento de perseverança na vida cristã e na missão de Jesus Cristo em meio ao mundo.
4. Possibilitem a *comunhão*, que deve se dar a partir da vida comunitária, a exemplo dos primeiros cristãos, descobrindo na própria vocação as suas nuances de altruísmo e alteridade, ou seja, ser-com-os-outros a partir da vida fraterna.
5. Possibilitem a *missão*, na alegria de se sentir e de ser enviado ao mundo para anunciar Jesus Cristo. Missão e discipulado são inseparáveis. No discipulado se prepara para a missão, como parte posterior da formação, que exige maturidade humana e cristã.

Um ambiente formativo saudável para o acompanhamento vocacional é o que proporciona o encontro com Jesus, a conversão, o discipulado, a comunhão e, finalmente, a missão. Esse ambiente é comum a todos os formandos no tocante ao plano geral do discernimento e do seguimento de Jesus Cristo, como discípulos, como vocacionados em processos de desconstrução e reconstrução. Mas, em relação estrita aos vocacionados homossexuais, o ambiente formativo pode ser o mesmo que o dos heterossexuais, em termos de projetos de acompanhamento e de formação?

5.2 A singularidade do acompanhamento dos vocacionados homossexuais nos ambientes comuns de formação

A Igreja Católica tem pedagogia própria de acompanhar os seus candidatos à Vida Consagrada e ao clero. Trata-se de delineamentos próprios, baseados em normas pré-estabelecidas pelo Magistério Pontifício, para a seleção dos vocacionados que julga aptos a

⁹ O processo de formação dos discípulos missionários, abordado neste tópico, consta de cinco passos que se encontram em DAp, n. 278.

serem admitidos na formação inicial. Cada Congregação, Instituto ou Diocese se baseia com fidelidade na regulamentação geral da Igreja Católica para construir a sua própria *Ratio Formationis*, elaborada segundo aquilo que lhe é específico, o seu carisma e a sua índole institucional.

Todo esforço é feito, teoricamente, em vista da admissão de vocacionados heterossexuais. Sabe-se que hoje, na mescla da entrada dos jovens nos seminários ou nas casas de formação, há um número expressivo de homossexuais. O tema quase nunca é abordado e não se conta com um plano que contemple a admissão de vocacionados homossexuais. Isso faz com que o acompanhamento vocacional e a formação, de modo uniforme, não observem a realidade de todos, principalmente a realidade dos vocacionados homossexuais, pois,

a identidade homossexual não corresponde a nenhuma experiência prévia. A pessoa negra sempre foi negra e faz parte de uma cultura negra; o *chicano*¹⁰ sempre foi *chicano* e o judeu, judeu. Contam com um passado familiar e social que lhes ensina o que significa pertencer a uma minoria e quais são as regras do jogo. Por outro lado, o homossexual que se assume como tal não tem modelos, nem experiência, nem aprendizagem prévias: não conhece as regras do jogo. De repente, descobre que entrou em um país desconhecido no qual, contudo, terá que viver sem mapas e nem indicações¹¹.

O fato de a homossexualidade não ser uma construção, mas tratar-se de uma descoberta, cria realmente uma dificuldade no ambiente formativo. Nisso, constata-se uma desvantagem para os vocacionados homossexuais diante da presença dos vocacionados heterossexuais. Quando o título desse tópico utiliza o termo singularidade em relação à presença dos vocacionados homossexuais nos seminários e nas casas de formação, não pretende sublinhar uma diferença relacionada à humanidade subjacente de igual modo a todos os vocacionados. Entretanto, ressalta uma diferença no dinamismo existencial dos homossexuais e dos heterossexuais.

Os heterossexuais nasceram em culturas heterossexuais e assim foram criados, assim foram educados para serem heterossexuais. O seu reconhecimento social e cultural, desde cedo, vem da sua orientação sexual. Eles crescem sendo aquilo que são, desenvolvem-se dentro do que é normalmente aceito pela sociedade.

No caso de um jovem heterossexual, este desenvolvimento (ainda que não seja fácil nem automático) é promovido de muitas maneiras pela sociedade em que vive. A escola, as atividades extracurriculares, as festas, a cultura que o rodeia e sua própria família o impulsionam a desenvolver as habilidades necessárias para a vida adulta e a acumular as experiências que se requerem. Não faltam as oportunidades e nem os

¹⁰ *Chicano*: descendente de mexicanos nascido nos Estados Unidos da América.

¹¹ CASTAÑEDA, 2011, p. 44.

exemplos para seguir, nem as aprendizagens, nem as amizades com quem partilhar essa etapa crucial¹².

A desvantagem vivida pelos homossexuais está justamente na contramão do que a sociedade espera como normal. O seu processo de desenvolvimento ou de amadurecimento afetivo-sexual se dá em outro viés. As pessoas homossexuais são criadas como heterossexuais, em ambientes heterossexuais, com referências heterossexuais, mas não são heterossexuais. A descoberta de si como homossexuais quase nunca se dá de modo tranquilo, a começar pelo fato de assumirem para si mesmas um componente da sua existência que a sociedade rejeita. Nesse processo de descoberta e de reconhecimento, o jovem homossexual

intui [...] que não deve contar aos demais nada disso; desde muito cedo se dá conta que seus desejos e sentimentos não são socialmente aceitáveis. Começa a se sentir só e incompreendido. O mais provável é que também sinta vergonha e isso, ao longo do tempo, desemboca em uma baixa autoestima. O jovem tende a se retrair cada vez mais, deixa de participar em atividades sociais com seus companheiros e se acostuma a ocultar os seus desejos e sentimentos. Também, certamente, distancia-se de sua família; comunica menos, diz menos que os adolescentes heterossexuais¹³.

Pelo dado dessa diferença nos processos de desenvolvimento afetivo-sexual, percebe-se que, da família à sociedade, a pessoa homossexual aprende a se silenciar sobre a sua situação. A mesma coisa acontece, e não raramente, nos processos de acompanhamento vocacional. Acostumados a ter que viver como heterossexuais, alguns vocacionados homossexuais se aproximam da pastoral vocacional, conscientes do seu chamado, porém, ocultando uma parte fundamental das suas vidas. Assim vivem, do processo inicial de acompanhamento vocacional e no decorrer da formação inicial, com uma parte de si no escuro. Não porque não sejam sinceros, mas por medo da falta de abertura para serem ajudados; por medo do rechaço e, na maioria dos casos, da exclusão.

Uma questão preocupante é sustentar que os vocacionados homossexuais são poucos, que não estão presentes ou que sequer existem vocacionados e seminaristas homossexuais, nos seminários católicos e na Vida Consagrada, sem dar atenção à necessidade de uma reforma nos processos formativos e na condução dos processos de acompanhamento vocacional, segundo as necessidades do grupo.

Seminaristas homo e heterossexuais [...] têm diferentes necessidades de formação, conforme avançam por seus anos de preparação no seminário. Os seminaristas

¹² CASTAÑEDA, 2011, p. 78.

¹³ CASTAÑEDA, 2011, p. 78-79.

homossexuais enfrentam desafios específicos, claro, suas preocupações, necessidades e ansiedades merecem a atenção específica do corpo docente de formação¹⁴.

Os vocacionados homossexuais, por meio da sua “*diferença*”, sinalizam, no contexto hodierno, que é preciso reconsiderar sua singularidade no processo formativo. Somente assim os formadores se darão conta de que quanto mais livres e autônomos forem os vocacionados e os seminaristas, poderão formar homens íntegros, em comunidades que se pautem por um sentido de coesão no caminho, como amigos, como irmãos que se cuidam. Trata-se de um ambiente de acompanhamento no qual o essencial não lhe é retirado, mas a uniformidade abre espaço para o reconhecimento do plural.

O acompanhamento vocacional e a formação são frutuosos quando verdadeiramente personalizados. Na base da formação cristã se destaca o tema da acolhida, acolhida sem muros, recíproca, hospitaleira, que possibilita a caminhada dos que já estão e promove a chegada dos novos num caminho de vida.

A comunidade cristã assume-se como inclusiva, reunindo gente das mais diversas procedências étnicas e culturais e preconizando um novo tipo de relações sociais. Pela hospitalidade, a comunidade torna-se não apenas acolhedora, mas também fonte de consolação e cura. Aliás, a cura pressupõe e exige o acolhimento como atitude prévia. Só nestes registros ela continuará a ser verdadeira comunidade cristã. É no seu seio, em atitude de hospitalidade, que se constrói a identidade cristã e é no regresso a ela que a identidade ferida se refaz¹⁵.

Os candidatos homossexuais tendem a chegar feridos nos processos de acompanhamento vocacional e nas casas de formação. Isso mostra que o acolhimento, como atitude prévia, é o meio pelo qual se permite que a pessoa seja quem ela realmente é, visto que “suas necessidades espirituais e emocionais requerem aconselhamento e orientação sensatos por parte de seu orientador espiritual e do corpo docente do seminário”¹⁶. A falta de abertura e de acolhida mascara situações que podem ser dialogadas, orientadas e trabalhadas. O ambiente de acompanhamento se torna insatisfatório, incapaz de gerar processos de cura das feridas previamente adquiridas e de amadurecimento humano.

Cada indivíduo tem uma tendência para se integrar e amadurecer, mas isto dependerá profundamente das provisões ambientais. Amadurecer significa unificar-se e

¹⁴ COZZENS, 2001, p. 134.

¹⁵ CORREIA, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã: uma leitura de Lc 24,13-35 em chave narrativa*. Lisboa: Universidade Católica, 2014, p. 118.

¹⁶ COZZENS, 2001, p. 134.

constituir um eu, e chegar a uma autonomia relativa, adaptar-se ao mundo, sem perder a espontaneidade natural¹⁷.

Tendo em vista as possibilidades de amadurecimento e de integração que os vocacionados trazem consigo, os processos de acompanhamento vocacional e toda a sistematização da formação se deve pautar na singularidade de cada indivíduo que chega. Partindo de um projeto comum, cada ser humano é único, com suas demandas, limites e possibilidades. Portanto, personalizar metodologicamente a formação colabora para que pessoas livres e autônomas se realizem vocacionalmente sem causar perdas e danos à evangelização e ao povo de Deus.

No caso dos vocacionados homossexuais, suas histórias são narrativas das suas próprias vulnerabilidades que, dentro de um processo mistagógico, só podem ser ressignificadas com a ajuda de formadores preparados. “É missão de cada formador, cada qual agindo no nível que lhe compete, ajudar o seminarista a tomar conhecimento da sua orientação, dos talentos recebidos, bem como das próprias fragilidades, tornando-se cada vez mais disponível à ação da graça” (RFIS, n. 46). Esse preparo supõe mais que o cumprimento dos planos formativos, pois

durante o processo formativo, requer-se que o seminarista se conheça a si mesmo e se deixe conhecer, relacionando-se de modo sincero e transparente com os seus formadores. O propósito do acompanhamento pessoal é aquele de levar a cabo o discernimento vocacional e formar o discípulo missionário (RFIS, n. 44).

Os formadores são os responsáveis por criar ambientes formativos marcados por relações de confiança com os seus formandos. Se há relações de confiança, as questões de ordem mais sérias e mais profundas podem ser mais bem trabalhadas por meio do diálogo e do acompanhamento sincero. No caso da homossexualidade, muitas vezes os candidatos se sentem inseguros para expressar suas crises e seus dramas vitais, por medo da repressão ou mesmo da demissão. Uma formação fechada impede que o candidato chegue à verdade de si mesmo e se permita lapidar devidamente. A experiência da confiança é benéfica para a Igreja e para o vocacionado, que, por meio dela, poderá crescer mais e humanamente. Segundo Trasferetti, com relação à confiança, à cordialidade e a cumplicidade¹⁸,

¹⁷ OLIVEIRA, Daniella Machado de. *Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação*. Orientador: Leopoldo Fulgencio. 2009. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - PUC Campinas, 2009, p. 45. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2009-03-23T073730Z-1482/Publico/Daniella%20Machado%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹⁸ Ressaltamos a palavra *cumplicidade* no seu sentido positivo, como um dos componentes fundamentais para uma relação de afinidade, fraternidade ou de amizade, sugerindo a experiência de confiança.

nem sempre esse clima é conseguido por ambas as partes, uma vez que os formadores podem se utilizar da abertura do candidato e agir contra ele. Por medo das represálias, uma vez que são a parte mais fraca ou estão em situação de inferioridade nas relações de poder na vida do seminário e também na vida acadêmica, os seminaristas são falsos, mentem, fingem, dissimulam, mascaram a sua verdadeira identidade e o que de fato pensam¹⁹.

Amplamente, a desconfiança se dá de modo geral por parte dos seminaristas héteros e homossexuais por vários motivos. No caso específico dos candidatos homossexuais, o problema de fundo é a sua própria orientação sexual não favorecida por normas que, de antemão, já os rechaçam. Os vocacionados homossexuais, na maioria das vezes, dissimulam sua verdadeira identidade por medo. Isso nos coloca diante de um problema. A formação dos candidatos homossexuais quase nunca acontece de modo saudável. De um lado há silêncio do corpo formativo em relação aos candidatos constitutivamente homossexuais. Do outro lado, há risco de perseguição, caso revelem sua real orientação sexual. Dessa forma, o acompanhamento vocacional e a formação se tornam insuficientes diante de sujeitos invisibilizados pelo processo formativo ou que, também por ele, tendam a ocultar dados profundos e importantes da sua real orientação afetivossexual.

Não se trata de pensar casas de formação ou seminários para dois clãs, de héteros e de homossexuais, mas pensar que não se formem uma massa homogênea, ainda que as comunidades sejam compostas por um só tipo de orientação sexual. A diferença é uma característica, antes de tudo, humana e pessoal. A ela se deve dar atenção! Haverá sempre espaço para as particularidades. Consequentemente, só uma formação competente é capaz de formar discípulos que se irmanam a partir da diferença, mantendo um elã, um sentido de comunidade que se encaminha para um mesmo objetivo. Formar pessoas homossexuais não é um serviço a mais, desde que se compreenda a formação e o acompanhamento vocacional não como um serviço de massa, mas, pelo contrário, um serviço que forma subjetividades concretas dentro de um único propósito de serviço e de evangelização.

5.3 Acompanhar a partir da hospitalidade: a necessidade de conhecer

A meta da vida cristã, a exemplo do que fez o próprio Jesus nos Evangelhos, é trazer para o centro aqueles que sofrem algum tipo de exclusão, construindo a vivência de um amor-ágape que inclua e integre essas pessoas no seio das comunidades. Em relação aos vocacionados

¹⁹ TRASFERETTI, José Antônio. O papel dos formadores na formação: para além da mera formalidade e aparência. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). Formação: desafios morais 2. São Paulo: Paulus, 2020, p. 143.

homossexuais, o sentido da inclusão está em rejeitar, nos ambientes de formação e de acompanhamento, uma mentalidade de recrutamento que produz bodes expiatórios.

Enquanto não formos capazes de aceitar o homossexual como pessoa, toda tentativa de oferecer uma ajuda revela-se falsa e mentirosa. Por isso, é necessária uma depuração prévia de tantos preconceitos conscientes e inconscientes que dificultam essa relação²⁰.

Jesus de Nazaré soube acolher, de modo preferencial e como lugar de destino da sua missão, aquelas pessoas excluídas do seu tempo. Os vocacionados homossexuais, clandestinamente presentes nos seminários, marcados pela exclusão, solicitam acolhimento sincero.

Nos processos de chamamento feitos por Jesus, apresentados nos Evangelhos, sejam diretos ou indiretos, aqueles e aquelas que são chamados por ele devem se deixar cativar por sua pessoa. A acolhida de Jesus não é acusadora. Ela desestabiliza, questiona e propõe uma novidade de vida. Em Jesus acolhedor, a pessoa chamada se redescobre, encontra sua real identidade e se coloca no caminho.

Eloy e Silva, em seu artigo “*Vês esta mulher?*”²¹, parte de Lucas 7,36-50 na busca de um ponto de vista misericordioso. Tomamos alguns aspectos do seu estudo para destacar aqui a figura da mulher pecadora, em paralelo ao vocacionado homossexual e à pessoa de Jesus, num horizonte de acolhida.

³⁶Um fariseu convidou Jesus para a refeição. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa.³⁷Havia na cidade uma mulher, que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, ela trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume.³⁸Postou-se atrás, aos pés de Jesus, chorando, começou a lavá-los com suas lágrimas. Depois, enxugava-os com seus cabelos, beijava-os e os ungia com perfume.³⁹Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado falou consigo mesmo: “Se esse homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca: é uma pecadora!”⁴⁰Então Jesus lhe dirigiu a palavra: “Simão, tenho algo para te dizer”. Ele respondeu: “Fala Mestre”.⁴¹“Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta.⁴²Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dele o amará mais?”⁴³Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”.⁴⁴Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me oferecete água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos.⁴⁵Não me deste o beijo; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar os meus pés.⁴⁶Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume.⁴⁷Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem pouco se perdoa, pouco ama”.⁴⁸Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados”.⁴⁹Os convidados

²⁰ AZPITARTE, 1991, p. 86.

²¹ Conferir ELOY E SILVA, Luís Henrique. “Vês esta mulher?” Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc 7,36-50. In: FERREIRA, Antônio Luiz Catelan (Org.). *Redescobrir a Misericórdia: reflexões interdisciplinares sobre a Misericordiae Vultus*. Brasília: CNBB, 2016, p. 17-40.

começaram a comentar entre si: “Quem é esse que até perdoa pecados?”⁵⁰ E Jesus disse à mulher: “Tua fé te salvou. Vai em paz!” (Lc 7,36-50).

Segundo Eloy e Silva, a mulher, nessa narrativa bíblica, é inominada. Vista como pecadora, marginalizada, entra e sai de cena em silêncio, chegando por trás e sem ser vista. Ela não estabelece contato visual com Jesus, não se escuta a sua voz. Contudo,

da página de seu corpo, apenas alguns rascunhos emergem ante o leitor: seus olhos, porque chora; seus cabelos, porque os esparrama sobre os pés de Jesus; suas mãos, porque espargem o óleo perfumado; seu corpo, todo inclinado para tocar os pés daquele a quem seu coração, naquela ocasião, somente buscava. Os gestos de seu corpo expressam sua fé (Lc 7,50) e seu amor (Lc 7,47a)²².

Essa mulher apresenta no seu ser o quadro da exclusão, mas uma força maior a impele a ir ao encontro de Jesus. “Pecadora – entra, sem ser convidada, na casa de um fariseu; põe-se aos pés de Jesus, com gestos de entrega íntima: solta seus cabelos e com eles seca os pés de Jesus, antes banhados por suas lágrimas; beija-os e neles derrama o óleo perfumado”²³.

Por que comparar o vocacionado homossexual a essa mulher? Em primeiro lugar, porque, na cena vocacional, o vocacionado homossexual não tem um nome, é o inominado, geralmente classificado no grupo dos *gays*, afeminados, pervertidos. Enfim, é o pecador comumente marginalizado por uma lei moral que não lhe permite encaixar-se em muitos lugares. Quando atraído por Jesus, se aproxima, mesmo não sendo convidado pelos donos da casa. Aproxima-se em silêncio, calado não olha, mas se inclina, derrama-se por meio da sua história enlameada de preconceitos. Os presentes contemplam a cena, sabem que é o homossexual, que é o *gay*. Mas, não sabem o seu nome ou sequer conhecem o profundo da sua biografia. Ele só tem coragem de ir, de entrar onde não é bem-vindo, de se aproximar da mesa para a qual não foi convidado, porque se sente atraído pela pessoa de Jesus.

Jesus é o acolhedor por excelência. “Jesus vê o outro a partir do que o constitui realmente e não a partir das cascas que o revestem, sejam elas postas pelo próprio sujeito ou impostas pelos estereótipos dos que, ao verem, pensam que enxergam”²⁴. No encontro com ele, as cascas caem e a identidade mais profunda da pessoa se revela, abrindo-se à possibilidade de efetuar um caminho diferente.

A acolhida de Jesus é misericordiosa no seu sentido mais intenso. No encontro com ele, a mulher pecadora, a inominada, certamente sai com a sua dignidade restituída, já que

²² ELOY E SILVA, 2016, p. 7.

²³ ELOY E SILVA, 2016, p. 4.

²⁴ ELOY E SILVA, 2016, p. 11.

redescobre sua dignidade original. Jesus se permite ser tocado por ela. Aquela que era considerada pecadora toca o homem Jesus, numa troca onde ela não se perde, e sim se encontra. Em nenhum momento, Jesus refuta o afeto da mulher e ela, na sua atitude de se reclinar sobre os pés do Senhor, narra a sua história com lágrimas e perfume, porque foi acolhida e pôde oferecer o seu melhor.

A pessoa de Jesus, nesse e em tantos outros encontros, sugere aos animadores vocacionais e aos formadores a capacidade de acolher em estado de misericórdia os vocacionados homossexuais que deles se aproximam, mas não se trata da misericórdia vulgarmente compreendida, como dó ou pena.

Misericórdia não no sentido de que se compadece somente do outro porque em condição inferior, em necessidade ou em pecado, mas no sentido pleno do que a misericórdia significa: restaurar o outro na dignidade que o constitui, revesti-lo da roupagem que lhe é essencial e dar-lhe o horizonte que realmente lhe possibilita não apenas ver, mas enxergar!²⁵

A acolhida isenta de preconceitos é o ponto de partida para o conhecimento. Ao ser verdadeiramente acolhida, a pessoa tende a se revelar. Particularmente, ao serem realmente acolhidos, os vocacionados homossexuais não temem em se dar a conhecer.

O fato de uma pessoa se atrever a nos revelar sua situação interior, sobretudo em nossos meios, em que se sentem com mais intensidade a vergonha e a rejeição, já é um fato suficiente para se adotar uma atitude de agradecimento e de grande respeito. Essa acolhida [...] é indispensável e benéfica para todo o diálogo posterior²⁶.

O acompanhamento vocacional que gera medo violenta a pessoa que, ao invés de amadurecer, regride. No caso dos vocacionados homossexuais, “apenas orientadores espirituais habilidosos e conselheiros docentes experientes podem ajudar o seminarista a navegar por essas águas perigosas”²⁷. A manutenção de sistemas que desfavorecem a proximidade e a acolhida misericordiosa dos candidatos homossexuais, em termos de inospitalidade e de práxis anticristãs, responsabiliza-nos diante das falhas que venham a ocorrer como resultados de processos formativos fechados, pois,

a realidade encoberta e camuflada incentiva práticas e comportamentos que afetam seriamente não só no âmbito da fé e da espiritualidade, mas também, e sobretudo, a

²⁵ ELOY E SILVA, 2016, p. 11.

²⁶ AZPITARTE, 1991, p. 87.

²⁷ COZZENS, 2001, p. 135.

dimensão psíquica do ser humano, que acabará perdendo o controle e se desequilibrando por completo²⁸.

Quaisquer vocacionados que iniciam um caminho vocacional chegam como mistério que se apresenta. Não chegam prontos! Apresentam-se com os limites próprios das suas histórias. O contexto atual de mundo e de Igreja nos cobra um novo olhar sobre a questão dos vocacionados homossexuais que batem nas portas das dioceses, congregações ou institutos. A vocação requer uma decisão pessoal, mas os demais aspectos da vida não fomos nós que os definimos. Como indica Cencini,

pais que não escolhemos, corpo com características e recursos precisos, tipificação sexual bem determinada, temperamento, certo tipo de capacidades, de inteligência, de tendências inatas que não foram determinadas por nós e que não representavam o ótimo, mas simplesmente aquilo, e não outra coisa, que é o nosso eu ou parte do nosso mistério²⁹.

Um candidato verdadeiramente homossexual não escolheu ser homossexual, inclusive, sua vida traz marcas de sofrimento por causa disso. A acolhida não preconceituosa e não violenta possibilitará aos candidatos homossexuais partirem daquilo que não escolheram para oferecerem o ótimo que vem do seu mistério pessoal. A hospitalidade, nesses casos, está no fato de que “eu não posso dizer que aceito alguém se aceito somente uma ‘parte dele’. Aceitar, respeitar o homossexual significa aceitá-lo como um todo, incluindo a sua orientação sexual. Sabemos que nem sempre isso ocorre, sobretudo em função dos preconceitos [...]”³⁰.

A presença dos candidatos homossexuais na formação inicial exige o cuidado e o esforço dos formadores e da comunidade formativa que, por meio da acolhida e da hospitalidade, poderão gerar um ambiente nos quais os candidatos homossexuais possam

cultivar amizades verdadeiras como apoio mútuo e reconhecimento dos dons e valores pessoais. É de muita valia também a experiência pastoral em que o sujeito se sinta útil e capaz de fazer o bem aos outros, envolvendo-se em projetos da comunidade Igreja; sinta seu empenho como doação para uma causa que está abraçando e que ultrapassa suas meras necessidades psicoafetivas, dando-lhe uma alegria íntima por perceber-se capaz de doar-se por um amor maior, que é aquele proposto por Jesus aos seus seguidores³¹.

²⁸ OLIVEIRA, 2008, p. 7.

²⁹ CENCINI, 2013, p. 31-32.

³⁰ BALDISSERA, Deolindo. Preocupações dos formadores na aplicação das Instruções. In: VALLE, Edênio (Org). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos: visão psicoterapêutica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 139.

³¹ BALDISSERA, 2011, p. 147.

5.4 Homossexualidade, castidade e celibato na formação inicial

A Sagrada Congregação para a Educação Católica, no seu documento *Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal*, de 1974, afirma que

a educação para a castidade deve ser luminosa: fundada na clareza e não na reticência ou na insinceridade; deve ser positiva: sobretudo, orientada ao amadurecimento da sexualidade, como uma forma reta e alegre de amar e não só para evitar a transgressão. Deverá ser, ao mesmo tempo, uma educação completa, orgânica e personalizada, isto é, adaptada a cada indivíduo no seu desenvolvimento pessoal concreto e diferenciado (OEpFCS, n. 35).

A questão da castidade, nos ambientes formativos, é um assunto que deve ser mais explícito, pois, num contexto mercadológico no qual o corpo se tornou material de oferta e demanda, o mundo tem sido cada vez mais ofensivo nas suas ofertas sexuais. A panfletagem publicitária do sexo, nos seus mais diversos meios de elaboração, chega a todos os lugares, incentivando um estilo de vida em que o exercício da genitalidade, pessoal e virtualmente, foi normalizado. O acesso aos conteúdos sexuais a às possibilidades de encontros sexuais furtivos estão a um *click* de distância dos que os buscam na rede. Ser reticente em relação à castidade é se silenciar ante a relativização de um assunto que, apesar da hiper sexualização do mundo contemporâneo, nunca deixou de ocupar um lugar de importância na formação dos religiosos e dos seminaristas.

O mundo hiper sexualizado e a maior busca pela individualidade pessoal têm incidências práticas nos Seminários e nas Casas de Formação, por assim incidir diretamente na vida dos formandos. Esse fato nos coloca diante de algumas interrogações em relação aos ambientes formativos e da experiência que os formandos têm feito das suas próprias sexualidades. No tocante à formação para uma vida casta e celibatária, vale pontuar alguns traços do estilo de vida dos vocacionados que possibilitam a duplicidade:

- a terceirização da formação humano-afetiva, delegada tão somente a psicólogos e clínicas, como se não fosse o ofício do formador, que é quem deve estar capacitado, em primeiro lugar, para ajudar na integração de todas as dimensões da formação, tendo em vista o cuidado da pessoa sexual que é o vocacionado;
- vocações religiosas ou presbiterais *inautênticas*, oriundas de experiências espirituais desencarnadas ou fictícias, com tendências à fuga da própria realidade pessoal;

- a dificuldade de acesso dos formadores a alguns “lugares” na vida dos formandos, o *laptop*, os *smartphones*, os *tablets*;
- a reivindicação da privacidade, do privado e da proteção dos dados pessoais;
- o solipsismo dos quartos, enquanto lugar de uma individualidade sobreposta ao sentido da vida comum;
- os grupos de afinidade fora das casas da formação, como possibilitadores de encontros mais gratificadores que as próprias comunidades de origem;
- as relações interpessoais virtualizadas e propensas ao sexo, mais recorrentes que as relações humanas na sua concretude,
- as comunidades formativas virtuais e os formadores virtuais, às vezes, com mais peso de autoridade que o próprio Instituto, Congregação ou Diocese em que está o candidato;
- a facilidade de encontros afetivo-sexuais fora dos seminários, devido à facilidade das saídas com amigos da faculdade, de outros seminários, outros leigos ou mesmo da vida religiosa;
- a *Internet*, como novo lugar de vida, e as suas possibilidades virtuais para a experiência de uma segunda vida no metaverso.

Esses elementos dizem respeito a todas as dimensões da formação, mas, sobretudo, tendem a dificultar a educação para a castidade ao não serem realmente confrontados. Os vocacionados e os seminaristas de hoje são filhos do seu próprio tempo. Essa é a realidade na qual, como sujeitos nativos, os vocacionados atuais aprenderam a “navegar”, entre uma conexão e outra e com propensões à superficialidade. Portanto, quando se pretende formar para a castidade celibatária no contexto em que estamos, há de se pensar que uma verdadeira formação se dá a partir da liberdade, do diálogo e com clarezas definidas, colaborando para que o formando se responsabilize pelas suas próprias atitudes como chamado a um estilo de vida exigente, radical.

As tentativas de se obter todo o controle da vida do formando frustram o processo formativo, geram possibilidades e ocasiões para a clandestinidade. Ademais, é quase impossível que o formador tenha todo o acesso à vida de um formando conectado. Logo, se não há uma sincera interação entre formadores e formandos, a formação para a castidade celibatária poderá se tornar apenas a parte de um programa formal e conteudista, porém, sem a devida repercussão na vida prática dos formandos.

Em termos formativos, os vocacionados e os seminaristas devem ser levados à consciência de que a castidade celibatária não é uma imposição; antes de tudo, trata-se de uma livre eleição conectada a uma vocação específica. Aqueles que se encaminham para a Vida Consagrada ou para as Ordens Sacras devem estar previamente conscientizados dessa exigência, compreendendo que a castidade:

1. É uma graça libertadora (OEpFCS, n. 16).
2. É uma virtude natural que o ser humano assume como virtude sobrenatural (OEpFCS, n. 27).
3. Somada ao amor, é uma única virtude, essencialmente ativa, fecunda e generosa (OEpFCS, n. 65).
4. Constitui a expressão culminante de uma vida sadia na fé, equilibrada e solidamente construída sobre uma ardente caridade (OEpFCS, n. 70).
5. É sinal de pureza nas relações e no dom de si (RFIS, n. 21).
6. “Qualifica todas as relações humanas e leva a experimentar e a manifestar [...] um amor sincero, humano e fraterno, pessoal e capaz de sacrifícios, a exemplo de Cristo, para com todos e cada um” (RFIS, n. 110).

A castidade celibatária, como dom ou graça libertadora, não é uma mera atitude voluntarística relacionada à continência sexual (RFIS, n. 110). A exemplo de Cristo, através de uma vida casta, os chamados se propõem a viver em estado de fecundidade apostólica. Se, em âmbito teológico, a castidade celibatária é compreendida como abnegação e abertura ao próximo, como meios de fazer fecundar o amor cristão, no seu sentido prático, a abstenção da atividade sexual é uma exigência intrínseca a esse estilo de vida, um real esforço de abstinência, do ser humano que renuncia àquilo que lhe é natural, o sexo. Para Ribeiro,

a castidade funciona como uma espécie de “condição de possibilidade encarnada” para o celibato, embora o segundo sempre suponha a adesão livre de quem o acolhe como suspensão do exercício das faculdades sexuais. A ética da sexualidade insiste em que a experiência do celibato seja fruto de uma escolha realmente ética e que, por isso, seja nutrida pelo sentido de castidade, a fim de que não seja vivida como mera privação do sexo ou motivada meramente por um sentido ascético. Isso poderia comprometer a fecundidade com que o celibato deverá ser expresso do ponto de vista da vida sexual concreta de quem o assume³².

A exigência da castidade celibatária é para todos quantos são chamados à Vida Consagrada ou às Ordens Sacras, sem nenhum tipo de concessão para sujeitos hétero ou homossexuais, sexualmente ativos.

³² RIBEIRO, [2019], não paginado.

Delimitando a nossa reflexão, nesse tópico, relacionar a vida casta celibatária às vocações homossexuais nos leva ao lugar comum desde o qual se supõe que as pessoas heterossexuais tenham mais capacidade de se abster de relações sexuais ou de experiências genitais, fato a ser questionado. A questão é delicada e não conseguiríamos fazer uma análise da vida sexual ativa de alguns celibatários, visto que pessoas sexualmente ativas no clero e na Vida Consagrada se implicam em clandestinidade e duplicidade.

Comumente, temos acesso aos episódios de práticas sexuais de presbíteros ou de consagrados quando o tema beira ao escândalo. Contudo, é quase impossível comprovar e demonstrar estatisticamente se a prática sexual é mais intensa entre héteros ou homossexuais. Entretanto, sabe-se que essa duplicidade afeta ambas as orientações sexuais na Igreja, o que não se aplica à totalidade do clero e dos consagrados, enquanto inclinação comum. Segundo Belmonte García,

quando uma pessoa homossexual se consagra, ela não deixa de ser homossexual (nem se deve exigir que assim seja), porque o que se consagra é a castidade, não a orientação sexual. Cabe perguntar se, ao se definir como heterossexual dentro de uma congregação religiosa, também se incita a cometer atos heterossexuais ou se dá por feito que uma pessoa heterossexual tem uma maior capacidade para respeitar o celibato que uma pessoa homossexual³³.

Em termos gerais, quando se trata da dimensão afetivo-sexual em relação à castidade celibatária, os homossexuais são mais cobrados, pois existe uma censura relacionada ao fato de que são sempre associados aos comportamentos e aos atos homossexuais, como já descrevemos nesse estudo.

A diferença radica em que a heterossexualidade nomeia uma realidade não censurada e a homossexualidade carrega um estigma de uma “identificação inabitável”. A censura faz com que o próprio enunciado (homossexual) se identifique com o ato (conduta homossexual). Nomear a homossexualidade, para os que a condenam, é abrir as comportas de um tabu para o discurso público e supõe, de fato, a liberação de desejos incontroláveis³⁴.

Supor que as pessoas homossexuais não são capazes de viver uma vida célibe e casta é resquício da identificação do homossexual com os atos homossexuais, uma incompreensão que ainda vigora. Por isso é comum, em âmbito eclesial, admitir que seminaristas, consagrados e clérigos heterossexuais conseguem viver a castidade celibatária e os homossexuais, não.

³³ BELMONTE GARCÍA, Olga. El reconocimiento de la homosexualidad. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 221.

³⁴ BELMONTE GARCÍA, 2020, p. 221.

O Cardeal José Saraiva Martins, quando foi o Secretário da Congregação para a Educação Católica, emitiu um memorando enfático aos Bispos dos Estados Unidos, em 1985, a respeito da admissão de candidatos aos Seminários. Nesse memorando se evidencia que não se trata de a pessoa ser hétero ou homossexual, mas da sua disposição e abertura ao dom da castidade.

Não devem ser aceitos e, portanto, devem ser claramente excluídos da caminhada rumo ao sacerdócio: 1) um candidato que seja heterossexualmente ativo; 2) um candidato que tende a uma excessiva familiaridade com as mulheres, ainda que de forma casta; 3) um candidato que é ativamente homossexual ou que leva um estilo de vida homossexual (seja ele homossexual ou não)³⁵.

Ao mesmo tempo em que as pessoas homossexuais são desacreditadas de poderem viver a castidade, a Igreja insiste em convocá-las a viverem uma vida casta, o que parece um tanto contraditório, quando se julga que não são capazes de viver esse estilo de vida e, por isso, não deveriam ser aceitas nos seminários.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (CIC, n. 2359).

Por meio dessa exortação do Catecismo, permite-se entrever que as pessoas homossexuais, compreendidas a partir da sua orientação específica, são também chamadas a alcançar a perfeição cristã na vivência de uma vida casta. No caso exclusivo dos vocacionados e seminaristas homossexuais, chamados especificamente à vida de castidade celibatária, deve-se reconhecer que, assim como os candidatos heterossexuais, são capazes de autodomínio e podem viver castamente, ao serem trabalhadas as devidas disposições num processo sério de formação, dado que “esta integração é um caminho gradual e só pode ser bem-sucedida se a pessoa viver em paz com a própria sexualidade, sendo capaz de relacionar-se e de amar o seu semelhante e a si mesma, dentro de sua opção de vida”³⁶.

Os formadores e a formação devem se adaptar às realidades pessoais daqueles vocacionados que recebem, compreendendo que cada um lhes chega com diferentes visões da sexualidade, “de maneira que não podem ser adequadamente tratadas por um programa de

³⁵ FERNANDES, Earl K. Seminary formation and homosexuality: changing sexual morality and the Church's response. *The Linacre Quarterly*, USA, v. 78, n. 3, p. 247-251, ago. 2011. DOI: 10.1179/002436311803888249. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6026965/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

³⁶ CORRÊA LIMA, 2021, p. 136-137.

formação celibatária altamente idealizado ou excessivamente espiritualizado, que não seja em contato com os conceitos, a linguagem e as realidades desses indivíduos diversos”³⁷.

No cenário do acompanhamento vocacional, tanto os heterossexuais quanto os homossexuais são chamados à vida célibe e casta. Em vista disso, as posturas em relação à recepção dos candidatos precisam ser equilibradas, permitindo que os vocacionados sejam ajudados a descobrir a vocação cristã, para que possam viver o seguimento de Cristo³⁸.

Baldissera pondera que, no caso da apresentação de um candidato homossexual, ao sacerdócio ou à vida religiosa, o que se deve avaliar em primeiro lugar, antes da orientação sexual, são as convicções relativas aos valores vocacionais da pessoa em questão. “É uma primeira condição válida para todos, independentemente da orientação sexual em si, porque será sobre eles que se apoiará a própria vocação”³⁹.

Fica claro que a questão de base, como exigência própria do seguimento de Cristo, em vista da castidade celibatária, para héteros e homossexuais, é não ser sexualmente ativo, substituindo o estilo de vida cristão por um estilo de vida leviano, firmado em subculturas ativamente sexuais, pois, “a castidade emerge como exigência própria do caráter humanizante da sexualidade, suscitado pela experiência vivida e não alheia a ela. Nesses termos a castidade é um valor intrínseco da sexualidade humana”⁴⁰.

Nessa perspectiva, os formadores devem ser pessoas sexualmente integradas, que tenham condições de propor um estilo de vida que esteja de acordo com o que solicita a vida casta celibatária, pois,

se o formador, por exemplo, tem uma sexualidade indefinida, se torna difícil encontrar nele um incentivo ao amadurecimento. Se o próprio formador enfrenta sérios problemas para viver a castidade, não a vive ou, se a vive, não de maneira equilibrada e sadia, ou ainda, o que é pior, não a proclama como um valor, dificilmente acompanhará uma vocação que implica a fidelidade numa vida casta⁴¹.

Os animadores vocacionais e as equipes formativas precisam estar atentos à questão da homossexualidade na formação, aprofundando-se com seriedade no assunto. Uma vez que estejam preparados para lidar com esse tema, que ainda suscita desconfiança e amedronta, tendo lidado com as suas próprias questões humanas e afetivas, aplicarão a pedagogia de Jesus na formação de verdadeiros discípulos. Quando bem formados, com sólidas bases espirituais e

³⁷ NUGENT, Robert. Addressing celibacy issues with gay and lesbian candidates. *Horizon* (Journal of the National Religious Vocation Conference), 1988, n. 18 *apud* COZZENS, 2001, p. 136.

³⁸ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 168.

³⁹ BALDISSERA, 2011, p. 140.

⁴⁰ RIBEIRO, [2019], não paginado.

⁴¹ GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 168.

humanas, os homossexuais conseguem se abrir verdadeiramente às experiências de Deus e da comunidade. Conforme afirma Kelty,

como a maioria dos homens tem uma mulher para amar, quem o homossexual pode amar? Deus, certamente, no contexto da comunidade e de um serviço celibatário nobre. Este é o padrão da história, pois então o sexual é absorvido na comunhão amorosa com Deus e com a comunidade⁴².

O celibato e a castidade na formação inicial, tendo como base analítica a orientação homossexual, mantêm-se na linha do diálogo aberto sobre a globalidade da questão homossexual. Se há um percentual de seminaristas, de consagrados ou de clérigos homossexuais que, porventura, causem algum problema para a Igreja, em termos de vida sexual ativa, não é errado afirmar que, de igual modo, acontece com os heterossexuais. Mas, são atitudes que não se justificam reciprocamente. A formação inicial é o momento de formar homens que compreendam o celibato de Jesus, tomando-o como modelo de viver o seu próprio celibato. Segundo Pikaza,

o celibato” de Jesus não consiste em “não se casar”, mas em acolher e se relacionar com os demais, a partir dos últimos, pois Jesus “não defende uma ‘ordem biológica’ de poder, expressa em formas patriarcais, mas sim a comunhão interpessoal, pela porta aberta a todos e, em especial, aos excluídos⁴³.

Soa incoerente afirmar a incapacidade de todos os homossexuais para viver com fidelidade a castidade no celibato. São muitos os exemplos de consagrados ou de clérigos homossexuais que vivem por inteiro a entrega de suas vidas como participes da missão de Jesus Cristo, de modo célibe e casto. Desse modo, como afirma Gafo,

não se pode e nem se deve excluir absolutamente a possibilidade de que pessoas com condição homossexual possam ser admitidas nessas formas de vida, se têm a capacidade de assumir a opção celibatária e o conjunto da sua personalidade é compatível com esse estilo de vida⁴⁴.

O autor ainda afirma que o que se deve evitar é a admissão de pessoas que não tenham a capacidade de assumir a opção celibatária, tanto para o sacerdócio quanto para a Vida Consagrada, sejam héteros ou homossexuais⁴⁵. O olhar voltado somente para os elementos negativos, que não correspondem à globalidade do ser homossexual e das pessoas homossexuais, impede-nos de ver e de reconhecer o testemunho de tantos homens

⁴² KELTY, Mathew. *The land I love*, 1989 *apud* COZZENS, 2001, p. 140.

⁴³ PIKAZA, 2020, p. 72.

⁴⁴ GAFO, 1997, p. 220.

⁴⁵ GAFO, 1997, p. 219.

homossexuais que vivem retamente a sua consagração ou o seu ministério ordenado a partir de uma oblatividade imensurável. Como assinala Vitório, “a consciência da consagração e a determinação de ser fiel aos compromissos da vocação, como discernimento e vigilância, balizarão a caminhada dos religiosos que, de verdade, fizeram uma opção de vida autêntica”⁴⁶.

⁴⁶ VITÓRIO, 2022, p. 238.

CONCLUSÃO

Após percorrer um caminho metodológico que nos apresentou a questão da homossexualidade e a sua relação com o acompanhamento vocacional, pela pastoral vocacional, e a formação de candidatos homossexuais, nos seminários e nas casas de formação, resta-nos apresentar algumas conclusões.

Há ainda muito por se fazer no sentido de superar os preconceitos da homossexualidade. Nos últimos tempos, a homofobia, assim como a xenofobia, a misoginia, o racismo e outras formas de preconceito, têm se revelado mais intensamente, por meio da exclusão, da violência física, dos assassinatos, dos anônimos da Internet, enfim, de muitas formas. O presente estudo, propondo-se como diálogo sobre um tema que tanto questiona a práxis cristã, é também um convite à superação da homofobia intraeclesial, supondo que os espaços para o exercício da fé, na Igreja Católica, não podem existir validamente em função do privilégio de alguns.

O primeiro capítulo dessa dissertação nos colocou em contato com as interpretações mais antigas do fenômeno homossexual, feitas pela Igreja Católica, e que lhe deram condições para elaborar o seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade. Influenciada pela tradição judaico-cristã, os juízos negativos dos comportamentos e dos atos homossexuais influenciaram fortemente os fiéis católicos e, sobrepassando os limites da Igreja, foram absorvidos por outras tradições, épocas e culturas. Fato que, até hoje, impregna mentalidades, deixando-nos como herança uma parcela de culpa e o compromisso de ajudar a transfigurar a homofobia para a inclusão.

Apenas no 1º semestre de 2022, até o mês de junho, 135 mortes violentas de LGBTQ+ foram constatadas no Brasil¹. Por que levantar essa estatística na conclusão da pesquisa? Para reforçar que parte do discurso negativo sobre a questão homossexual reforça a violência e, na maioria das vezes, esse discurso é de índole religiosa. A homofobia é violenta, exclui, fere, mata e provoca suicídios. Não há compatibilidade entre pregar a inclusão em nome de Cristo e defender discursos que, direta ou indiretamente, matam o outro; quando não o fazem fisicamente, matam-no nas suas possibilidades de se ver e de ser visto como um ser humano normal.

A primeira conclusão, acerca do capítulo primeiro, convida-nos a superar a linguagem e a análise negativa da homossexualidade. Certamente, a compreensão primeira da Igreja

¹ GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatórios anuais de mortes LGBTQ+*. Release – Dia do Orgulho Gay Relatório parcial ano 2022. Disponível em <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Católica sobre o fenômeno deve ser compreendida através de um olhar histórico, mais que julgada na escala do certo ou errado. Essa primeira interpretação não contava com a contribuição científica que temos atualmente e nem com a visão multidisciplinar que a própria Teologia já alcançou, na sua interação com as ciências modernas. Portanto, se os conflitos começam por meio de uma interpretação majoritariamente bíblica, é necessário voltar à Bíblia e o convite é a um retorno a Sodoma.

No horizonte da inclusão das pessoas homossexuais, regressar a Sodoma significa refazer o caminho para entrar na dimensão da hospitalidade. Hoje, sabemos, pela narrativa do Gênesis, que a destruição de Sodoma e Gomorra, entre outros pecados, deu-se pela falta de hospitalidade e não pela alusão à transgressão sexual entre gêneros. Voltar a Sodoma significa aprender a acolher os estrangeiros que nos pedem estadia; no caso pontual das pessoas homossexuais, elas são esses estrangeiros, costumeiramente vistas como estranhas, bárbaras e não parecem ser da aldeia.

A hospitalidade, ligada à acolhida, ao cuidado e à inclusão, opõe-se ao desejo de violentá-las, de abusar delas, minando-as na sua dignidade, porque elas são como nós. Acerca do primeiro capítulo, no seu plano geral de conceituação da homossexualidade, há de se concluir que voltar às fontes primeiras da condenação dos atos homossexuais, conseqüentemente, da homossexualidade, é se dar a oportunidade de recolocar a questão, abolindo o uso de um discurso verbal violento para redescobrir o valor de se aproximar para conhecer.

A missão desta revisão discursiva, baseada nos juízos pré-científicos da homossexualidade, precisa começar na Igreja, na hierarquia e nos seus membros, como testemunho de quem se propõe a um encontro real entre alteridades, acima de tudo, iguais no que define a nota mais fundamental da sua humanidade, carne criada à imagem e semelhança de Deus.

No segundo capítulo, aprofundamos a superação das análises pré-científicas da homossexualidade. Descobrir que as pessoas constitutivamente homossexuais não podem agir ou ser de outro modo foi mais um ponto na superação da herança de condenação da homossexualidade. Como a heterossexualidade, a homossexualidade não é um mal em si e nem mesmo um pecado. A recente produção teológica sobre o fenômeno tem aberto muitos caminhos, caminhos novos nos quais se pode afirmar a possibilidade homossexual, isto é, uma pessoa sexual constituída numa orientação que não é a mesma da heteronorma, mas, assim existe e é pessoa.

O ressurgimento da pessoa homossexual, no campo da teologia, tem acontecido graças ao apoio das ciências modernas que possibilitam ao debate atual demonstrar que a pessoa homossexual não é uma anomalia, é um ser-relacional, não redutível e nem condicionável à sua orientação. Sua orientação é somente uma parte da ampla realidade humana que a constitui.

Atualmente, ainda há discursos e produções teológicas que insistem em manter os homossexuais na impessoalidade, sem dar razão àquilo que os marca na sua peculiaridade, mantendo o julgamento do fenômeno na ordem da moral. Porém, há muitos teólogos e moralistas que afirmam que ser homossexual não é mal, nem ruim, é apenas mais um modo legítimo de ser no mundo.

O ambiente favorável para a reflexão sobre a homossexualidade, na Teologia atual, indica que é preciso rever e reavaliar as posturas éticas e as práticas cristãs em relação aos homossexuais. A Igreja poderá ser muito mais fecunda ao se desvencilhar dos rótulos e passar a perceber as pessoas homossexuais como aquilo que realmente são, isto é, pessoas normais, autônomas, protagonistas de suas histórias, filhos e filhas de Deus, sujeitos de relação.

No terceiro capítulo, partindo da análise da heteronormatividade, pudemos perceber o quão difícil é viver quando se destoa de um padrão legitimado pela sociedade: espaços e portas se fecham. A homossexualidade foi dura e negativamente matizada durante muito tempo. Desfazer-se desses resquícios torna-se um tanto complexo, ainda quando a iluminação científica aponta para essa possibilidade.

Vivemos em um tempo em que nem todos dão crédito às ciências, mas se aferram às verdades que fizeram sentido em um momento histórico contextualizado, no qual os meios e as asseverações não podiam ir além de alguma obviedade limitadamente constatada. Hoje, podemos afirmar que a homossexualidade não é uma doença, não é uma perversão, não é uma anomalia, não é um pecado e não é um relato parcial negativo sobre a história de alguém aplicada a um todo. Ela não impossibilita pessoa alguma a seguir o seu caminho. A homossexualidade é um fenômeno humano que diz respeito à vida da pessoa sexual.

O processo de desconstrução dos matizes negativos da homossexualidade, no capítulo terceiro dessa dissertação, revela a pessoa homossexual como um ser humanamente concreto, portador de uma face que interpela ao diálogo, à relação, como sujeito de autonomia, dono de uma história pessoal. A pessoa homossexual é alguém capaz de fazer opções e de decisões duradouras para a vida.

Nos capítulos 4 e 5, adentramos na questão da homossexualidade no campo da teologia da vocação. No sentido de reconsiderar os candidatos homossexuais com menos medo e menos desprezo nos ambientes de acompanhamento vocacional e nas casas de formação, a teologia da

vocação supõe repensar a própria estrutura eclesial, que conta com muitos seminaristas, religiosos ou padres enfermos, fragmentados pelo peso do caminho, por não terem com quem falar de si próprios, principalmente no que tange à dimensão humano-afetiva. Vocacionados, padres ou religiosos não são assexuados. Enquanto não aprender a falar de sexualidade, de sexo e confrontar essa dimensão transversal da vida humana, principalmente em relação aos chamados, a situação não estará propícia para uma real acolhida de candidatos homossexuais. Os vocacionados, religiosos e clérigos precisam assumir a sexualidade como dom de Deus para terem condições de cuidarem de si e dos demais.

Na medida em que os membros se enfermam, o corpo institucional também adocece e a missão perde o seu ritmo. O problema maior, estritamente relacionado à questão vocacional, está na escolha de formadores que ocultam o seu lado humano, blindando-o, e se tornam executivos da formação. Muitas vezes, trazem questões que não são capazes de resolver, não falam com ninguém e, revestidos de uma carapaça institucional, formam um exército de pequenos executivos ou funcionários da fé, que não dão conta das suas próprias questões humanas.

O discurso sobre homossexualidade e vocação visa mais aos vocacionados ou aos seminaristas homossexuais. Os que já são consagrados ou ordenados se apoiam no silêncio em relação às suas sexualidades, o mesmo acontecendo no caso dos heterossexuais.

Existe um medo implícito ou inconsciente ao abordar as questões próprias da afetividade e da sexualidade humana. Esse medo está correlacionado à possibilidade de uma sanção por parte da hierarquia católica. Dessa forma, calar é o modo pelo qual se oculta ou se dissimula uma determinada questão. O assunto é complexo, abrange muitos e se torna mais complexo ainda quando se refere aos formadores. Um exemplo se dá quando “há questões conflituosas: o padre homossexual deve ensinar que a orientação homossexual é intrínseca e objetivamente desordenada, embora não sinta que a sua própria orientação seja defeituosa, antinatural ou doentia”².

Por esse viés, nota-se que há uma lacuna muito grande entre a experiência real e concreta da vida e aquilo que se propõe a viver. A desumanização acontece quando não se vive a partir daquilo que se é, assumindo também alguns posicionamentos tradicionalistas, mesmo quando, interiormente, as certezas são outras. Sentir pode ser inevitável, mas ocultar o que se sente se torna obrigatório.

² PEREIRA, William César Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 269.

Perfis de formadores que vivem essa ambiguidade, por mais que deem conta do cumprimento das tarefas que lhes são solicitadas, são destrutivos para uma comunidade formativa, porque existe um reflexo. O mesmo grau de repressão que exercem consigo passa a influenciar a vida da comunidade. Precisamos de religiosos ou de padres que encarnem o espírito de Jesus Cristo.

O Verbo de Deus humanizado, feito carne, veio ensinar o quão humana uma pessoa pode ser. Na pessoa de Jesus de Nazaré, a liberdade desapegada dos tradicionalismos da religião judaica o expõe na sua liberdade de ser e assim ele conduz seus discípulos. Ele os humaniza, ensina-os a serem livres, alimenta neles o sentido da compaixão, da misericórdia e da justiça. Parece que a via atual, sobretudo entre mestres e discípulos, no campo da formação, tem sido o caminho reverso: quanto menos liberdade para ser e quanto menos sentir melhor é. Há um apego desmedido à lei e às fórmulas e um rechaço extremo à sexualidade, ao corpo e à própria humanidade.

Partir de Jesus Cristo, de como viveu, de como assumiu a sua sexualidade, de como sentiu e de como se importou com os outros significa resgatar a humanidade que vai se perdendo. Os processos de formação e o acompanhamento vocacional, objetivando formar discípulos humanos, requerem que as congregações, dioceses e institutos se abram à possibilidade de diálogos que possibilitem aos formadores se humanizarem.

A emergência do ser humano na formação indica que os ambientes formativos precisam estar preparados em humanidade para realizar favoravelmente os acompanhamentos e a formação, como um todo. Como propostas concretas para o acompanhamento dos candidatos homossexuais, podemos assinalar as seguintes:

- Ajudar, em primeiro lugar, o clero e os religiosos, em especial aqueles que serão escolhidos para a pastoral vocacional e para a formação, a tratarem de si, assumindo a sua dimensão afetivo-sexual por meio de um equilíbrio que não lhes permita anulá-la: somos pessoas sexuais.
- Tratar abertamente dos temas que dizem respeito à sexualidade e à homossexualidade, de modo a desfazer os tabus que pairam sobre realidades existentes dentro da própria Igreja.
- Preparar os formadores de tal modo que se comprovem como homens aptos para o serviço da formação, de igual modo, os promotores vocacionais: que sejam pessoas transparentes, humanas, que saibam escutar, que tenham maturidade suficiente para não se escandalizar com a história dos formandos, mas, ajudá-los sem preconceitos a superarem suas dificuldades.

- Acolher os candidatos cientes da sua situação pessoal: seus medos, suas reais motivações, seus traumas e, inclusive, sua orientação sexual, possibilitando-lhes crescer em transparência, honestidade e saúde mental.
- Promover espaços comunitários que impeçam os formandos de se recolherem no solipsismo, abrindo espaços para a busca de gratificações sexuais, ainda que sejam *online*.
- Dentro das aberturas recíprocas e necessárias para o acompanhamento, despedir aqueles candidatos que apresentem graves inconsistências e reais incompatibilidades em vistas do projeto de vida pessoal e comunitário.
- Proporcionar que os candidatos tenham uma real experiência de encontro com Jesus Cristo, enamorando-se dele e desejando continuar sua missão.
- Contar com ajudas especializadas quando as questões dos formandos forem mais delicadas e carentes de auxílio profissional.

Em síntese conclusiva, a questão não é receber heterossexuais ou homossexuais. Não se trata de acompanhar heterossexuais ou homossexuais, tampouco de formá-los. O Senhor não cessa de chamar vocacionados, por isto, os animadores vocacionais e as equipes de formação, doutos em humanidade, devem aprender a receber pessoas, acompanhar pessoas e formar pessoas, ao modo de Jesus Cristo, cuja humanidade ultrapassa qualquer lei, mas, antes, plenifica a vida humana.

Cozzens assinala que a crise de alma do sacerdócio, que é também a crise de alma da Igreja, é, em parte, uma crise de orientação sexual e, quanto mais se demorar em enfrentá-la, maior será o dano para o sacerdócio e para a Igreja³. O sujeito do acompanhamento vocacional, na pastoral vocacional, nas casas de formação ou nos seminários, é pessoa, é ser humano, com nome próprio, com uma história e em nenhum momento pode ser vítima de preconceitos.

Os processos de acompanhamento vocacional e os formadores precisam se desvestir dos preconceitos em relação à sexualidade e se abrir ao acompanhamento da pessoa na sua totalidade; ainda que se trate de uma proposição idealizada, serve como norte. Não se acompanha gênero, acompanha-se a pessoa, o ser humano. Consequentemente, sentir a pessoa, seus anseios, seus projetos, seus medos, suas apreensões, suas dores e suas alegrias é se colocar ao lado de um igual e, finalmente, chegar a um denominador comum, à capacidade de decidir a partir de convicções profundas numa estrutura firmemente humana.

³ COZZENS, 2001, p. 145.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 2009. TEDGlobal (18min33). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 19 abr. 2021.
- ALISON, James. *Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- AZPITARTE, Eduardo L. *Ética Sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BALDISSERA, Deolindo. Preocupações dos formadores na aplicação das Instruções. In: VALLE, Edênio (Org.). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos: visão psicoterapêutica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 137-147.
- BELMONTE GARCÍA, Olga. El reconocimiento de la homosexualidad. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 221-226.
- BERASTÈGUI PEDRO-VIEJO, Ana. La homosexualidad: de la patología a la diversidad sexual. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 261-275.
- BESSON, Claude. *Homossexuais católicos: como sair do impasse*. São Paulo: Loyola, 2015.
- BÍBLIA Sagrada. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019.
- BORTOLINI, José. *Como ler a Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BRANDALISE, Vitor Hugo. Gelo no pênis, exorcismo e medo: os padres gays silenciados pela Igreja no Brasil. *BBC News Brasil*, São Paulo, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51554441>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- BUCCICARDI, Pablo Romero. Estados de paz: en la lucha por el reconocimiento. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 227-237.
- CASTAÑEDA, Marina. *La experiencia homosexual: para comprender la homosexualidad desde dentro y desde fuera*. Ciudad de México: Paidós, 2011.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2000.
- CENCINI, Amedeo. *A hora de Deus: crise na vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 31.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 141-256.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*. Roma, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. Roma, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Persona Humana, sobre alguns pontos de ética sexual*. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 21 jun. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Roma, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em: 06 abr. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Roma, 2016. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Ratio%20Fundamentalis/O%20Dom%20da%20Vocao%20Presbiteral.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos*. Roma, 1990. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/orientacoes-sobre-a-formacao-nos-institutos-religiosos-02-02-1990/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Aparecida, 13-31 de maio de 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em: 09 mai. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html. Acesso em: 19 jul. 2021.

CORRÊA LIMA, Luís. Homossexualidade e Igreja Católica: conflito e direitos em longa duração. *Em Debate* (PUCRJ. Online), Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 1-13, 2006. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/artigos-professor/Homossexualidade%20e%20Igreja%20Catolica.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CORRÊA LIMA, Luís. *Teologia e os LGBTQ+:* perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2021.

CORREIA, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã:* uma leitura de Lc 24,13-35 em chave narrativa. Lisboa: Universidade Católica, 2014.

COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio:* reflexão sobre a crise de alma do sacerdote. São Paulo: Loyola, 2001.

D'ANGELO, Mary Rose. O medo perfeito expulsa o amor: leitura, citação e estupro. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo:* para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 205-227.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.* Porto Alegre: Artmed, 2000.

DE LA TORRE, Javier. La recepción de la tradición por parte de los manuales de teología moral postconciliar. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI.* Madrid: Dykinson, 2020, p.121-130.

DE LA TORRE, Javier. La tradición de la Iglesia: entre la sombra de Sodoma y las listas de pecados-vicios. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI.* Madrid: Dykinson, 2020, p. 83-120.

DE LA TORRE, Javier. *Sexo, sexualidad y bioética.* Madrid: Comillas, 2008.

DI VITO, Robert A. Interrogações sobre a construção da (homo)sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na bíblia hebraica. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo:* para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005, p. 139-162.

DOCUMENTO FINAL DA XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional.* São Paulo: Paulus, 2019.

DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. La homosexualidad en el sacerdocio y en la vida consagrada. 16 ago. 2011. Disponível em: <https://crismhom.org/la-homosexualidad-en-el-sacerdocio-y-en-la-vida-consagrada/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ELOY E SILVA, Luís Henrique. “Vês esta mulher?” Em busca do “ponto de vista misericordioso” segundo Lc 7, 6-50. In: FERREIRA, Antônio Luiz Catelan (Org.). *Redescobrir a Misericórdia:* Reflexões interdisciplinares sobre a *Misericordiae Vultus*. Brasília: CNBB, 2016, p. 17-40.

EMPEREUR, James L. *Direção espiritual e homossexualidade.* São Paulo: Loyola, 2006.

FERNANDES RODRIGUES, Silvia Geruza. Igreja Católica Romana e a homossexualidade: visão moral sexual católica a partir da análise de documentos oficiais. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 124-140, jan./jun. 2018. DOI: 10.34019/223761512018v1527067. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27067>. Acesso em: 13 jul. 2021.

FERNANDES, Earl K. Seminary formation and homosexuality: changing sexual morality and the Church's response. *The Linacre Quarterly*, USA, v. 78, n. 3, p. 247-251, ago. 2011. DOI:

10.1179/002436311803888249. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6026965/>. Acesso em: 24 mai. 2022

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Lumen Fidei*: aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, sobre a fé. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*: aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos, sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANCISCO, Papa. Mensagem para o 55º dia mundial de oração pelas vocações: escutar, discernir, viver a chamada do Senhor. Roma, 22 abr. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20171203_55-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html. Acesso em: 03 mai. 2022.

FRANCISCO, Papa. Pequena entrevista concedida a James Martin sobre a questão dos católicos LGBTQ. Roma, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-pessoas-lgbt-carta-padre-jesuita-james-martin.html>. Acesso em: 16 mai. 2022.

GAFO, Javier. Cristianismo y homosexualidad. In: GAFO, Javier (Ed.). *La homosexualidad: un debate abierto*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997, p. 189-222.

GENOVESI, Vincent J. *Em busca do amor: moralidade católica e sexualidade humana*. São Paulo: Loyola, 2008.

GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José (Orgs.). *Homossexualidade: orientações formativas e pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.

GRAMICK, Jeannine. Rompendo o silêncio. *Isto é*, dec. 2005. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI52495-15228,00-JEANNINE+GRAMICK+ROMPENDO+O+SILENCIO.html>. Acesso em: 06 abr. 2022.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatórios anuais de mortes LGBTI+*. Release – Dia do Orgulho Gay Relatório parcial ano 2022. Disponível em <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*: ao episcopado e ao clero, às ordens e congregações religiosas, às sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares, e a todos os fiéis, sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. Roma, 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html. Acesso em: 18 mai. 2022.

JUNG, Patricia Beattie. A promessa da hermenêutica pós-moderna para a renovação bíblica da teologia moral. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 109-138.

KEENAN, J. F. The open debate: moral theology and the lives of gay and lesbian persons. *Theological Studies*, USA, v. 64, n. 1, p. 127-150, fev. 2003. DOI: 10.1177/004056390306400103. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004056390306400103>. Acesso em: 07 jul. 2021.

LANZ, Letícia. *Dicionário transgênero*. Transgente Editora, 2016, p. 11. *E-book*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B8TVkVCpTCdZUnRDSW5hX0g4a0U/view?resourcekey=0-EZHTUBFCHexu4b5ixTVhpA>. Acesso em: 14/06/2021.

LEERS, Bernardino. *Em plena liberdade: a sabedoria da vida entra com a tolerância que abraça, suporta e confirma*. Belo Horizonte: Lutador, 2010.

LEERS, Bernardino. Homossexuais e ética da libertação: uma caminhada. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 20, n. 52, p. 293-316, set./dez. 1998. DOI: [?]. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1669/1997>. Acesso em: 17 abr. 2021.

LEERS, Bernardino; TRASFERETTI, José. *Homossexuais e ética Cristã*. Campinas: Átomo, 2002.

LINGS, Renato. El corazón descubierto: reflexiones sobre el Levítico. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 27-38.

MALINA, Bruce J. O Novo Testamento e a homossexualidade? In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 181-204.

MARTIN, James. *Tender un puente: cómo la Iglesia Católica y la comunidad LGBTI pueden entablar una relación de respeto, compasión y sensibilidad*. New York: (Arquivo PDF), 2018.

MATTOS, Luiz Augusto de. Abuso sexual e processo formativo: por uma formação integradora e humanizadora. In: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 65-88.

MATTOS, Luiz Augusto de. Da duplicidade à integração da sexualidade: formar para relacionamentos de qualidade. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 151-171.

MCBRIEN, Richard P. *Homosexuality and the priesthood: questions we can't keep in the closet*. *Commonwell*, New York (NY), 19 jun. 1987, p. 380-383. Disponível em: <https://www.commonwealmagazine.org/sites/default/files/imce/14784/document-1%20copy%206.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MOLINA ARTALOYTIA, Francisco. Contraturales “por naturaleza”: la articulación de la “finalidad natural” en la historia de los discursos “expertos” sobre las “homosexualidades”. In:

DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 277-293.

MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSER, Antônio. *Teologia moral: questões vitais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MUGAVERO, J. Francis. *Sexuality: God's gift*. Pastoral letter of the Most Reverend Francis J. Mugavero, Bishop of Brooklyn. Diocese of Brooklyn, 1976. Disponível em: <https://mysticalrose.tripod.com/mugavero.html>. Acesso em: 01 set. 2022.

NEGRÓN DELGADO, Juan Luiz. Autoridade e paternidade na Igreja: paternidade e espiritualidade. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO: DEPARTAMENTO DE VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS. *A integridade do sacerdote: formação humano-afetiva*. Brasília: CNBB, 2018, p. 357-365.

NUÑEZ, Juan Sánchez. Romanos 1: homoerotismo en un mundo de idolatría e injusticia. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 39-61.

OLIVEIRA, Daniella Machado de. *Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a educação*. Orientador: Leopoldo Fulgencio. 2009. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - PUC Campinas, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2009-03-23T073730Z-1482/Publico/Daniella%20Machado%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Teologia e eclesiologia da vocação. *eJesus: cristianismo on-line*. [s/data]. Disponível em: <https://ejesus.com.br/teologia-e-eclesiologia-da-vocacao/>. Acesso em: 22 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Porto Alegre: UFRGS, 2020, p. 15. *E-book*. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/site/gtsaudedapopulacaolgbt/wp-content/uploads/sites/35/2020/08/Sa%C3%BAde-Sexual-Direitos-Humanos-e-a-Lei_versao17Jul2020-1.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

ORTEGA, Iván. Cristianismo y homosexualidad: cuestión de verdad. Lógica, antropología filosófica y teología en Gareth Moore OP. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 239-260.

PAES, Beto; VENTIMIGLIA, Rafael. *População LGBT: um guia da cidadania no Pará, conceitos, direitos humanos, políticas públicas, espaços, conquistas e participação social*. Belém: SEJUDH, 2017.

PARERE della Congregazione per il Culto Divino sull'Ordinazione delle Persone Omosessuali. Roma, 2002. Disponível em: <https://www.paginecattoliche.it/SULLORDINAZIONE-DELLE-PERSONE-OMOSESSUALI/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

PEREIRA, William César Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIKAZA, Javier. La biblia más allá de los textos: identidad sexual y amor personal. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 63-79.

PONTIFICIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação bíblica na Igreja*. Roma, 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#I.%20M%C3%89TODOS%20E%20ABORDAGENS%20PARA%20A%20INTERPRETA%C3%87%C3%83O. Acesso em: 04 abr. 2021.

PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Che cosa è l'uomo? Un itinerário di antropologia bíblica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

PONTIFICIA OBRA PARA AS VOCAÇÕES ECLESIÁSTICAS. *Novas vocações para uma nova Europa*. Documento final do Congresso sobre as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada na Europa. Roma, 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_13021998_new-vocations_po.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

RADCLIFFE, Timothy. ¿Pueden ser los gays sacerdotes? 2011. Disponível em: <https://crismhom.org/pueden-ser-los-gais-sacerdotes-timothy-radcliffe/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

REIS, Toni; CAZAL, Simón. *Manual de Cristianismo LGBTI+*. Curitiba: Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual, 2021.

RELIGIÓN DIGITAL. *El 58% de curas y seminaristas encuestados por una universidad jesuita se declaró "no heterosexual"*. 24 ago. 2022. Disponível em: https://www.religiondigital.org/america/sacerdotes-seminaristas-aconsejan-reprimir-sexualidad_0_2479252053.html. Acesso em: 14 set. 2022.

RIBEIRO, Nilo. Ética teológico-cristã da sexualidade. In: DE MORI, Geraldo *et al.* (Orgs.). *Theologica Latinoamericana: enciclopédia digital*. Belo Horizonte, [2019]. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=158>. Acesso em: 14 set. 2022.

ROSS, Susan A. A noiva e o noivo: a antropologia teológica de João Paulo II e sua relação com a bíblia e a homossexualidade. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (Orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 71-91.

SACRED CONGREGATION FOR RELIGIOUS. *Religiosorum Institutio Instruction on the careful selection and training of candidates for the States of Perfection and Sacred Orders*. Rome, 1961. Disponível em: <https://adoremus.org/1961/02/religiosorum-institutio/#anchorri30>. Acesso em: 07 abr. 2022.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações educativas sobre o amor humano, linhas gerais para uma educação sexual*. Roma, 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html. Acesso em: 13 jul. 2021.

SALZMAN, Todd A.; LAWLER, Michael G. *A pessoa sexual: por uma antropologia católica renovada*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

SAN JOSÉ PRISCO, José. La homosexualidad: criterios para el discernimiento vocacional. *Seminarios*, Madrid, v. 48, n. 166, p. 529-551, oct. 2002. ISSN: 1131-6667, ISSNc: 2660-9487. Disponível em: <https://seminariosdigital.es/index.php/RevistaSeminarios/article/view/864/696>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SERRA, Cris. *Vemos pra comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

THÉVENOT, Xavier. *Meu filho é homossexual: como reagir? Como acompanhá-lo?* São Paulo: Loyola, 2004.

TONIETTE, Marcelo Augusto. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 41-52, [?/?] 2006. DOI: 10.35919/rbsh.v17i1.443. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/443. Acesso em: 12 mar. 2022.

TRASFERETTI, José Antônio. O papel dos formadores na formação: para além da mera formalidade e aparência. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 133-164.

UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS. *Human sexuality: a Catholic perspective for education and lifelong learning*. Washington DC: United States Catholic Conference Inc., 1997.

VALLE, Edênio. A Igreja Católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições. *Rever* (PUCSP), São Paulo, v. [?], n. 1, p. 153-185, 2006. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html. Acesso em 07 jul. 2021.

VALLE, Edênio. Do “não” à cultura gay à formação de subculturas gays: um impasse nos ambientes de formação. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 173-199.

VALLE, Edênio. Posições oficiais da Igreja sobre a homossexualidade. In: VALLE, Edênio (Org). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos: visão psicoterapêutica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 15-42.

VALLE, Edênio. Sexualidade humana e religiosidade: aproximação psicológica. In: VALLE, Edênio (Org). *Tendências homossexuais em seminaristas e religiosos: visão psicoterapêutica e pedagógica*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 51-64.

VIDAL, Marciano. Doctrina del magisterio eclesiástico católico reciente acerca de la homosexualidad. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 131-151.

VIDAL, Marciano. *Ética da Sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

VIDAL, Marciano. Homosexualidad y moral: el estado de la cuestión entre los teólogos católicos. In: DE LA TORRE, Javier (Ed.). *Homosexualidades y cristianismo en el s. XXI*. Madrid: Dykinson, 2020, p. 153-169.

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: moral do amor e da sexualidade*. Aparecida: Santuário, 1981.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

VITÓRIO, Jaldemir. *A formação na vida religiosa consagrada: reflexões para uma pedagogia mistagógica*. São Paulo: Paulinas, 2022.

VITÓRIO, Jaldemir. Formar-se é transfigurar-se. *Convergência*, Brasília, v. 52, n. 506, p. 38-53, mai. 2017. ISSN: 0010-8162.

ZACHARIAS, Ronaldo. Orientação afetivo-sexual: para além da cultura do “não pergunte, não diga”. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2019.